

O SIGNO DOS QUATRO



COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES

O SIGNO DOS QUATRO

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL

PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no “Strand Magazine” a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o “Strand Magazine” propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

O SIGNO DOS QUATRO

CAPÍTULO 1 – A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO

— O meu cérebro — disse Sherlock Holmes — revolta-se contra a estagnação. Dêem-me enigmas, dêem-me trabalho, mesmo que seja o mais complexo criptograma ou a mais intrincada análise e estarei no meu elemento. Detesto a monótona rotina da existência, pois preciso ter o cérebro em efervescência. Foi por isso que escolhi esta profissão especial, ou melhor, que a criei, já que no mundo sou o único a exercê-la.

— Considera-se o único detetive particular — estranhei, erguendo uma sobrancelha.

— Sou o único detetive particular *consultivo* — replicou. — Em matéria de investigação criminal, sou o mais alto tribunal de apelação. Sempre que Gregson, Lestrade ou Athelney Jones se encontram em maus lençóis nos seus inquéritos, o que, aliás, é freqüente, correm a me apresentar os casos.

Examino as premissas como um técnico e dou o meu parecer pericial. Não busco honrarias nesses meus trabalhos e o meu nome não aparece nos jornais. A única recompensa que pretendo reside na própria atividade e no prazer de que desfruto ao encontrar um campo para pôr em prática as minhas faculdades específicas.

De resto, meu caro Watson, você já teve ocasião de verificar os meus métodos de trabalho desde o caso de Jefferson Hope.

— Isso é verdade — confirmei. — Foi o primeiro caso que publiquei com o título, um tanto ou quanto fantástico, de “Um Estudo em Vermelho”.

Holmes abanou a cabeça, desiludido e comentou:

— Passei os olhos por isso. Sinceramente, não posso felicitá-lo. A investigação é, ou devia ser, uma ciência exata e como tal tratada friamente, sem a menor emoção. Você procurou dar certo colorido romântico, o que produz o mesmo efeito de uma história de amor ou de um rapto transformado na quinta proposta da geometria euclidiana.

— Mas havia algo de novelesco — repliquei. — Eu não podia alterar os fatos.

— Alguns fatos deviam ter sido cortados ou, pelo menos, tratados com um justo senso de proporção. O único ponto que mereceu referência foi o curioso raciocínio analítico dos efeitos para as causas, por meio do qual consegui desvendar o problema.

Essa crítica a um trabalho, feito especialmente para lhe agradar, aborrecia-me. Confesso que me irritava aquele seu egoísmo que parecia exigir que todas as linhas do meu livrinho fossem exclusivamente dedicadas às suas proezas. Mais de uma vez, durante os anos vividos com Holmes na Baker Street, tive ocasião de observar que uma certa vaidade se escondia sob as suas discretas maneiras didáticas. Contudo, não fiz qualquer comentário e continuei calado tratando da minha perna ferida. Há alguns anos que a bala de um mosquete afegão tinha a atravessado de lado a lado e, embora pudesse caminhar, doía-me bastante sempre que o tempo mudava.

— A minha clientela está se estendendo pelo continente — continuou Holmes, após alguns momentos, enchendo o seu velho cachimbo. — Fui consultado na semana passada por François Le Villard que, ultimamente, tem adquirido certo renome no serviço de investigações francesas. Possui a rápida intuição dos Celtas, mas lhe falta a grande bagagem de conhecimentos exatos que é essencial para um maior desenvolvimento desta arte. O caso relacionava-se com um testamento e tinha alguns aspectos interessantes. Tive oportunidade de relacioná-lo com dois casos paralelos, um ocorrido em Riga, em 1857, e outro em St. Louis, em 1871, os quais lhe sugeriram a solução exata. Aqui está a carta que recebi esta manhã, agradecendo o meu auxílio.

Atirou-me uma amarrotada folha de papel de carta estrangeira. Passei os olhos por ela, notando os abundantes pontos de exclamação e os “magnifique”, “coup-de-maître” e “tours-de-force” que adornavam a ardente admiração do francês.

— Fala como um aluno para o mestre — observei.

— Valoriza demais a minha ajuda — disse Holmes com indiferença. — Ele também tem um talento apreciável. Possui duas das três qualidades necessárias para um detetive ideal: tem capacidade de observação e de dedução. Só lhe faltam os conhecimentos que poderá adquirir com o tempo. Está traduzindo para o francês os meus pequenos trabalhos.

— Os seus trabalhos?

— Você não sabia? Sim, sou *culpado* por várias monografias. Todas sobre assuntos técnicos. Esta, por exemplo, intitula-se: “A Diferença entre as Cinzas de Vários Tabacos”. Nela enumero cento e quarenta tipos de tabaco usados em charutos, cigarros e cachimbos, com estampas coloridas que ilustram a diferença das cinzas. É um ponto que vem constantemente à tona nos processos criminais e que às vezes, como indício, se torna muito importante. Se você puder dizer, positivamente, que determinado assassinato foi praticado por um homem que estava fumando um charuto de tabaco indiano, é óbvio que isso reduz o campo

das pesquisas. Há tanta diferença entre as cinzas pretas de um Trinchinopoly e o farelo branco de um Caporal, como entre uma couve e um tomate.

— Você tem um gênio extraordinário para as minúcias — observei.

— Apenas avalio a importância delas. Eis aqui a minha monografia sobre o levantamento de pegadas, com algumas notas sobre as impressões. Este, por exemplo, é um curioso ensaio sobre a influência do ofício na forma da mão, com litografias das mãos de pedreiros, marinheiros, corticeiros, compositores, tecelões e lapidadores de diamantes. É um assunto de grande interesse prático para o detetive científico... principalmente nos casos de corpos não identificados, ou para descobrir os antecedentes dos criminosos. Mas estou lhe aborrecendo com a minha idiossincrasia ⁽¹⁾.

— De modo algum — protestei. — Tenho o maior interesse, principalmente depois de ter a oportunidade de observar a aplicação prática. Mas você falava de observação e dedução. Até certo ponto uma implica a outra, não é verdade?

— Só raramente — respondeu recostando-se voluptuosamente na cadeira e tirando do cachimbo delgados anéis de fumaça azulada. — Por exemplo, a observação demonstra que você esteve esta manhã no correio da Wigmore Street, mas a dedução indica que ao chegar ali enviou um telegrama.

— Correto — exclamei. — Correto em ambos os pontos! Mas confesso não perceber como conseguiu chegar a essa conclusão. Foi uma coisa que decidi na última hora e não a mencionei a ninguém.

— Pois é simples — afirmou, rindo da minha surpresa. — Tão absurdamente simples que torna supérflua qualquer explicação. Mas, pode servir para você definir os limites da observação e da dedução. A observação diz que você tem um pouco de terra vermelha presa à sola do sapato. Exatamente em frente ao correio da Wigmore Street, levantaram a calçada, deixando um pouco de terra no caminho, de maneira que é difícil não pisar nela ao entrar. A terra é de um vermelho típico que não se encontra em qualquer outro lugar das redondezas. Tudo isso é observação. O resto é dedução.

— Como deduziu que mandei um telegrama?

— Evidentemente, eu sabia que não tinha escrito uma carta porque passei toda a manhã sentado na sua frente. Além disso, vejo que há uma folha de selos na sua escrivaninha e um grosso maço de postais. Para que

⁽¹⁾ *Maneira própria de ver, sentir, reagir, de cada indivíduo.*

iria à agência dos correios, senão para mandar um telegrama? Elimine todos os outros fatores, e o que restar deve ser a verdade.

— Neste caso, trata-se de uma coisa muito simples. Seria impertinência minha se submetesse as suas teorias a uma prova mais rigorosa?

— Pelo contrário. Isso evitaria algum tempo de tédio. Terei o maior prazer em examinar qualquer problema que me apresente.

— Já ouvi dizer que é difícil um homem ter consigo um objeto de uso diário sem deixar nele a marca da sua individualidade, de maneira que um observador experimentado é capaz de interpretá-la. Tenho aqui um relógio que veio recentemente parar nas minhas mãos. Quer ter a bondade de dar a sua opinião sobre o caráter e os hábitos do seu último dono.

Entreguei-lhe o relógio com certa malícia, pois julgava impossível semelhante prova. Pretendia que isso lhe servisse de lição para o tom dogmático que ele às vezes assumia.

Holmes avaliou o peso do relógio com a mão, olhou atentamente para o mostrador, abriu a tampa traseira e examinou a máquina, primeiro a olho nu e depois com uma lente. Mal pude reprimir um sorriso diante do seu rosto desanimado quando me devolveu o relógio.

— Quase não há elementos — observou. — O relógio foi limpo recentemente, suprimindo os indícios mais sugestivos.

— Tem razão — confirmei. — Fizeram uma limpeza antes de me enviarem.

O meu companheiro estava escondendo o seu fracasso sob a mais vulgar das desculpas. Que elementos poderia encontrar num relógio sujo?

— Apesar de pouco satisfatória, a minha pesquisa não foi de todo infrutífera — prosseguiu, fitando o teto. — Julgo que o relógio pertenceu ao seu irmão mais velho, que o herdou de seu pai.

— Deduziu-o, sem dúvida, do H. W. gravado nas costas?

— Exatamente. O W. sugere o seu nome. A data do relógio é de cinquenta anos atrás e as iniciais são quase tão antigas como o relógio: logo, foi usado pela última geração. Geralmente as jóias passam para o filho mais velho; é muito provável que este tenha o mesmo nome que o pai. Seu pai, se bem me lembro, faleceu há muitos anos. Portanto, o relógio estava nas mãos do seu irmão mais velho.

— Até aí, tudo certo. Nota mais alguma coisa?

— Era um homem de hábitos desordenados e descuidados. Iniciou a vida com boas perspectivas mas esbanjou as oportunidades, viveu algum

tempo na pobreza com intervalos ocasionais de prosperidade e, por fim, entregando-se à bebida, faleceu. É tudo quanto posso deduzir.

Pulei da minha cadeira e comecei a andar impacientemente pela sala. Aquilo me magoava.

— Isso não é digno de você, Holmes — protestei. — Nunca imaginei que fosse capaz de descer tanto. Decerto andou fazendo perguntas sobre o meu infeliz irmão e agora finge ter deduzido aquilo que já sabia. Você não pode esperar que eu acredite nas suas palavras, quando me diz que leu tudo isso neste velho relógio! É cruel e, para falar com franqueza, tem bastante de charlatanismo.

— Meu caro doutor — disse, afavelmente —, queira aceitar o meu pedido de desculpas. Encarando o assunto como um problema abstrato, esqueci que era uma coisa íntima e dolorosa. Juro que nem sequer sabia da existência do seu irmão, até o momento em que examinei o relógio.

— Mas, então, como obteve esses fatos? São absolutamente corretos em todos os pormenores.

— Por sorte. Só expus o saldo das probabilidades. Não esperava tamanha precisão.

— Mas não foi apenas pura adivinhação?

— Não. Jamais arrisco um palpite. Isso é um hábito fatal para a capacidade de raciocinar logicamente. Parece-lhe estranho porque você não acompanhou a linha do meu pensamento, nem observou pequenos indícios dos quais se pode tirar grandes deduções. Por exemplo, comecei por certificar-me de que seu irmão era descuidado. Observando a parte inferior da caixa do relógio, notará que não está apenas gasta em dois lugares, mas toda machucada e arranhada: consequência do hábito de guardar objetos duros, tais como chaves ou moedas, no mesmo bolso. Decerto, não é difícil supor que um homem, que trata tão desdenhosamente um relógio de cinquenta guinéus, seja descuidado. Também não é muito aceitável a hipótese de que uma pessoa que tenha herdado um objeto de tal valor possa estar pouco provida de outros bens.

Inclinei a cabeça para mostrar que acompanhava o seu raciocínio.

— Nas casas de penhor da Inglaterra é muito comum gravarem o número da garantia com um alfinete na parte interna da tampa. É mais prático do que uma etiqueta e não há perigo de que o número seja trocado ou perdido. Há pelo menos quatro desses números, visíveis para a minha lente, no interior dessa tampa. Dedução principal: seu irmão estava freqüentemente

em apuros financeiros. Dedução secundária: ocasionalmente melhorava de vida pois, do contrário, não poderia resgatar o penhor.

Agora, peço que você olhe para a tampa interna, onde fica o buraco da chave. Veja as centenas de arranhões em torno dele... são marcas deixadas pela chave ao escorregar. A mão firme de um homem sóbrio nunca teria feito esses sulcos. Mas os notará sempre no relógio de um bêbado. Quando lhe dá corda, à noite, tem a mão insegura. Onde está o mistério?

— É claro como o dia — concordei. — Lamento a injustiça que lhe fiz. Devia ter tido mais fé nas suas maravilhosas faculdades. Posso lhe perguntar se, atualmente, tem alguma investigação em curso?

— Nenhuma. E não posso viver sem trabalho mental. Haverá outra coisa pela qual valha a pena viver? Olhe para a janela. Já houve um mundo tão vazio, tão cinzento e deprimente? Veja como o nevoeiro rola pelas ruas, entremostrando as casas desbotadas. Haverá algo mais irremediavelmente prosaico e material? De que me vale ter estas faculdades, doutor, quando não há onde exercê-las? O crime é banal, a existência é banal, e as outras qualidades que não sejam banais não têm qualquer função na face da Terra.

Abri a boca para contestar essa tirada mas, após uma pancada na porta, a nossa empregada entrou com um cartão de visita numa bandeja de bronze.

— Uma jovem deseja vê-lo — anunciou, dirigindo-se ao meu companheiro.

— Srta. Mary Morstan! — leu Holmes. — Hum! Não me lembro deste nome. Diga a essa jovem que entre, sra. Hudson. Não se retire, doutor. Prefiro que esteja presente.

CAPÍTULO 2 – A EXPOSIÇÃO DO CASO

Senhorita Morstan entrou na sala com um passo firme e aparentemente com a maior compostura. Era uma jovem loira, pequenina, elegante, enluvada e vestida com gosto. Havia, contudo, certa simplicidade no seu traje, que demonstrava recursos limitados. O vestido era de fazenda escura, mais cinza do que bege, sem guarnições nem enfeites. Usava também um pequeno turbante do mesmo tecido, apenas alegrado por uma pena branca, de um dos lados. O rosto não tinha feições muito regulares nem uma grande beleza, mas a expressão

era doce e amável e os grandes olhos azuis irradiavam simpatia e espiritualidade. Com a minha experiência sobre mulheres, que se estende por vários países e abrange três continentes, eu nunca tinha visto um rosto que sugerisse tão eloqüentemente uma natureza sensível e requintada. Não pude deixar de observar que ao se sentar na cadeira indicada por Holmes, mãos e lábios estavam tremendo e manifestava uma grande perturbação.

— Venho procurá-lo, sr. Holmes — declarou —, porque uma vez o senhor auxiliou a minha patroa, sra. Cecil Forrester, a solucionar um pequeno problema doméstico. Ela ficou muito impressionada com a sua gentileza e amabilidade.

— Sra. Cecil Forrester — repetiu Holmes, pensativamente. — Parece-me que tive a oportunidade de prestar-lhe um ligeiro serviço. Mas, segundo me lembro, foi um caso muito simples.

— Ela pensa de maneira diferente. Seja como for, o senhor não poderá dizer o mesmo quanto ao meu caso. Não posso imaginar coisa mais estranha, mais inteiramente inexplicável, do que a situação em que me encontro.

Holmes esfregou as mãos e os seus olhos brilharam. Inclinou-se para a frente com uma expressão concentrada nas feições aquilinas.

— Exponha o seu caso — convidou, num tom seco e profissional.

Senti-me muito embaraçado.

— Queiram me desculpar — proferi, levantando-me.

Para minha surpresa, a jovem ergueu a mão enluvada a fim de me deter.

— Se tiver a bondade de ficar aqui, talvez possa me prestar um inestimável serviço.

Voltei para a cadeira.

— Em resumo — continuou ela —, os fatos são estes. Meu pai, que era oficial de um regimento indiano, mandou-me para a Inglaterra quando eu ainda era uma criança. Minha mãe havia morrido e eu não tinha nenhum parente aqui. Fui, portanto, para um excelente colégio de Edimburgo, onde permaneci como interna até os dezessete anos. Em 1878, meu pai, que então era capitão expedicionário, obteve uma licença de doze meses e veio à Inglaterra. De Londres, telegrafou-me dizendo que tinha chegado muito bem e que fosse procurá-lo imediatamente no Langham Hotel, onde estava hospedado.

Era uma mensagem cheia de bondade e carinho. Ao chegar a Londres, dirigi-me para o Langham e fui informada de que o capitão Morstan estava realmente ali hospedado, mas havia saído na noite anterior e não tinha voltado. Esperei todo o dia sem ter notícias dele. À noite, a conselho do gerente do hotel,

informei a polícia e na manhã seguinte pusemos anúncios em todos os jornais. Isso não deu resultado e, desde aquele dia, nada mais se soube a respeito de meu pai. Ele voltava à pátria com o coração cheio de esperança, procurando encontrar paz e conforto, e em vez disso...

Levou a mão à garganta e um soluço lhe interrompeu a frase.

— A data? — pediu Holmes, abrindo o seu caderno de notas.

— Desapareceu no dia 3 de dezembro de 1878... há quase dez anos...

— A bagagem?

— Ficou no hotel. Nada continha que nos desse qualquer indicação... roupas, alguns livros e um grande número de curiosidades das ilhas de Andamã. Ele foi um dos oficiais da guarnição do presídio local.

— Tinha muitos amigos aqui em Londres?

— Sabemos apenas de um... o major Sholto, que era do mesmo regimento, a 34ª Infantaria de Bombaim. O major tinha se aposentado havia pouco tempo e morava em Upper Norwood. Fomos procurá-lo, naturalmente, mas ele nem sequer sabia que o seu colega de regimento se encontrava na Inglaterra.

— Um caso singular — comentou Holmes.

— Ainda não contei a parte mais estranha — prosseguiu a srta. Morstan.

— Há cerca de seis anos... no dia 4 de maio de 1882, para sermos exatos... apareceu um anúncio no jornal pedindo o meu endereço e dizendo que seria do meu interesse. Não dizia aonde nem a quem. Nessa época, eu acabava de entrar para a família de sra. Cecil Forrester na qualidade de governanta. A conselho dela, publiquei o meu endereço na coluna dos pequenos anúncios. No mesmo dia, chegou pelo correio uma caixinha de papelão dirigida a mim na qual encontrei uma grande e valiosa pérola. Não tinha nada escrito.

Desde então, todos os anos, na mesma data, aparece uma caixa idêntica com uma pérola idêntica, sem qualquer referência quanto ao remetente. Segundo o perito que as examinou, são pérolas de uma variedade rara e têm grande valor. O senhor pode verificar como são belas.

Abriu uma caixinha chata e mostrou-me seis pérolas das mais lindas que já havia visto.

— A sua declaração é muito interessante — animou-a Sherlock Holmes.

— Aconteceu-lhe mais alguma coisa?

— Sim, e justamente hoje. É por isso que aqui vim. Hoje de manhã recebi esta carta que talvez o senhor queira ler.

— Muito obrigado. O sobrescrito também, por favor. Carimbo de Londres S. W. Datado de 7 de julho. Hum! Marca de um polegar masculino no canto... provavelmente do carteiro. Papel da melhor qualidade. Sobrescritos de seis pences o maço. Pessoa exigente em matéria de papelaria. Nenhum endereço. “Esteja na terceira coluna da esquerda diante do Lyceum Theatre, esta noite, às sete horas. Se tiver medo, venha com dois amigos. Sofreu um dano e será feita justiça. Não traga a polícia. Se o fizer, tudo será em vão. Um amigo desconhecido.” Não há dúvida, isto é um pequeno mistério! Que pretende fazer, srta. Morstan?

— É exatamente o que desejo lhe perguntar.

— Então iremos sem falta... a senhora, eu e... Ah? Sim, o dr. Watson é o homem indicado. O seu correspondente diz dois amigos. O doutor e eu já temos trabalhado juntos.

— Mas ele quer ir? — perguntou a jovem, num certo tom de súplica.

— Será uma honra e uma satisfação — afiancei —, se puder lhe ajudar.

— Ambos são muito bondosos. Tenho levado uma vida retirada e não tenho amigos para quem apelar. Posso voltar aqui às seis?

— Não. Deve vir mais tarde — indicou Holmes. — Mas há ainda um outro ponto. Essa letra é a mesma do endereço que vinha nas caixinhas com as pérolas?

— Tenho-as aqui — respondeu ela, apresentando meia dúzia de pedaços de papel.

— A senhora é sem dúvida uma cliente modelo. Tem a intuição certa. Vejamos, então.

Holmes espalhou os papéis sobre a mesa e começou a examiná-los.

— São letras disfarçadas, exceto a da carta — concluiu pouco depois. — Mas não há dúvida quanto à autoria. Veja como é interrompido e o floreio final do S. Foram, sem dúvida nenhuma, escritos pela mesma pessoa. Não quero insinuar falsas esperanças, srta. Morstan, mas não há qualquer semelhança, entre esta letra e a de seu pai?

— Nada poderia ser mais diferente.

— Já esperava que me dissesse isso. Nesse caso, a esperaremos às seis. Permita-me que fique com estes papéis. Talvez eu tenha tempo de examiná-los melhor. São apenas três e meia. *Au revoir*, então.

— *Au revoir* — respondeu a nossa visitante e, com um olhar afável para cada um de nós, repôs no seio a caixinha com as pérolas, retirando-se a passos rápidos.

Da janela, vi-a descer desembaraçadamente a rua até que o turbante cinzento e a sua pena branca se tornaram apenas um pontinho claro na multidão incolor.

— Que mulher atraente! — exclamei, voltando-me para o meu companheiro.

Holmes reacendeu o cachimbo e recostou-se novamente na sua poltrona, com as pálpebras semicerradas.

— É? — disse ele, languidamente. — Não notei.

— Você é realmente uma máquina... uma máquina de calcular — protestei. — Às vezes, nem parece humano.

Holmes sorriu.

— É de extrema importância — sentenciou — não permitir que o nosso julgamento seja influenciado por qualidades pessoais. Para mim, um cliente é uma simples unidade, um fato num problema. As qualidades emotivas não combinam com um raciocínio claro. Afirmando-lhe que a mulher mais encantadora que já vi foi enforcada por ter envenenado três criancinhas para se apoderar do dinheiro do seguro, e que o homem mais repulsivo que conheço é um filantropo que já gastou quase quinze milhões com os pobres de Londres.

— Neste caso, contudo...

— Nunca faço exceções. Uma exceção anula a regra. Já teve ocasião de estudar grafologia? Que me diz da letra deste sujeito?

— É legível e regular — observei. — Talvez um homem de hábitos comerciais e com certa força de caráter.

Holmes abanou a cabeça.

— Veja as letras ascendentes — apontou. — Mal sobressaem das outras. Este D poderia ser um A, e este L, um E. Os homens de caráter diferenciam sempre as letras compridas, por mais ilegível que seja a sua escrita. Há uma certa indecisão no seu K, e amor-próprio nas maiúsculas. Agora vou sair. Preciso colher algumas referências. Permita-me que lhe recomende este livro... um dos mais notáveis que já se escreveram. É o “Martírio do Homem” de Winwood Reade. Voltarei dentro de uma hora.

Sentei-me junto da janela com o livro na mão, mas os meus pensamentos estavam longe das ousadas especulações do escritor. Revia mentalmente a nossa visitante... os seus sorrisos, o timbre da sua voz. O estranho mistério que pairava na sua vida. Se ela contava dezessete anos quando o pai desapareceu, devia ter agora vinte e sete... uma doce idade, na qual a

juventude já perdeu o embaraço que lhe é próprio e se tornou um pouco reservada pela experiência.

Assim continuei a meditar, até me virem à cabeça pensamentos tão perigosos que corri para a escrivaninha e mergulhei furiosamente no último tratado de patologia.

Quem era eu, senão um médico militar com uma perna fraca e situação financeira ainda mais débil, para se atrever a pensar em tais coisas? Ela era uma unidade, um fato... nada mais. Se o meu futuro era negro, certamente era melhor enfrentá-lo como homem do que procurar abrihantá-lo com a esperança da imaginação.

CAPÍTULO 3 – EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO

J á eram cinco e meia quando Holmes regressou. Estava alegre, animado e com excelente disposição de espírito, estado que nele se alternava com acessos da mais profunda depressão.

— Não há grande mistério neste caso — anunciou, pegando na xícara de chá que eu acabava de servir. — Os fatos parecem admitir uma única explicação.

— O quê? Você já solucionou?

— Bem, isso seria exagerar. Descobri um fato sugestivo e é tudo. Ao consultar a coleção do *Times*, verifiquei que o major Sholto, da Upper Norwood, pertencente ao 34º Regimento de Infantaria de Bombaim, faleceu a 28 de abril de 1882.

— Talvez eu seja muito ignorante, Holmes, mas não vejo o que isso possa significar.

— Não? Você me surpreende! Repare: o capitão Morstan desaparece. A única pessoa em Londres que ele pode ter visitado é o major Sholto. O major Sholto afirma não saber que o seu amigo estava em Londres. Uma semana após a sua morte, a filha do capitão Morstan recebe um valioso presente, que é repetido todos os anos e, agora, surge uma carta dizendo que ela teria sofrido um dano. A que dano poderá se referir, exceto o de a terem privado do pai? E por que motivo os presentes começariam logo após a morte de Sholto, a menos que o herdeiro de Sholto, sabendo do mistério, desejasse oferecer uma compensação? Sugere alguma outra hipótese que apresente o mesmo dilema e enquadre estes fatos?

— Mas que estranha compensação! E oferecida de maneira igualmente estranha! Por que motivo escreveria agora uma carta e não seis anos atrás? Além disso, a carta fala em fazer justiça. Que justiça? Não é de supor que o pai ainda esteja vivo. E que se saiba, não há outra injustiça no caso dela.

— Há algumas dificuldades... — considerou Holmes pensativo. — Mas a nossa investigação desta noite resolverá. Olhe, lá está um coche com a srta. Morstan. Está pronto? Então é melhor descermos, pois já passa da hora.

Peguei o chapéu e a minha mais grossa bengala, mas observei que Holmes tirou o revólver da gaveta e o enfiou no bolso. Pensava, evidentemente, que o nosso trabalho noturno talvez fosse perigoso.

A srta. Morstan trazia uma capa escura e o seu rosto delicado mostrava-se sereno, mas pálido. Não seria ela mulher, se não sentisse certo desassossego perante a estranha situação em que íamos nos envolver, mas, mesmo assim, estava perfeitamente senhora de si e respondeu rapidamente algumas perguntas que Sherlock Holmes lhe fez.

— O major Sholto era amigo íntimo de meu pai — elucidou. — As suas cartas estão cheias de referências ao major. Ele e meu pai comandavam a guarnição das ilhas de Andamã, de forma que estavam em constante contato. A propósito, na escrivaninha de meu pai foi encontrado um papel que ninguém conseguiu entender. Não me parece que tenha a menor importância, mas pensei que talvez o senhor quisesse vê-lo, por isso, trouxe-o comigo.

Holmes desdobrou o papel e alisou-o cuidadosamente sobre um joelho. Depois, metodicamente, examinou-lhe a superfície com a sua lente.

— Foi fabricado na Índia — observou. — Esteve algum tempo pregando numa prancha. O diagrama nele traçado parece ser parte da planta de uma grande construção com inúmeras divisões, corredores e passagens. Num determinado ponto há uma pequena cruz feita com tinta vermelha e acima dela: “3.37 vindo da esquerda”, escrito a lápis, quase apagado. No centro esquerdo há uma espécie de hieróglifo formado por quatro cruzeiros, em linha, com os braços ligados. Ao lado está escrito em letras muito grosseiras: “O signo dos quatro — Jonathan Small, Maomé Singh, Abdullah Kan, Dost Akbar”. Confesso que não vejo que relação possa ter com o caso. Porém, é evidentemente um documento importante. Esteve cuidadosamente guardado dentro de uma agenda de bolso, porque uma face está tão limpa como a outra.

— Foi na sua agenda de bolso que o encontramos.

— Guarde-o cuidadosamente, srta. Morstan, pois talvez esse papel nos

seja útil. Começo a suspeitar de que este assunto talvez seja mais complexo do que a princípio supus.

Holmes recostou-se no assento do coche e logo a expressão sombria em seu rosto me indicou que mergulhava nos seus pensamentos. A srta. Morstan e eu tagarelávamos a meia voz, sobre a nossa expedição e os seus possíveis resultados, mas o nosso companheiro manteve uma impenetrável reserva até ao fim da viagem.

Era uma noite de setembro e, apesar de ainda não terem dado sete horas, já estava bastante escuro por causa do denso nevoeiro que agora envolvia a grande cidade. Nuvens cor de barro desciam melancolicamente sobre as ruas enlameadas. No Strand, os lâmpões eram apenas manchas nevoentas de luz difusa, lançando um fraco reverbero circular sobre o pavimento viscoso. O clarão amarelado das vitrines refletia-se no ar vaporoso, projetando uma luz inconstante através das calçadas lotadas de gente. Para mim, havia qualquer coisa de espectral na interminável procissão de rostos que apareciam e desapareciam naqueles estreitos fachos de luz... tristes ou alegres, abatidos ou risonhos. Como todo o gênero humano, passavam da sombra para a luz e voltavam novamente para a sombra. Não me impressiono facilmente, mas a noite fosca e melancólica e a estranha missão que nos levava combinavam-se para me tornar deprimido. As maneiras de srta. Morstan davam-me a entender que ela compartilhava o mesmo sentimento. Somente Holmes podia pairar acima das influências triviais. Tinha o seu caderno de apontamentos sobre os joelhos e, de vez em quando, escrevia notas à luz da sua lanterna de bolso.

No Lyceum Theatre, o público já se amontoava diante das entradas laterais. Pela fachada principal, um contínuo desfile de carruagens que traziam a sua carga de homens de peito engomado e mulheres com capas e diamantes. Logo após termos chegado à terceira coluna, que era o nosso ponto de encontro, um homem baixo e moreno, vestido de cocheiro, se aproximou de nós.

— São as pessoas que vêm com a srta. Morstan? — perguntou.

— Sou a srta. Morstan, e estes dois cavalheiros são meus amigos — indicou ela.

O recém-chegado observou-nos com olhos penetrantes.

— Desculpe-me, minha senhora — declarou, de maneira um tanto rude —, mas preciso que me dê a sua palavra de que nenhum dos seus companheiros é da polícia.

— Dou-lhe a minha palavra a esse respeito — respondeu ela.

O homem soltou um assobio agudo e logo um rapaz maltrapilho mandou uma carruagem fechada se aproximar e abriu a porta. O primeiro deles subiu para a boléia, e nós ocupamos os nossos lugares. Mal acabávamos de nos sentar, o cocheiro fustigou o cavalo e arrancamos, com muita pressa, através das ruas nevoentas.

A situação era curiosa. Íamos para um lugar ignorado em missão igualmente ignorada. Porém, ou aquele convite não passava de uma farsa — o que era uma hipótese inconcebível — ou, então, tínhamos bons motivos para pensar que a nossa viagem teria conseqüências importantes. A atitude da srta. Morstan continuava tão resoluta quanto antes. Tentei alegrá-la e diverti-la com lembranças das minhas aventuras no Afeganistão mas, para falar a verdade, eu próprio estava tão excitado quanto ao nosso destino, que as minhas histórias ficaram confusas. Ainda hoje ela afirma que eu lhe contei uma emocionante história sobre a maneira como um mosquete olhou para a minha barraca altas horas da noite e de como eu lhe dei um tiro com uma arma de dois canos.

A princípio, tinha uma certa noção do rumo que tomávamos, mas depois, com aquela correria, com o nevoeiro e o meu escasso conhecimento de Londres, perdi a orientação e só notei que o caminho parecia muito longo. Sherlock Holmes ia perfeitamente à vontade, sussurrando nomes enquanto a carruagem atravessava praças e entrava e saía por tortuosas travessas.

— Rochester Row — disse ele. — Agora é a Vincent Square. Sairemos na Vauxhall Bridge Road. Aparentemente, vamos para os lados de Surrey. Sim, era o que eu pensava! Estamos sobre a ponte. Vemos o rio de vez em quando.

Vimos ligeiramente um trecho do Tâmesa, com os lampiões refletidos na água escura e silenciosa; mas a carruagem logo entrou no labirinto das ruas da margem oposta.

— Wandsworth Road — indicou o meu companheiro. — Priory Road. Lakhall Lane. Stockwell Place. Robert Street. Coldharbour Lane. A nossa investigação não parece nos levar a zonas muito elegantes.

Tínhamos alcançado um bairro duvidoso e mal afamado. As longas fileiras de casas sombrias com a fachada de tijolos eram apenas aliviadas pelo clarão incerto das tabernas nas esquinas. Seguiam-se depois ruas e ruas de casas com um jardimzinho dianteiro e, novamente, intermináveis fileiras de construções modernas com as suas fachadas de tijolo berrantes... tentáculos

monstruosos que a gigantesca cidade ia lançando para o campo. Por fim, a carruagem parou diante da terceira casa de uma rua recém-aberta. Nenhuma das outras casas estava habitada e a que tínhamos diante de nós estava tão escura como as outras, com exceção de uma pequena claridade na janela da cozinha. Ao batermos, a porta foi aberta por um criado indiano de turbante amarelo, roupas brancas e folgadas, e uma faixa também amarela. Havia algo de incoerente naquela figura oriental, enquadrada na porta de uma residência suburbana de terceira categoria.

— O *sahib* os espera — anunciou. Mas simultaneamente ouviu-se uma voz aguda que provinha do interior.

— Traga-os aqui, *khitmutgar* ⁽²⁾, imediatamente.

CAPÍTULO 4 – A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO

Acompanhamos o criado ao longo de um corredor sórdido e vulgar, mal iluminado e ainda mais mal mobiliado, até uma porta, à direita, que ele abriu. Um clarão de luz amarelada ofuscou-nos e, no centro da sala, deparamos com um homenzinho de cabeça pontiaguda, orlada por uma franja crespada de cabelos ruivos que lhe acentuavam a calva reluzente como um pico montanhoso a emergir entre árvores.

Estava de pé, esfregando as mãos, com as feições em constante movimento, ora sorrindo, ora enrugando a testa. A natureza tinha-o presenteado com um lábio carnudo e uma fileira de dentes amarelos e irregulares, que ele não procurava esconder, passando continuamente a mão pela parte inferior do rosto. Apesar da calvície, parecia jovem. Aliás, acabava de entrar na casa dos trinta.

— Um seu criado, srta. Morstan — repetia o homem, numa voz estridente. — Um seu criado, cavalheiros. Queiram entrar no meu refúgio. É uma salinha pequena, minha senhora, mas mobilada de acordo com o meu gosto. Um oásis de arte no árido deserto de South End.

Ficamos atônitos perante o aspecto do aposento em que nos introduziu. Aquela casa parecia tão deslocada, como um valioso diamante numa jóia de latão. As mais ricas e soberbas cantinas e tapeçarias revestiam as paredes, erguidas aqui e ali para mostrar um quadro finamente emoldurado ou um

⁽²⁾ “Criado” em *industanião*.

vaso oriental. O tapete era negro e âmbar, tão macio e espesso que os pés afundavam nele como num leito de musgo. Duas grandes peles de tigre aumentavam a impressão de luxo oriental, bem como um enorme narguilé ⁽³⁾, sobre uma esteira, num canto. Um candeeiro de prata, lavrado em forma de pomba e preso a um fio de ouro quase invisível, pendia no centro da sala. Ardia nele uma substância aromática que impregnava docemente a atmosfera.

— Thaddeus Sholto — apresentou-se o homenzinho, com os seus trejeitos e sorrisos. — Srta. Morstan, eu creio. E estes cavalheiros...

— Sr. Sherlock Holmes e dr. Watson.

— Um médico? — exclamou animado. — Trouxe o seu estetoscópio? Posso pedir-lhe... teria o senhor a bondade? Estou preocupado com a minha válvula mitral. A aorta não me preocupa, mas gostaria de ouvir a sua opinião sobre a mitral.

Examinei-o mas não lhe encontrei nada de estranho, exceto estar com muito medo, pois tremia da cabeça aos pés.

— Parece normal — declarei. — Não tem motivos para se preocupar.

— A senhora desculpará a minha ansiedade — acrescentou Sholto, negligentemente. — Sou um homem muito doente. Estou encantado por saber que os meus receios eram infundados. Se o seu pai, srta. Morstan, não abusasse como abusou do coração, talvez ainda hoje estivesse vivo.

Fiquei indignado com aquela referência grosseira e intempestiva a um assunto de tamanha delicadeza. A srta. Morstan sentou-se muito pálida.

— Eu não tinha certeza de que meu pai havia morrido.

— Posso dar todas as informações — acrescentou Sholto. — E posso fazer-lhe justiça, diga o que disser o mano Bartholomeu. Tenho muito prazer em ver aqui os meus amigos, não apenas como acompanhantes, mas também como testemunhas do que vou fazer. Poderemos comparecer de cabeça erguida perante o mano Bartholomeu. Mas nada de estranhos... de polícias ou autoridades. Podemos resolver tudo entre nós, satisfatoriamente, sem qualquer interferência. O mano Bartholomeu detesta publicidade.

Sentou-se num canapé e nos olhou com os seus olhos azuis, piscos e lacrimejantes.

⁽³⁾ *Cachimbo muito usado pelos turcos, hindus e persas.*

— Pela minha parte — afiançou Holmes —, tudo o que possa dizer não sairá daqui.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Excelente! Excelente! Posso oferecer-lhe um copo de Chianti, srta. Morstan? Ou de Tokay? Não tenho outros vinhos. Abro uma garrafa? Não? Muito bem. Espero que não se oponha ao fumo, a este balsâmico odor do tabaco oriental. Sinto-me nervoso e o meu narguilé é um precioso sedativo.

Aproximou a chama de uma vela do vaso bojudo e o fumo começou a borbulhar através da água de rosas. Sentamos em semicírculo, com a cabeça inclinada para frente e o estranho homenzinho do crânio reluzente ficou no centro, expelindo baforadas inquietas.

— Logo que resolvi lhe falar — prosseguiu —, podia ter indicado o meu endereço, mas receei que a senhora não atendesse ao meu pedido e trouxesse pessoas desagradáveis. Portanto, tomei a liberdade de marcar o encontro de maneira que o meu criado Williams pudesse vê-los primeiro. Tenho inteira confiança nele e lhe recomendei que não os trouxesse se a companhia não lhe agradasse. Espero que me perdoem estas precauções, mas sou um homem de gostos discretos e até poderia dizer requintados. Para mim, não há nada mais antiestético do que a polícia. Tenho uma aversão natural a todas as formas de materialismo grosseiro. Raramente entro em contato com a população. Moro, como vêem, cercado por um ambiente de certa elegância. Posso me considerar apologista das artes. É a minha fraqueza. Essa paisagem é um “Corot” legítimo e, embora um perito possa ter algumas dúvidas quanto a esse “Salvador Rosa”, não poderá haver nenhuma questão quanto ao “Bouguereau”. Tenho certa preferência pela moderna escola francesa.

— O senhor há de me desculpar, sr. Sholto — interveio a srta. Morstan —, mas estou aqui a seu pedido para ouvir uma coisa que deseja me dizer. É muito tarde e eu gostaria que fosse o mais breve possível.

— De qualquer modo, levará algum tempo — respondeu ele —, pois teremos de ir a Norwood para ver o mano Bartholomeu e tentar acalmá-lo. Está furioso comigo por eu ter tomado a atitude que me pareceu correta. Tivemos uma séria discussão ontem à noite. Os senhores não imaginam como ele é terrível quando se enfurece.

— Se vamos a Norwood, talvez fosse conveniente partirmos imediatamente — observei.

Sholto riu até ficar com as orelhas vermelhas.

— Isso não adiantaria. Não sei o que Bartholomeu seria capaz de dizer, se eu os levasse assim de surpresa. Preciso prepará-los primeiro, definindo a situação. Inicialmente devo dizer que há diversos pontos da história que eu próprio ignoro. Posso apenas expor os fatos sumariamente. Meu pai era o major John Sholto, do Exército Indiano. Apresentou-se há uns onze anos e foi morar na Pondicherry Lodge, em Upper Norwood. Como tinha prosperado na Índia, trouxe consigo uma considerável fortuna: uma grande coleção de curiosidades valiosas e vários criados nativos. Comprou uma casa e começou a viver com grande luxo. Meu irmão gêmeo, Bartholomeu, e eu éramos os seus únicos filhos.

Lembro-me muito bem da sensação causada pelo desaparecimento do capitão Morstan. Lemos os detalhes nos jornais e, sabendo que ele foi grande amigo de nosso pai, discutimos o caso na sua presença. Ele associava às nossas especulações ao que teria acontecido. Nunca suspeitamos de que era o único que sabia do destino de Arthur Morstan.

Sabíamos, no entanto, que algum perigo pairava sobre o nosso pai. Tinha muito medo de sair sozinho e mantinha ao seu serviço dois guarda-costas, disfarçados de porteiros da Pondicherry Lodge. Williams, que os trouxe aqui esta noite, era um deles. Já foi campeão de boxe, de peso leve, na Inglaterra.

O nosso pai nunca nos revelou o que temia, mas demonstrava enorme aversão por homens com perna de pau. Em certa ocasião chegou a disparar o revólver contra um homem sem uma perna, para depois verificar que aquele não passava de um inofensivo vendedor. Tivemos de pagar uma grande indenização para abafar o caso. Meu irmão e eu pensávamos que se tratava de um capricho de nosso pai, mas, depois, os acontecimentos nos fizeram mudar de opinião.

No início de 1882, meu pai recebeu uma carta da Índia que o deixou abalado. Quase desmaiou à mesa e, desde esse dia, foi sempre piorando até que morreu. Nunca pudemos descobrir o que continha a carta, mas enquanto a segurou na mão, notei que era breve e mal grafada. Havia muitos anos que ele sofria de dilatação do baço, mas piorou rapidamente e, no final de abril, fomos informados de que não havia esperanças e ele desejava falar conosco pela última vez.

Quando entramos no quarto, estava soerguido nos travesseiros e respirava com dificuldade. Suplicou-nos que fechássemos a porta e nos aproximássemos do leito. Depois, nos declarou com a voz entrecortada pela comoção. Procurarei reproduzir as suas próprias palavras:

— Tenho apenas uma coisa pesando na consciência. É a maneira como tenho tratado a órfã do pobre Morstan... Esta maldita ambição, que foi o

constante pecado da minha existência, tem roubado o tesouro cuja metade devia ser dela. Contudo, ainda não o gastei, tão insensata é a avareza. Nunca pude suportar a idéia de dividi-lo com outro. Vêem essa grinalda de pérolas, ao lado do frasco de quinino? Pois até disso não consegui me separar, embora a tenha tirado com a intenção de lhe entregar. Vocês, meus filhos, darão uma justa parte do tesouro de Agra. Mas nada lhe mandem... nem mesmo a grinalda... antes de eu falecer. Afinal de contas, muitos homens têm estado tão mal como eu e conseguiram escapar.

— Vou dizer como morreu Morstan — prosseguiu meu pai. — Havia muitos anos que ele sofria do coração, mas não disse a ninguém. Só eu sabia. Quando estávamos na Índia, por um singular conjunto de circunstâncias, entramos na posse de um considerável tesouro.

Eu trouxe o tesouro comigo para a Inglaterra e, na noite em que Morstan chegou, veio aqui para levar a sua parte. Chegou na estação a pé e foi recebido pelo meu velho Lal Chowdar, que já faleceu. Morstan e eu discutimos quanto à divisão do tesouro. De repente levou a mão ao peito, com o rosto avermelhado e caiu para trás, batendo a cabeça na quina da arca onde estava o tesouro. Horrorizado, vi que estava morto.

Fiquei atordoado sem saber o que fazer. O meu primeiro impulso foi pedir ajuda, mas não podia deixar de reconhecer que, com toda certeza, seria acusado de tê-lo assassinado.

A sua morte ocorrida num momento de discussão e aquele ferimento na cabeça seriam provas irrefutáveis. Além disso, um inquérito oficial não deixaria de investigar certos fatos sobre o tesouro que eu ansiosamente desejava manter em segredo. Morstan me disse que ninguém no mundo sabia onde ele tinha ido. E não me parecia haver necessidade de que o soubessem naquela ocasião.

Estava pensando no assunto quando vi o meu criado, Lal Chowdar, no limiar da porta. Esgueirou-se para dentro e trancou-a: — Nada receie, *sahib* — tranqüilizou-me —, ninguém precisa de saber que o senhor o matou. Vamos escondê-lo.

Respondi que não o tinha matado, mas Lal Chowdar balançou a cabeça e sorriu:

— Ouvi tudo, *sahib* — afirmou. — Ouvi a discussão e ouvi o ruído do golpe. Mas os meus lábios estão fechados. Todos estão dormindo. Podemos tirá-lo daqui.

Aquilo foi o bastante para me decidir. Se o meu próprio criado não acreditava na minha inocência, como podia esperar que ela ficasse provada perante doze comerciantes idiotas na barra de um tribunal?

Lal Chowdar e eu ocultamos o corpo e, poucos dias depois, os jornais londrinos relatavam o misterioso desaparecimento do capitão Morstan. A minha única culpa reside no fato de termos escondido não só o corpo, mas também o tesouro. Desejo, agora, restituí-lo. Por isso, quero que façam a restituição. O tesouro está escondido em...

Nesse instante — prosseguiu o homenzinho da calva reluzente —, a fisionomia de meu pai se transtornou. Os seus olhos se arregalaram, o queixo caiu e gritou: “Não o deixem entrar! Por amor de Deus, não o deixem entrar!” Olhamos pela janela e vimos um rosto na escuridão.

Distinguíamos perfeitamente o branco do nariz achatado contra a vidraça. Era um rosto barbudo, com olhos cruéis e uma expressão de concentrada maldade. Meu irmão e eu corremos para a janela, mas o homem já tinha desaparecido. Quando voltamos para junto de meu pai, a cabeça tinha pendido para o peito e o coração havia parado de bater.

Vasculhamos o jardim, mas só encontramos a marca de um pé, no canteiro, junto à janela. Depois, tivemos uma prova de que forças secretas nos rodeavam. Na manhã seguinte, a janela do quarto de meu pai foi encontrada aberta, e os armários e malas, na mais completa desordem. Na cômoda, estava fixado um pedaço de papel, em que se lia: O signo dos quatro.

Nunca soubemos o que essa frase significava, nem quem pudesse ter sido o nosso visitante. Nenhum objeto de meu pai foi roubado, mas tudo tinha sido revirado. Meu irmão e eu relacionamos esse incidente com o medo que lhe perseguia, mas ainda é um completo mistério para nós.

Sholto parou para reacender o narguilé e permaneceu alguns instantes fumando, pensativo. Tínhamos ouvido a sua extraordinária narrativa. Durante o breve relato da morte do pai da srta. Morstan, esta ficou mortalmente pálida e, por um instante, receei que fosse desmaiar. Refez-se, bebendo o copo de água que discretamente lhe servi de uma garrafa veneziana que estava a meu lado.

Sherlock Holmes continuava recostado na sua cadeira com uma expressão abstrata, de pálpebras meio descidas sobre os olhos cintilantes. Ao observá-lo, não pude deixar de recordar o quanto, nesse mesmo dia, ele se queixou da banalidade da vida. Ali, ao menos, estava um problema que exigiria o máximo da sua sagacidade. Sr. Thaddeus Sholto olhava para cada um de nós com evidente orgulho pelo efeito causado pela sua história, e prosseguiu entre baforadas do exagerado cachimbo:

— Meu irmão e eu ficamos perturbados com o tesouro de que meu pai falara. Durante meses reviramos todos os recantos do jardim sem descobrir o paradeiro do tesouro. Era de enlouquecer pensar que o local do esconderijo se extinguiu nos seus lábios no momento em que morreu. Podíamos avaliar o esplendor da riqueza desaparecida pela grinalda que retirara.

Quanto a essa grinalda, meu irmão e eu tivemos uma pequena discussão. As pérolas eram de grande valor e ele não aceitava a idéia de se separar delas, pois também tinha a tendência para a avareza de pai. Pensava que, se nos desfizéssemos da grinalda, talvez isso acabasse nos metendo em apuros. Tudo o que pude fazer foi convencê-lo de que me deixasse descobrir o endereço da srta. Morstan e mandar uma pérola a intervalos determinados para que, pelo menos, nunca passasse necessidades.

— Foi uma idéia generosa — apreciou a nossa companhia.

Sholto acenou a mão num gesto depreciativo.

— Nós éramos seus devedores. Pelo menos, era essa a minha maneira de ver, embora o mano Bartholomeu não tivesse a mesma opinião. Ambos tínhamos bastante dinheiro. Eu não desejava mais. Além disso, era de muito mau gosto tratar uma jovem de modo tão mesquinho. *Le mauvais goût mène au crime* ⁽⁴⁾. Os franceses tem uma maneira incisiva de dizer essas coisas.

A nossa diferença de opiniões foi tão longe que achei melhor montar uma casa só para mim e deixei Pondicherry Lodge, trazendo comigo Williams e o velho *khitmutgar*. Porém, ontem, soube que ocorreu um fato de extrema importância: o tesouro foi descoberto. Avisei imediatamente a srta. Morstan e, agora, só nos resta ir a Norwood e solicitar a nossa parte. Ontem à noite, expliquei o meu ponto de vista ao mano Bartholomeu, de forma que estará à nossa espera.

Thaddeus Sholto parou de falar, mas não de se agitar no seu luxuoso canapé. Todos ficamos em silêncio, pensando no novo aspecto que o assunto tomava. Holmes foi o primeiro a se levantar.

— O senhor procedeu muito bem. É possível que possamos lhe conceder uma pequena retribuição por ter dado alguma luz no que achava obscuro. Mas, como a srta. Morstan ainda há pouco observou, já é tarde e convém partirmos sem demora.

⁽⁴⁾ “O mau gosto conduz ao crime.”

Sholto enrolou meticulosamente o tubo do narguilé e, de trás de uma cortina, retirou um sobretudo com gola e punho de astracá, abotoado com alamares. Fechou-o até em cima por causa da noite abafada e deu um toque final na sua indumentária com um boné de pele de coelho cujas abas lhe cobriam as orelhas, de forma que nada dele se via além do rosto móvel.

— A minha saúde é um pouco frágil — observou, ao nos conduzir pelo corredor. — Sou obrigado a me comportar como um doente.

O nosso coche estava à porta, e era evidente que o programa fora previsto, pois o cocheiro logo atçou o cavalo a trote largo. Thaddeus Sholto conversava incessantemente, numa voz que dominava o matraquear das rodas.

— Bartholomeu é um sujeito esperto. Como pensam que descobriu onde estava o tesouro? Ele tinha chegado à conclusão de que devia estar em casa e não no jardim. Então, calculou todo o espaço cúbico da casa e procedeu a rigorosas medições, de modo que não deixou de examinar um único centímetro. Entre outras coisas, verificou que a altura do edifício era de vinte e três metros. Contudo, ao somar o pé-direito de todas as divisões, inclusive o espaço que havia entre elas, da qual se certificou por meio de perfurações, não pôde encontrar mais do que vinte e um e oitenta. Havia, portanto, um metro e vinte que não aparecia. Só poderiam estar no teto da casa.

Abriu um buraco no teto de estuque e sarrafos da sala mais alta e encontrou um novo sótão, que tinha sido entaipado e era ignorado por todos. No meio dele, sobre duas vigas, encontrava-se a arca do tesouro. Tirou-a de lá pela abertura. Bartholomeu calcula o valor das jóias em cerca de meio milhão de libras esterlinas.

Ao ouvir essa soma gigantesca, ficamos de olhos arregalados. Se a srta. Morstan conseguisse assegurar os seus direitos, se transformaria na mais rica herdeira da Inglaterra. Decerto, era o momento de um amigo leal se exultar com a notícia; envergonho-me, no entanto, de confessar que o egoísmo me fez sentir um enorme peso no peito. Balbuciei algumas palavras de congratulação e recostei-me abatido e surdo à tagarelice de Sholto. Era um hipocondríaco, pois não se cansava de citar uma série interminável de sintomas, e implorava informações quanto a inúmeros remédios de curandeiras, alguns dos quais trazia no bolso dentro de um estojo de couro.

Espero que se não lembre de nenhuma das respostas que lhe dei nessa noite. Holmes afirma que preveni Sholto contra o perigo de tomar mais de

duas gotas de óleo de rícino, ao passo que lhe recomendava a estricnina em grandes doses, como sedativo. Fosse como fosse, senti realmente um grande alívio quando o coche parou com um solavanco e o cocheiro saltou para abrir a porta.

— Estamos em Pondicherry Lodge, srta. Morstan — anunciou Thaddeus Sholto, ajudando-a a descer.

CAPÍTULO 5 – A TRAGÉDIA DE PONDICHERRY LODGE

Pouco faltava para as onze quando chegamos a essa fase final da nossa aventura noturna. Tínhamos deixado para trás o úmido nevoeiro da grande cidade e a noite estava agradável. Uma brisa morna soprava de Oeste e pesadas nuvens atravessavam o céu lentamente, deixando buracos por onde víamos a lua minguante. Estava ainda bastante claro, mas Thaddeus Sholto, tirando uma das lanternas da carruagem, iluminou melhor o caminho.

Pondicherry Lodge erguia-se no centro de um vasto terreno e estava cercada por um altíssimo muro de pedra arrematado com cacos de vidro. Uma porta estreita, guarnecida de ferro, era a única entrada. O nosso guia bateu, à maneira dos carteiros.

— Quem é? — gritou de dentro uma voz mal-humorada.

— Sou eu, Mac Murdo. Já devia conhecer a minha maneira de bater.

Ouviu-se um resmungo e o tinir de chaves. A porta girou pesadamente nas dobradiças e um homem baixo, de peito dilatado, surgiu na luz amarelada de uma lanterna que brilhava à altura do seu rosto anguloso, de olhos sonolentos e desconfiados.

— Sr. Thaddeus? Quem são os outros? Não tenho ordens do patrão para deixá-los entrar.

— Não? Isso me surpreende, Mac Murdo! Ontem à noite eu avisei o meu irmão de que traria alguns amigos.

— Ele hoje não saiu da saleta e eu não recebi qualquer ordem. O senhor sabe muito bem que não posso deixar entrar ninguém. O senhor pode entrar, mas os seus amigos terão de esperar.

Era um obstáculo inesperado. Thaddeus Sholto olhou em volta, perplexo, sem saber que fazer.

— Está agindo mal, Mac Murdo! — censurou. — Respondo por eles e é quanto lhe basta. Veio uma senhora conosco e não pode ficar à espera na rua a esta hora da noite.

— Sinto muito, sr. Thaddeus — teimou o porteiro. — Podem ser seus amigos, mas não serem amigos do patrão. Ele me paga para eu cumprir a minha obrigação, e a minha obrigação é esta. Não conheço qualquer dos seus amigos.

— Conhece, sim, Mac Murdo — exclamou Sherlock Holmes jovialmente. — Creio que você ainda me não esqueceu... Não se lembra do amador que, certa noite, há quatro anos, disputou três *rounds* com você no Alison em seu benefício?

— Sr. Sherlock Holmes! — trovejou o pugilista. — Como é que não o reconheci? Se o senhor tivesse avançado com um daqueles seus golpes de gancho, o teria reconhecido imediatamente. O senhor desperdiça uma grande capacidade! Se tivesse se mantido no boxe, quem sabe o lugar que hoje ocuparia.

— Está vendo, Watson? Se tudo o mais falhar, ainda me resta uma das profissões científicas — ironizou Holmes. — Estou certo de que este amigo não vai nos deixar ao relento.

— Entre, senhor, e os seus amigos também. Sinto muito, sr. Thaddeus, mas as ordens são severas. Eu precisava saber quem eram estes seus amigos antes de deixá-los entrar.

Lá dentro, uma vereda de saibro serpeava através do terreno desolado até uma vasta construção maciça, quadrangular, imersa na sombra, exceto uma janela do último piso que refletia debilmente um raio de luar. As enormes proporções do edifício, a escuridão e o silêncio eram perturbadores. Até Thaddeus Sholto não parecia muito à vontade, e a lanterna tremia na sua mão.

— Não posso compreender — observou. — Deve haver algum engano. Eu disse claramente a Bartholomeu que viríamos cá e, apesar disso, não vejo luz na sua janela!

— Mantém sempre a casa guardada desta maneira? — perguntou Sherlock Holmes.

— Sim. Adotou o sistema de meu pai. Era o seu filho predileto e, às vezes, penso que meu pai lhe tenha dito muito mais coisas do que a mim. Aquela janela onde bate a lua é a de Bartholomeu. Está bastante claro, mas não me parece que a luz esteja acesa.

— Veja o reflexo de uma luz naquela janelinha ao lado da porta — apontou Holmes.

— Esse é o quarto da governanta, sra. Bernstone. Ela poderá nos ajudar. Mas talvez seja melhor esperarem aqui um momento, porque, se formos juntos e ela não souber da nossa vinda, é capaz de se assustar. Escutem! Que é isto?

Ergueu a lanterna e a mão tremia de tal modo que o círculo de luz oscilava. A srta. Morstan agarrou meu pulso e ficamos imóveis, ouvindo.

No casarão escuro, no silêncio da noite, ouvia-se o choro entrecortado de uma mulher assustada.

— É sra. Bernstone — explicou Sholto. — A única mulher da casa. Esperem aqui um instante.

Correu até a porta e bateu da sua maneira especial. Logo, uma velha alta veio abrir, radiante por vê-lo.

— Sr. Thaddeus, que bom que o senhor tenha vindo! É um alívio vê-lo aqui!

Ouvimos essa senhora repetir a sua satisfação até que a porta se fechou e a sua voz se perdeu num tom abafado.

O nosso guia deixou a lanterna conosco. Holmes, movendo-a lentamente, olhou para a casa e para os montes de lixo que atulhavam o terreno. Miss Morstan e eu ficamos juntos e a sua mão continuava na minha. Coisa maravilhosa é o amor! Ali estávamos os dois, sem que nunca nos tivéssemos visto até aquele dia, e sem que tivéssemos trocado uma palavra ou um olhar afetuoso. Agora, num momento de perigo, as nossas mãos buscavam-se instintivamente. Naquele instante, parecia a coisa mais natural do mundo ficar a seu lado e, como ela me confessou mais tarde, também o seu instinto a empurrava para mim em busca de proteção. Ficamos de mãos dadas, como duas crianças, e apesar de tudo o que nos cercava, sentíamos uma grande paz no coração.

— Que lugar estranho — comentou. — Parece que soltaram aqui todas as toupeiras da Inglaterra. Já vi uma coisa parecida no flanco de uma colina, perto de Ballarat, onde os mineiros tinham cavado.

— E à procura da mesma coisa — disse Holmes. — O que aqui vemos são vestígios das buscas do tesouro. Lembre-se de que andaram seis anos à procura dele. Portanto, não admira que o terreno esteja todo revirado.

Nesse momento, a porta se abriu e Thaddeus Sholto saiu correndo na nossa direção, com as mãos erguidas, de olhos arregalados.

— Aconteceu alguma coisa com Bartholomeu! — gritou. — Estou apavorado!

Parecia prestes a chorar de medo e o seu rosto flácido, sobressaindo da enorme gola de astracã, tinha a expressão suplicante de uma criança assustada.

— Vamos entrar! — decidiu Holmes, no seu tom incisivo.

— Sim, por favor! — suplicou Thaddeus Sholto. — Não estou em condições de tomar qualquer decisão.

Fomos até ao quarto da governanta, que ficava à esquerda do corredor. A velha andava de um lado para outro, inquieta, torcendo as mãos, mas a presença da srta. Morstan pareceu sossegá-la um pouco.

— Deus abençoe o seu belo rosto, tranqüilo! — exclamou, com um soluço nervoso. — A sua calma me faz bem. O patrão se trancou na sua saleta e não responde quando bato. Gosta de ficar só, mas hoje não apareceu. Há cerca de uma hora, receei que tivesse acontecido qualquer coisa e, por isso, subi e espiei pelo buraco da fechadura. Suba, sr. Thaddeus, e veja o senhor mesmo. Já vi sr. Bartholomeu Sholto triste e alegre, durante estes dez anos, mas nunca o vi com uma expressão daquelas.

Sherlock Holmes pegou o candeeiro e passou à frente, porque os dentes de Thaddeus Sholto batiam de medo. Tão abalado se achava que tive de pegar no seu braço ao subirmos a escada. Enquanto subíamos, Sherlock Holmes tirou a lente do bolso e examinou umas marcas que para mim não passavam de manchas de pó na passadeira. Avançava lentamente, baixando o candeeiro e olhando à esquerda e à direita. Srta. Morstan ficou lá embaixo, com a governanta.

O terceiro lance da escada terminava num estreito corredor, com uma tapeçaria indiana à direita, e três portas à esquerda. Holmes avançou e o seguimos de perto, projetando longas sombras. Na terceira porta, Holmes bateu sem receber resposta. Depois, girou a fecho e a empurrou. Estava trancada por dentro e com um forte trinco. Mas, como tinham girado a chave na fechadura, o buraco não estava de todo fechado. Sherlock Holmes curvou-se para espiar e logo se ergueu, com uma exclamação de espanto:

— Isto é diabólico, Watson! Veja!

Curvando-me, espiei pela fechadura e recuei aterrorizado. O luar entrava no aposento. Olhando diretamente para mim, como se estivesse suspenso no ar porque embaixo tudo era sombra, flutuava um rosto... o próprio rosto do nosso companheiro Thaddeus. Era a mesma cabeça calva e pontiaguda, a mesma orla de cabelos ruivos, eriçados, a mesma pele pálida. As feições, porém, estavam fixas num sorriso horrível, estranhamente imóvel. Aquele rosto era de tal modo idêntico ao do nosso amigo, que olhei para ele a fim de verificar se realmente

estava conosco. Lembrei-me então de que nos disse ser irmão gêmeo de Bartholomeu.

— Isto é terrível! — comentei para Holmes. — Que vamos fazer?

— Arrombar a porta — respondeu e, atirando-se a ela, descarregou todo o seu peso contra a fechadura.

A porta estalou mas não cedeu. Juntos, nos lançamos contra ela que, desta vez, se escancarou com estrondo. Entramos, então, na saleta de Bartholomeu Sholto.

A sala parecia ter sido equipada como um laboratório químico. Uma dupla fileira de frascos com tampas de vidro corria ao longo da parede oposta à porta, e a mesa estava cheia de bicos de Bunsen, tubos de ensaio e retortas. Nos cantos, havia garrações de ácido em cestos de vime. Um deles parecia estar quebrado, pois deixou correr um fio de líquido escuro, e o ar estava impregnado de um cheiro particularmente azedo, como o do alcatrão. Num lado da sala, havia um tablado com degraus no meio de um entulho de estuque e sarrafos e, por cima dele, havia uma abertura no teto, suficientemente grande para deixar passar um homem. Ao pé do tablado, uma comprida corda foi atirada, descuidadamente.

Junto à mesa, o dono da casa estava sentado numa poltrona, com a cabeça pendente para o ombro esquerdo, e aquele sorriso espectral no rosto. Estava rígido e frio e, evidentemente, havia morrido há muitas horas. Pareceu-me que não só as feições, mas também os seus membros estavam contorcidos de maneira esquisita. Sobre a mesa, ao lado da mão, vimos um estranho instrumento... um pau castanho, rematando numa cabeça de pedra, semelhante à de um martelo, toscamente amarrada com uma corda grosseira. Junto dele, estava uma folha de papel, rasgada de um bloco de notas, na qual se viam uns rabiscos. Holmes lançou os olhos por ela, passando-me em seguida.

— Veja — convidou, erguendo as sobrancelhas.

À luz do candeeiro li, com um arrepio: “O signo dos Quatro”.

— Santo Deus! Que significa isto? — perguntei.

— Assassinato — respondeu, curvando-se sobre o morto. — Já o esperava. Olhe aqui!

Apontou para qualquer coisa que parecia um espinho comprido, cravado no couro cabeludo, pouco acima da orelha.

— Parece um espinho — observei.

— E é mesmo. Pode tirá-lo. Mas tenha cuidado porque está envenenado.

Segurei-o entre o polegar e o indicador. Saiu tão facilmente da pele que quase não deixou marca. Um simples pontinho de sangue indicava o lugar da picada.

— Isto se torna cada vez mais obscuro!

— Pelo contrário — respondeu Holmes. — Preciso apenas esclarecer alguns elos para ter todo o caso resolvido.

Quase nos tínhamos esquecido do nosso companheiro que ainda se encontrava no limiar da porta e era a própria imagem do terror. Subitamente, lançou um grito agudo.

— O tesouro desapareceu! — exclamou. — Roubaram o tesouro! Ali está o buraco por onde tiramos! Eu próprio o ajudei. Fui a última pessoa que o vi! Deixei-o aqui a noite passada e ouvi-o trancar a porta enquanto descia as escadas.

— A que horas?

— Às dez. E agora o meu irmão está morto! A polícia virá aqui e eu serei suspeito de ter participado nisto. Mas os senhores, com toda a certeza, não pensam que fui eu! Se fosse eu, por que os teria trazido aqui? Oh, meu Deus! Receio enlouquecer!

Pôs-se a agitar os braços e a bater os pés, convulsivamente.

— O senhor nada tem a temer, sr. Sholto — acalmou-o Holmes, pondo-lhe a mão no ombro. — Aceite o meu conselho: tome o seu coche, vá ao posto da polícia e comunique o fato às autoridades. Ofereça-se para ajudá-los em tudo. Esperaremos aqui até que volte.

O homenzinho obedeceu, estupefato, e ouvimos os seus passos incertos na escada, às escuras.

CAPÍTULO 6 – SHERLOCK HOLMES FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO

— **A**gora, Watson — anunciou Holmes esfregando as mãos —, temos meia hora e vamos aproveitá-la bem. O caso, como já lhe disse, está quase resolvido, mas não devemos pecar por excesso de confiança. Por simples que pareça, pode estar escondendo alguma coisa mais complexa.

— Simples! — exclamei.

— Perfeitamente — confirmou, com ar de catedrático a expor um caso

clínico aos alunos. — Mas sente-se naquele canto para que as suas pegadas não compliquem os vestígios. E agora, ao trabalho! Em primeiro lugar, como entraram aqui e como saíram? A porta estava fechada, desde ontem à noite. Seria pela janela?

Aproximou-se dela com o candeeiro na mão, fazendo observações em voz alta, mas dirigindo-se mais a si próprio do que a mim.

— A janela está trancada por dentro. A moldura é sólida e sem dobradiças laterais. Não existe cano de água aqui perto. O telhado está inteiramente fora do alcance. Mas um homem subiu pela janela. Choveu um pouco a noite passada. Aqui está a marca de um pé no peitoril. E aqui, uma mancha circular, meio enlameada, e outra ali no soalho e ainda outra perto da mesa. Repare, Watson. Isto é uma excelente prova.

Olhei para os círculos barrentos e bem definidos.

— Isto não é uma pegada — observei.

— É uma marca muito mais importante: a impressão de um pedaço de madeira. Você pode ver aqui no peitoril a marca do sapato, um sapatão pesado com salto de metal e ao lado a mesma marca redonda.

— É o homem da perna de pau.

— Exatamente. Mas estive aqui mais alguém... um cúmplice muito hábil e eficiente. Você seria capaz de escalar essa parede, Watson?

Espiei para fora pela janela. A luz ainda brilhava naquele lado da casa. Estávamos a quase vinte metros do chão e, de onde eu me encontrava, não se via onde firmar o pé, nem sequer uma fenda nos tijolos.

— É absolutamente impossível — respondi.

— Sem auxílio, é. Mas suponha que tem um parceiro que ele estende essa corda que vejo naquele canto, e fixa uma das pontas neste grande gancho, na parede. Nessas condições, creio que você conseguiria subir, mesmo com perna de pau. Como é natural, sairia da mesma maneira e o seu aliado puxaria a corda, retirando-a do gancho; fecharia a janela e sairia por onde tinha entrado. Como circunstância adicional, notará — continuou, passando os dedos pela corda — que o nosso amigo da perna de pau, embora suba bem não é marinheiro profissional. As suas mãos não tinham calos. A lente revela mais de uma marca de sangue, especialmente sobre a extremidade da corda, e disso mostra que ele escorregou com tal velocidade que arrancou a pele das mãos.

— É evidente, mas o caso está mais ininteligível do que antes. E esse aliado misterioso? Como conseguiu entrar aqui?

— Há algo de interessante a respeito desse cúmplice. Imagino que piso um novo terreno nos anais do crime em Inglaterra... embora casos similares me recordem a Índia e mais particularmente a Senegâmbia, se não estou errado.

— A porta está fechada. A janela é inacessível. Teria entrado pela chaminé?

— A abertura é muito pequena. Eu já tinha considerado essa possibilidade.

— Como ficamos? — insisti.

— Você não está pondo em prática o meu preceito — censurou, abanando a cabeça. — Quantas vezes lhe disse que, tendo eliminado o impossível, o que lhe restar, por improvável que seja, deve ser a verdade! Sabemos que ele não veio pela porta, nem pela janela, nem pela chaminé. Também sabemos que não podia estar escondido nesta saleta, pois aqui não há esconderijo possível. Logo, por onde entrou?

— Pelo buraco do teto?

— Exatamente. Deve ter entrado por ali. Se quiser ter a bondade de segurar o candeeiro, estenderemos agora as nossas pesquisas às águas-furtadas... ao quarto secreto onde foi encontrado o tesouro.

Subiu os degraus do tablado e, com ambas as mãos presas a um barrote, içou-se para a água-furtada. Depois, deitando-se de bruços, apanhou o candeeiro e me ajudou a subir.

O quarto onde agora nos encontrávamos teria cerca de três metros por dois. O assoalho era formado por barretes intercalados de leves sarrafos cobertos de estuque, de modo que, para se andar nele era preciso pôr o pé de viga em viga. O teto, muito inclinado, era evidentemente o forro do telhado da casa. Não havia nenhuma mobília e o pó, acumulado durante anos, formava uma espessa camada no chão.

— Aqui está — apontou Sherlock Holmes, pondo a mão na parede oblíqua. — Isto é um alçapão que dá para o telhado. Posso empurrá-lo para trás... e aqui está o telhado, num ângulo não muito inclinado. Logo, foi por aqui que o “Número Um” entrou. E agora, poderemos encontrar alguns outros sinais das suas características?

Holmes abaixou a luz para a assoalho e, nesse momento, pela segunda vez naquela noite, notei sua expressão de espanto. Quanto a mim, o sangue gelou nas minhas veias. O chão estava cheio de pegadas bem nítidas de pés descalços, mas que mal teriam metade do tamanho dos pés de um homem.

— Holmes! — murmurei. — Foi uma criança que praticou este horrível crime.

— Fiquei um momento surpreso — confessou —, mas a coisa é perfeitamente natural. Não há mais nada para ver aqui. Vamos descer.

— Qual é a sua hipótese a respeito dessas pegadas? — perguntei, quando estávamos novamente na saleta de Bartholomeu.

— Meu caro Watson, você conhece os meus métodos. Aplique-os e será instrutivo compararmos os resultados.

— Não posso conceber coisa alguma que enquadre os presentes fatos — respondi.

O meu amigo tirou do bolso a sua lente e uma fita métrica e, de joelhos, começou a medir o assoalho, com olhos penetrantes como os de uma ave de rapina. Tão rápidos e silenciosos eram os seus movimentos, que não pude deixar de pensar que terrível criminoso teria ele sido, se aplicasse a sua sagacidade contra a Lei e não em sua defesa.

— Não há dúvida de que estamos com sorte — exultou. — Daqui por diante, teremos pouco trabalho. O “Número Um” teve a infelicidade de pisar no creosoto. Veja o contorno do seu minúsculo pé, aqui ao lado do líquido derramado. O garraão sofreu uma pancada e começou a vaziar.

— E daí?

— Ora, já o temos na mão e mais nada — previu. — Sei de um cão que seria capaz de seguir este cheiro até o fim do mundo. Se uma matilha pode procurar, por todo um condado, um arenque arrastado na ponta de uma corda, que fará um cão especialmente treinado, quando seguir a pista de um cheiro tão penetrante? Mas, olá! Aí vêm os representantes da Lei.

Passos pesados e um ruído de vozes sonoras ressoaram no andar térreo. A porta se abriu com estrondo.

— Antes de eles chegarem — convidou Holmes —, apalpe o braço e a perna deste sujeito. Que sente?

— Os músculos estão rígidos como pedra — verifiquei.

— Exatamente. Acham-se num estado de extrema contração, muito além da rigidez cadavérica comum. Isso e esta contorção do rosto, este *risus sardonius*, como diziam os autores antigos, que conclusão lhe sugerem?

— Morte em consequência de um poderoso alcalóide vegetal — respondi. — Alguma substância semelhante à estricnina.

— Foi essa a idéia que me ocorreu no momento em que vi a tensão dos músculos da face. Ao entrar aqui procurei imediatamente verificar de que maneira o veneno foi inoculado. Como viu, descobri um espinho fincado

ou arremessado no couro cabeludo. Note que a parte atingida é exatamente a que ficaria na direção do buraco do teto, se o homem estivesse de pé junto à sua cadeira. Agora examine este espinho.

Peguei-o cautelosamente e aproximei-o da luz. Era negro, fino e comprido, com a ponta meio envernizada como se ali tivesse secado uma substância pegajosa. A base tinha sido cortada e arredondada.

— Este espinho veio de um espinheiro inglês? — perguntou ele.

— Não, de modo algum.

— Com todos estes dados, você podia tirar uma conclusão correta. Mas chegaram as forças regulares, de forma que os auxiliares devem se retirar.

Enquanto falava, os passos aproximavam-se pelo corredor e um homem gordo, de grande porte, usando um terno cinzento, entrou no aposento. Tinha o rosto vermelho, volumoso, com um par de olhos piscos e pequenos. Vinha acompanhado por um inspetor uniformizado e pelo ainda trêmulo Thaddeus Sholto.

— Que serviço! — exclamou, numa voz rouca e abafada. — Mas quem são estes senhores? Pelo que vejo, a casa está mais cheia que um viveiro de coelhos.

— Creio que deve se lembrar de mim, sr. Athelney Jones — disse Holmes, calmamente.

— Ah! É sr. Sherlock Holmes, o teórico. Lembro-me, sim. Nunca esquecerei a conferência que nos fez sobre causas e efeitos, no caso das jóias de Bishopgate. É verdade que nos pôs na pista certa mas, agora, deve reconhecer que aquilo foi mais sorte do que outra coisa.

— Tratou-se apenas de um simples raciocínio.

— Ora, deixe disso. Não se envergonhe de dar a mão à palmatória. Mas o que é isto? Hum! Coisa séria! Vamos aos fatos... e não às teorias. Por sorte, eu estava em Norwood tratando de outro caso! Estava no posto, quando chegou a informação. De que supõe que o homem tenha morrido?

— Não é um caso sobre o qual eu possa emitir teorias.

— Não é, não. Porém, você, às vezes, acerta em cheio. Santo Deus! Um caso de porta fechada, segundo me informaram. Jóias desaparecidas no valor de meio milhão. Como estava a janela?

— Fechada por dentro, mas há pegadas no peitoril.

— Se estava fechada, as pegadas nada têm a ver com o assunto. O homem poderia ter morrido de um ataque; mas as jóias se foram. Tenho uma

hipótese! Às vezes ocorrem-me estes lampejos. Sargento, saia para o corredor e o senhor também, sr. Sholto. O seu amigo pode ficar. Que pensa disto, Holmes? Sholto, segundo ele próprio confessou, estava com o irmão ontem à noite. O irmão morre de um ataque e, perante isso, Sholto foge com o tesouro! Que tal?

— E depois o morto, gentilmente, se levanta e fecha a porta por dentro?

— Hum! Há uma falha nisto. Encaremos o assunto com simples bom senso. Este Thaddeus Sholto estava com o irmão a noite passada e houve uma briga entre ambos. Isso é o que realmente sabemos. O irmão está morto e as jóias desapareceram. Isso também nós sabemos. Ninguém viu o irmão depois que Thaddeus o deixou. A cama dele está intacta. Thaddeus encontra-se evidentemente num estado de grande perturbação. A cara dele... bem, não é lá muito simpática. Vejo que estou fechando o cerco em torno de Thaddeus. A rede começa a envolvê-lo.

— O senhor ainda não está sabendo de todos os fatos — advertiu Holmes. — Este dardo de espinheiro, que julgo envenenado, estava cravado na cabeça do homem, aqui onde ainda se vê a marca. Este papel rabiscado estava em cima da mesa e, ao lado, achava-se este curioso instrumento rematado por uma cabeça de pedra. Como se encaixa tudo isto na sua hipótese?

— Perfeitamente, sob todos os aspectos — respondeu pomposamente o gordo detetive. — A casa está cheia de curiosidades indianas. Thaddeus trouxe com ele o instrumento e se esse dardo de espinheiro é venenoso, ele bem podia tê-lo utilizado no crime. O papel é uma mistificação... um falso indício, com toda a certeza. O único problema é saber por onde ele saiu. E, naturalmente, ali está aquele buraco no teto.

Com grande atividade, tendo-se em conta a sua corpulência, o investigador subiu as escadas e enfiou-se para a água-furtada. Imediatamente ouvimos a sua voz exultante, proclamando que tinha descoberto o alçapão.

— Jones descobre sempre alguma coisa — comentou Holmes, encolhendo os ombros. — Às vezes, tem uns certos momentos de lucidez. Il n'y a pas de sots si incommodes que ceux qui ont de l'esprit ⁽⁵⁾.

— Está vendo? — exultou Athelney Jones, descendo as escadas do tablado. — Afinal de contas, os fatos são melhores do que as teorias. A minha opinião sobre o caso está confirmada. Há um alçapão entreaberto, que dá acesso ao telhado.

⁽⁵⁾ Não há tolos mais incômodos do que os que têm espírito.

— Fui eu que o abri.

— Ah! Também o viu!? — resmungou desanimado com a descoberta.

— Bem, seja quem for que o tenha visto primeiro, o alçapão mostra como o nosso homem fugiu... Inspetor!

— Pronto — respondeu uma voz no corredor.

— Peça para sr. Sholto entrar aqui.

Pouco depois, declarava:

— Sr. Sholto, tenho a obrigação de informá-lo de que tudo o que disser poderá ser usado contra o senhor. Prendo-o em nome da Rainha, como implicado na morte de seu irmão.

— Aí está! Eu não disse? — exclamou o pobre homem, erguendo as mãos e olhando para nós.

— Não se preocupe com isso, sr. Sholto — tranquilizou Holmes. — Creio que posso livrá-lo dessa acusação.

— Não prometa demais, Sr. “Teórico”, não prometa demais! — retorquiu o detetive. — Talvez encontre mais dificuldade do que pensa.

— Não apenas o livrarei disso, como ainda lhe oferecerei o nome e sinais característicos de uma das duas pessoas que estiveram nesta sala, ontem à noite. O nome dele é Jonathan Small, homem de pouca instrução, baixo, enérgico, com a perna direita amputada e no lugar dela um coto de madeira que está gasto, do lado interno. O sapato esquerdo tem uma sola grosseira, é quadrada na ponta e traz um reforço de metal no salto. É um homem de certa idade, queimado do sol e já cadastrado. Estas poucas indicações podem servir para alguma coisa, juntamente com o fato de que lhe falta um bom pedaço de pele da mão. O outro homem...

— Ah! E o outro homem? — perguntou Athelney Jones desdenhosamente, mas mesmo assim impressionado com a precisão com que Holmes falava.

— É uma pessoa um tanto curiosa — respondeu o meu amigo, rodando nos calcanhares. — Espero apresentá-los, dentro de pouco tempo. Posso falar com você, Watson?

— Esta ocorrência inesperada — confidenciou-me, quando chegamos ao patamar da escada — quase me fez esquecer o objetivo da nossa viagem.

— Eu estava justamente pensando nisso — respondi. — Não convém que a srta. Morstan permaneça neste local macabro.

— Não. Você deve acompanhá-la até sua casa. Ela mora com sra. Cecil

Forrester, na Lawer Camberwell, não é muito longe daqui. Espero-o aqui, se quiser voltar. Ou está muito cansado?

— De modo algum. Não vou conseguir descansar sem saber mais alguma coisa a respeito deste caso fantástico. Já tenho visto muitos aspectos violentos da vida, mas esta rápida sucessão de estranhas surpresas abalou meus nervos e gostaria de acompanhá-lo até o fim.

— A sua presença será muito útil, Watson. Trabalharemos no caso, independentemente, e deixaremos Jones com os seus devaneios. Depois de deixar a srta. Morstan em casa, quero que vá ao nº 3 da Pinchin Lane, em Lambeth, perto do rio. É a terceira casa à direita, onde mora um taxidermista chamado Sherman. Tem na vitrine uma doninha com um coelho nos dentes. Acorde o velho Sherman e diga-lhe, com os meus cumprimentos, que preciso do Toby, imediatamente. Traga Toby com você, no coche.

— É um cão?

— Sim, e dotado de um faro simplesmente fantástico. Prefiro o auxílio de Toby do que todo o corpo de detetives de Londres.

— Conte comigo. É uma hora. Devo estar de volta antes das três, se conseguir encontrar um coche com um cavalo descansado.

— E eu verei o que posso saber sobre sra. Bernstone e o criado indiano, que, segundo sr. Thaddeus, dorme na água-furtada próxima. Depois estudarei os métodos do grande Jones e ouvirei os seus sarcasmos não muito delicados. “Wir sing gewohnt dass die Menschen verhöhnen was sie nicht verstehen”⁽⁶⁾. Goethe é sempre sentencioso.

CAPÍTULO 7 – O EPISÓDIO DO BARRIL

A polícia tinha trazido um coche e, nele, acompanhei a srta. Morstan até sua casa. Como é comum no temperamento angelical de algumas mulheres, ela enfrentou os acontecimentos com serenidade enquanto houve alguém mais fraco para consolar, de maneira que a encontrei tranqüila e animada ao lado da assustada governanta. Mas, dentro do carro, rompeu em soluços, abalada com a tragédia da noite. Disse-me, mais tarde, que nessa viagem eu parecia frio e distante. Mal

⁽⁶⁾ “É habitual vermos os homens zombarem daquilo que não podem compreender”.

suspeitava do esforço que eu fazia para me conter. Os meus sentimentos procuravam por ela instintivamente, assim como no jardim a minha mão buscou a dela. Muitos anos de convenções sociais não poderiam me ensinar a conhecer melhor a sua corajosa natureza do que naquele único dia de estranhas ocorrências. Porém, evitei dizer palavras afetuosas. Ela estava fraca e desamparada, com o espírito e os nervos abalados. Seria desleal me aproveitar disso para manifestar a minha afeição. Além disso, se a investigação de Holmes fosse bem-sucedida viria a ser uma herdeira rica. Seria justo e honroso que um cirurgião, a meio soldo, tirasse proveito de uma intimidade provocada pelo acaso? Ela não me olharia como um vulgar caçador de dotes? Não queria sequer pensar no risco de que semelhante idéia lhe passasse pela mente. Aquele tesouro de Agra erguia-se entre nós, como uma barreira intransponível.

Eram quase duas horas da manhã quando chegamos à residência de sra. Cecil Forrester. Os criados já estavam dormindo há muitas horas, mas sra. Forrester ficou tão interessada na estranha mensagem recebida pela srta. Morstan, que ainda aguardava o seu regresso. Ela própria abriu a porta. Era uma mulher de meia-idade, graciosa, e tive a satisfação de ver com que carinho o seu braço enlaçou a cintura da minha companheira e como era maternal a voz com que a saudou.

A senhorita Morstan, evidentemente, não era tida como uma simples empregada, mas estimada como uma amiga. Fui apresentado e sra. Forrester me suplicou que entrasse para lhe contar as nossas aventuras. Expliquei ter uma nova missão e prometi que voltaria para relatar o progresso do caso. Ao sair, olhei furtivamente para trás e ainda me parece ver aquele pequeno grupo na escada... as duas graciosas figuras abraçadas, a porta entreaberta, a luz da sala filtrada pelos vitrais, o barômetro e os reluzentes varões da passadeira. Agradava-me ver aquele lar inglês tranqüilo num intervalo do tenebroso caso que nos tinha absorvido.

E quanto mais pensava no que aconteceu, mais tenebroso me parecia. Analisei toda aquela extraordinária série de fatos enquanto o coche corria pelas ruas silenciosas, iluminadas pelos lampiões a gás. Havia o problema original: esse, pelo menos, estava agora bem claro. A morte do capitão Morstan, o envio das pérolas, o anúncio, a carta... tínhamos esclarecido todos esses acontecimentos. Porém, estes tinham nos conduzido a um mistério mais intrigante e ainda mais trágico. O tesouro indiano, o curioso mapa encontrado na bagagem do capitão Morstan, a estranha cena da morte do major Sholto, a redescoberta do tesouro e logo seguida o assassinato do

seu achador, as singularíssimas circunstâncias do crime, as pegadas, as armas impressionantes, as palavras rabiscadas no papel, idênticas às que se viam no mapa do capitão Morstan... eis um verdadeiro labirinto no qual um homem, menos excepcionalmente dotado que o meu companheiro de apartamento, talvez desistisse de encontrar uma pista.

Pinchin Lane era um agrupamento de casas velhas com fachadas de tijolo, na parte baixa da Lambeth. Tive de bater repetidas vezes na número três antes que aparecesse alguém. Por fim, uma vela tremulou atrás da vidraça e um rosto apareceu na janela superior.

— Vá andando, seu bêbedo — gritaram. — Se continuar a me importunar, abro os canis e solto quarenta e três cachorros atrás de você.

— Se soltar um só, é precisamente o que eu desejo — respondi.

— Fora! — gritou a voz. — Se não, atiro este atizador na sua cabeça!

— Mas eu quero um cachorro — gritei.

— Não quero conversa! — berrou sr. Sherman. — Saia daí

— Sr. Sherlock Holmes... — comecei a justificar. Estas palavras tiveram um efeito instantâneo, porque logo a janela se fechou e num minuto a porta estava destrancada e aberta. Sr. Sherman era um velho alto e magro, de ombros caídos, pescoço descarnado e óculos azuis.

— Um amigo de sr. Sherlock é sempre bem-vindo — saudou. — Entre, por favor. Cuidado com o texugo porque morde.

“Seu malcriado! Pretende arrancar um pedaço deste cavaleiro?”

Estas últimas palavras foram dirigidas a um arminho que meteu o focinho perverso entre as grades da sua jaula.

— Não se importe com esse outro — continuou o velho. — É inofensivo, pois já não tem as presas. Deixo-o solto, porque dá cabo das baratas. Não fique ressentido por eu ter sido um pouco rude. A garotada costuma vir me importunar. Às vezes, tocam a campainha só para me acordar. O que deseja sr. Sherlock Holmes?

— Um dos seus cães.

— Ah! Deve ser o Toby.

— Exatamente.

— O Toby mora no nº 7, à esquerda.

O velho avançou lentamente com a vela por entre uma curiosa família de animais que reuniu em sua volta. À luz incerta e fraca, eu distinguia os

pares de olhos reluzentes que nos espiavam de todos os cantos. Até as vigas que ficavam por cima das nossas cabeças eram ocupadas por aves que, preguiçosamente, mudavam de pata quando nossas vozes as acordavam.

Finalmente, apareceu Toby: um animal feio, peludo, de orelhas caídas, meio mastim, meio perdigueiro, amarelado, de andar desajeitado e pesado. Aceitou o torrão de açúcar que o velho colocou na minha mão e, firmando desse modo a nossa amizade, seguiu-me até o coche e não criou problemas para me acompanhar. Acabavam de dar três horas no relógio do Palace, quando cheguei novamente a Pondicherry Lodge. O ex-pugilista Mac Murdo foi preso como cúmplice e, tanto ele como sr. Sholto, já tinham sido conduzidos para o posto da polícia. Dois agentes guardavam a estreita entrada, mas deixaram-me passar com o cão quando mencionei o nome de Holmes.

Este estava na soleira da porta, com as mãos nos bolsos, fumando o seu cachimbo.

— Ah! Ótimo cão! Athelney Jones já foi embora. Fez uma demonstração de energia depois de você sair. Não só prendeu o nosso amigo Thaddeus, mas também o porteiro, a governanta e o criado indiano. Estamos sozinhos na casa, exceto o sargento lá em cima. Deixe aqui o cão e venha comigo.

Amarramos Toby à mesa da sala e subimos as escadas. O aposento estava como o tínhamos deixado, à exceção do lençol que agora cobria a figura central. Um sargento da polícia, de aspecto cansado, estava sentado num canto da saleta.

— Emprésteme sua lanterna, sargento — pediu o meu companheiro.
— Watson, amarre este pedaço de papel no pescoço, de modo que fique pendurado na minha frente. Assim. Obrigado. Agora tenho de tirar os sapatos e as meias. Quer levá-los para baixo com você, Watson? Vou fazer uma pequena escalada. E mergulhe o meu lenço no creosote. Pronto. Agora suba comigo à água-furtada.

Entramos pelo buraco do teto. Holmes dirigiu novamente a lanterna para as pegadas, no pó.

— Observe cuidadosamente estas marcas. Vê nelas alguma coisa digna de atenção, Watson?

— São de uma criança ou de uma mulher franzina.

— Mas além do tamanho, não nota mais nada?

— Parecem pegadas comuns.

— Nada disso. Olhe aqui! Esta é a marca de um pé direito. Agora vou

imprimir ao lado dela a marca do meu pé descalço. Qual a diferença mais evidente?

— Os seus dedos estão juntos; aqueles aparecem nitidamente separados.

— Exatamente. Fixe esse ponto. Agora, quer me fazer o favor de ir até aquela abertura e cheirar o estrado de madeira?

Fiz o que me pedia e, imediatamente, senti um forte cheiro semelhante ao do alcatrão.

— Foi aí que ele pousou o pé ao sair. Se você pode farejá-lo, creio que Toby não terá a menor dificuldade. Agora, desça ao andar térreo, solte o cão e espere pela minha chegada.

Quando cheguei ao jardim, Sherlock Holmes já estava no telhado, parecendo um enorme vaga-lume rastejando lentamente pela crista. Perdi-o de vista atrás de um conjunto de chaminés mas, dali a pouco, reapareceu para tornar a sumir no lado oposto. Quando contornei a casa, encontrei-o sentado numa das goteiras do telhado.

— É você, Watson?

— Sou.

— É aqui o lugar. O que é isso preto aí em baixo?

— Um barril.

— Tem tampa?

— Tem.

— Não há nenhum sinal de escada?

— Não.

— Diabo de sujeito! É um lugar para quebrar o pescoço. Se ele pôde subir por aqui, também eu posso descer. Os canos de água parecem firmes. Seja como for, lá vou eu.

Ouvi um escorregar de pés e a lanterna começou a descer pela parede num movimento uniforme. Depois, com um pequeno salto, Holmes caiu sobre o barril e, em seguida, saltou para o chão.

— Foi fácil segui-lo — declarou, calçando as meias e os sapatos. — As telhas estavam frouxas e ele, com a pressa, deixou cair isto. É um sintoma, coisa que confirma o meu diagnóstico, como vocês, os médicos, costumam dizer.

O objeto que me entregou era uma pequena bolsa, tecida com palha de diversas cores e cercada de miçangas graciosas. Não era muito diferente de uma cigarreira. Continha meia dúzia de espinhos negros, afiados numa

ponta e arredondados na outra, como o que tínhamos encontrado no pescoço de Bartholomeu Sholto.

— São armas infernais! — comentou. — Cuidado, não se pique. Estou muito satisfeito por tê-los encontrado, pois é muito provável que sejam todos quantos possuía. Assim, não precisamos ter medo de que eles nos espete um, na pele. Quanto a mim, prefiro enfrentar a bala de uma “Martini”. Você será capaz de agüentar um passeio de uma légua, Watson?

— Claro.

— A sua perna resistirá?

— Sem dúvida.

— Ah! Aqui. Toby! Toby! Cheira isto, Toby, cheira!

Holmes esfregou o lenço embebido em creosote no focinho do cão, enquanto este abria as patas, inclinando comicamente a cabeça, como um conhecedor cheirando o *bouquet* do vinho de uma colheita famosa. Holmes jogou fora o lenço, amarrou uma corda à coleira do animal e conduziu-o até ao barril de água. O cão começou a latir e, com o focinho no chão e o rabo no ar, saiu no rasto com uma rapidez que nos fazia andar o mais depressa que podíamos.

O dia foi clareando aos poucos. O casarão maciço, com as suas janelas negras e os seus muros altos, erguia-se triste atrás de nós. O nosso caminho seguia à direita pelo terreno que as escavações desfiguravam. Tudo aquilo, com os montes de lixo e os arbustos raquíticos, tinha um aspecto sinistro que combinava perfeitamente com a tragédia ocorrida.

Ao atingir o muro que delimitava a propriedade, Toby começou a correr, ganindo ansiosamente. Por fim parou numa esquina encoberta por uma pequena árvore. No ângulo em que os dois muros se encontravam, tinham sido quebrados vários tijolos e os buracos abertos estavam desgastados na parte inferior como se, freqüentemente, servissem de escada. Holmes subiu por eles e, pegando o cão das minhas mãos, passou-o para o outro lado.

— Aqui está a impressão da mão do homem da perna de pau — observou, enquanto eu subia no muro. — Há uma ligeira mancha de sangue no reboco branco. Que sorte não ter chovido desde ontem! O rasto está bastante fresco, apesar das oitenta e quatro horas que se passaram.

Confesso que tive as minhas dúvidas quando pensei no intenso tráfego londrino ocorrido naquele intervalo. Mas em breve os meus receios

desapareciam. Toby não hesitava e continuava avançando. Evidentemente, o cheiro ativo do creosote destacava-se entre os restantes.

— Não pense — sublinhou Holmes — que o meu êxito dependia de que alguém tivesse pisado casualmente o creosote. Já tenho outras pistas, mas esta é a mais fácil e, já que a sorte colocou-a nas nossas mãos, seria estúpido não utilizá-la.

— Estou maravilhado, Holmes, com os meios pelos quais você obtém os seus resultados neste caso.

— Ora, meu caro! É um problema elementar. Não quero assumir ares teatrais, mas é evidente. Dois oficiais que comandam a guarnição de um presídio descobrem um importante segredo sobre um tesouro enterrado. Um inglês chamado Jonathan Small desenha um mapa. Lembre-se de que vimos esses nome no mapa que estava em poder do capitão Morstan. Jonathan assinou-o por si e pelos seus sócios... o “signo dos quatro”, como chamou com certo dramatismo. Com o auxílio desse mapa, os oficiais... ou só um deles... apanha o tesouro e o traz para Inglaterra deixando de cumprir, suponhamos, qualquer condição estabelecida. Mas, então, por que motivo o próprio Jonathan não apanhou o tesouro? A resposta é óbvia. O mapa tem a data da época em que Morstan entrou em contato com os sentenciados. Jonathan Small não apanhou o tesouro porque ele e os seus sócios também eram sentenciados e não podiam sair de onde estavam.

— Mas isso é mera hipótese — critiquei.

— É mais do que isso: é a única hipótese explicativa. Vejamos como se enquadra na seqüência dos mesmos. O major Sholto passa tranqüilamente alguns anos, feliz por estar na posse do tesouro. Depois recebe uma carta da Índia que o aterroriza. O que seria?

— Uma carta informando que os homens, a quem ele enganou, tinham sido soltos.

— Ou fugido. Isto é muito mais provável, já que ele devia conhecer a duração da pena. Do contrário, não se surpreenderia. Que fez então? Precaveu-se contra um homem de perna de pau... um homem branco, note bem, porque confundiu-o com um vendedor ambulante, a ponto de lhe dar um tiro de pistola. Ora, no mapa, aparece o nome de um único homem branco. Os outros são hindus ou muçulmanos. Não há outro homem branco. Portanto, podemos dizer seguramente que o homem da perna de pau e Jonathan Small são a mesma pessoa. Este raciocínio está errado?

— Não, é claro e conciso.

— Pois bem. Agora vamos nos colocar no lugar de Jonathan Small e encarar a situação pelo seu ponto de vista. Vem à Inglaterra com a dupla intenção de reaver o que julgava de seu direito e de vingar-se do homem que o tinha ludibriado. Descobriu onde Sholto morava e, possivelmente, fez amizade com alguém da casa. Há aquele mordomo, Lad Rao, que não vimos. A sra. Bernstone não o descreve como boa pessoa. Small não pôde descobrir onde estava escondido o tesouro, pois ninguém o sabia, com exceção do major e de um fiel criado que já tinha morrido. Subitamente, Small é informado de que o major está doente. Em pânico, receando que o segredo do tesouro morra com o major, desafia os guardas e consegue chegar à janela do agonizante, e só não entra porque a presença dos seus dois filhos o impede. Mas, nessa mesma noite, furioso contra o morto, entra no quarto e revista os papéis particulares na esperança de descobrir alguma nota referente ao tesouro. Finalmente, deixa um sinal da sua visita numa breve mensagem. Sem dúvida, planejou-o de antemão; se o major já estivesse morto também, teria deixado um escrito semelhante sobre o corpo, como sinal de que aquilo não era um assassinato comum mas, sob o ponto de vista dos quatro associados, algo semelhante a um ato de justiça. Conceitos bizarros desta natureza são vulgares nos anais do crime e, geralmente, fornecem valiosas indicações quanto ao criminoso. Está acompanhando o raciocínio?

— Perfeitamente.

— Então, o que poderia fazer Jonathan Small? Simplesmente vigiar, secretamente, os esforços dos filhos do major para descobrirem o tesouro. Talvez ele sáísse da Inglaterra e só voltasse em intervalos certos. Depois, o tesouro é descoberto na água-furtada e ele é imediatamente informado. Novamente sentimos a presença de um ajudante dentro de casa. Jonathan, com a sua perna de pau, é absolutamente incapaz de subir o altíssimo aposento de Bartholomeu Sholto. Porém, leva um cúmplice bastante capaz, que afasta essa dificuldade, mas que põe o pé nu no creosote, deixando seu rasto pela casa.

— Então foi o cúmplice, e não Jonathan, quem cometeu o crime?

— Não há dúvida. E contra a vontade de Jonathan, a julgar pela maneira como pisou no assoalho quando entrou no aposento. Ele não guardava nenhum rancor contra Bartholomeu Sholto e teria preferido amarrá-lo e amordaçá-lo. Não queria expor o pescoço à forca. Mas o instinto selvagem

do seu companheiro tinha se manifestado. Jonathan deixou a mensagem, pegou o tesouro e sumiu com ele. Foi essa a sequência dos acontecimentos até onde posso decifrá-la. Quanto à sua aparência pessoal, está claro que deve ser um homem de meia-idade e queimado pelo sol depois de tantos anos no forno que são as ilhas de Andamã. A sua estatura é facilmente calculável, pelo tamanho dos passos e sabemos que era barbudo. Aliás, este pormenor foi o único ponto que impressionou Thaddeus Sholto, quando o viu à janela. Não sei se há mais alguma coisa.

— E o cúmplice?

— Ah! Não há grande mistério nisso. Mas em breve saberá bastante a esse respeito. Como está agradável o ar da manhã! Veja aquela nuvenzinha que flutua como uma pena rosada, caída de um flamingo gigantesco. Agora o disco vermelho do sol projeta-se contra a massa nevoenta de Londres. Brilha sobre muita gente, mas não sobre quem anda em missão mais estranha do que a nossa. Como nos sentimos pequenos com as mesquinhas lutas e ambições na presença das grandes forças elementares da Natureza! Está bem ao estilo do seu Jean Paul? ⁽⁷⁾

— Sofrivelmente. Li-o pelas referências de Carlyle. ⁽⁸⁾

— Isso equivale a acompanhar o riacho até o lago de onde ele brota. Ele faz uma observação curiosa: “a verdadeira grandeza do homem reside na percepção da sua pequenez”. Manifesta uma capacidade de comparação e análise que é uma prova de nobreza. Richter nos dá muito que pensar. Trouxe o seu revólver?

— Tenho a minha bengala.

— É possível que precisemos nos proteger se chegarmos à toca deles. Quanto a Jonathan, deixo-o para você, mas se o outro tentar nos atacar, meto-lhe uma bala na cabeça.

Ao dizer isso, tirou o revólver, introduziu dois cartuchos no tambor e guardou a arma no bolso direito do casaco.

⁽⁷⁾ *Jean Paul Friedrich Richter, escritor e filósofo alemão (1763/1825), um dos mais extravagantes gênios literários do seu tempo, cujas obras variaram entre o cômico, o sublime e o trágico. (N. do T.)*

⁽⁸⁾ *Thomas Carlyle, historiador e crítico escocês (1795/1881), que foi considerado uma das mais originais personalidades do seu século. (N. do T.)*

Estávamos seguindo Toby através de ruas rurais, rodeadas por residências que conduziam à cidade. Agora entrávamos por ruas contínuas, onde trabalhadores e homens das docas já estavam de pé, e mulheres desalinhadas varriam os degraus das portas. Nas esquinas começava o movimento das bares: homens mal-encarados apareciam limpando as barbas com as mangas, após o café da manhã. Cães estranhos olhavam-nos admirados, mas o nosso inimitável Toby continuava avançando com o focinho no chão, ocasionalmente latindo um pouco mais alto, quando o rasto era mais forte.

Tínhamos atravessado as ruas Streatham, Brixton, Camberwell, e agora estávamos na Kennington Lane, seguindo para leste do Oval, que atingimos por ruas transversais. Os homens que seguíamos pareciam ter feito um curioso caminho em ziguezague, talvez para evitar uma perseguição. Nunca escolhiam a rua principal quando havia uma paralela que lhes servisse. Na entrada da Kennington Lane, viraram à direita passando pela Barril Street e pela Miles Street. No ponto em que esta última rua se dirige para Knight's Place, Toby começou a correr para frente e para trás, com uma orelha em pé e a outra caída — a própria imagem da indecisão canina. Depois, começou a andar em círculo, olhando para nós, se desculpando.

— Que diabo tem o cachorro? — resmungou Holmes. — Com certeza não fugiram num balão. Ah! Lá vai ele de novo!

Parecia ter tomado uma resolução e lançou-se para a frente com uma determinação que ainda não havia mostrado. O rasto devia ser mais forte do que antes, porque nem precisava pôr o focinho no chão e se esforçava para se libertar da corda.

Continuamos descendo a Nine Elms até chegarmos a um grande depósito de madeira da “Broderick & Nelson”, pouco além da taberna da “Águia Branca”. Frenético, o cão entrou por um portão lateral do recinto onde os serradores já estavam trabalhando. Sobre aparas e montes de serragem, ao longo de um corredor entre pilhas de tábuas, lá foi ele nos puxando até que finalmente, com um latido triunfante, saltou para cima de um tonel que ainda não haviam descarregado da carroça. Com a língua de fora, Toby manteve-se em cima do tonel. As bordas deste e as rodas da carroça estavam sujas com um líquido preto e cheiravam fortemente a creosote.

Holmes e eu nos olhamos confusos e depois, simultaneamente, desatamos a rir.

CAPÍTULO 8 – OS IRREGULARES DA BAKER STREET

— Parece que Toby perdeu a sua fama de infalível — critiquei. — Ele procedeu de acordo com os elementos que possuía — considerou Holmes, tirando-o de cima do tonel e dirigindo-se para a saída. — Se você pensar na quantidade de creosote que em Londres é transportado num só dia, não se admiraria que o rasto tenha sido cortado por outro. Usa-se muito creosote para tratar a madeira. O pobre Toby não tem culpa.

— Voltamos ao rasto principal?

— Sim.

Felizmente, agora, a distância a percorrer não é grande. É evidente que o cão ficou confuso na esquina da Knight's Place, porque havia ali dois rastos em direções apostas. Seguimos o falso. Resta-nos seguir o outro.

Reconduzido à praça onde tinha se confundido, Toby farejou um largo círculo e finalmente partiu em uma direção.

— Devemos evitar que nos leve ao lugar de onde veio o tonel de creosote — observei.

— Já tinha pensado nisso. Mas repare que se mantém na calçada e que o tonel passou pelo meio da rua. Não, desta vez estamos na pista certa.

O rumo era agora para os lados do rio, cortando a Belmont Place e a Prince's Street. No fim da Broad Street, fomos diretamente para a beira da água, onde havia um pequeno armazém de madeira. Toby levou-nos até ali e ficou latindo, olhando para a água escura.

— Estamos sem sorte — lamentou Holmes. — Eles tomaram um barco.

Meia dúzia de pequenos barcos e canoas estavam amarrados às estacas do armazém. Levamos Toby a cada um deles, mas não deu sinal de satisfação.

Perto do embarcadouro havia uma casinha de tijolos, com uma tabuleta pendurada onde se lia: “Mordecai Smith” e, mais abaixo: “Alugam-se barcos por dia ou hora”. Um segundo letreiro informou que também havia uma lancha a vapor... anúncio este confirmado por uma grande pilha de carvão. Sherlock Holmes olhou ao redor e o seu rosto mostrou desânimo.

— Aqueles sujeitos são mais espertos do que eu esperava. Parece que tiveram o cuidado de não deixar rasto.

Aproximava-se da casa quando a porta se abriu e um garotinho de cabelo crespo, de uns seis anos, saiu correndo seguido por uma mulher gorda e vermelha, com uma enorme esponja na mão.

— Venha para o banho, Jack! — gritou ela. — Volte aqui, seu diabo!

— Venha aqui, meu rapaz! — interveio Holmes, diplomaticamente. — Querer ganhar uma coisa?

— Um xelim — sugeriu ele.

— Do que mais você gosta?

— Gosto mais de dois xelins — respondeu o prodígio, depois de pensar um pouco.

— Pegue-os, então! Toma! É um rapaz esperto, sra. Smith!

— Esperto demais, senhor. Custa-me segurá-lo, quando o meu marido não está.

— Está ausente? Que pena! Eu desejava falar com sr. Smith.

— Saiu ontem de manhã. E, para dizer a verdade, começo a ficar preocupada. Mas se desejava algum barco, talvez eu possa ajudá-lo.

— Quero alugar a lancha a vapor.

— Foi justamente na lancha que ele saiu. Por isso é que não compreendo. A lancha só tinha carvão para ir a Woolwich e voltar. Se ele tivesse ido na chata eu não me incomodava. Mas de que serve uma lancha a vapor sem carvão?

— Talvez tenha comprado carvão noutra cais do rio.

— Pode ser, mas não costuma fazer isso. Passa a vida protestando contra o preço que cobram lá. Além disso, não me agrada a cara daquele da perna de pau com quem foi.

— Um homem com perna de pau?

— Sim, um tipo queimado, com cara de macaco, que tem andado atrás do meu marido. Foi ele que o acordou ontem à noite, mas o meu marido já devia estar à espera dele porque a lancha já tinha pressão.

— Mas, minha cara sra. Smith — tranqüilizou Holmes, encolhendo os ombros. — Creio que está se preocupando por nada. Como sabe que foi esse homem com perna de pau quem veio ontem à noite?

— Pela voz dele, fanhosa. Bateu na janela... mais ou menos às três horas da manhã e gritou: “Pule da cama, patrão. Está na hora do seu plantão”. Meu marido acordou Jim, que é meu filho mais velho, e partiram sem me dizer nada. Ouvi a perna de pau batendo na calçada.

— E esse homem da perna de pau veio sozinho?

— Creio que sim. Não ouvi mais ninguém.

— É uma pena, sra. Smith, porque eu precisava de uma lancha a vapor e deram-me boas informações sobre a... Como é mesmo o nome dela?

— Aurora.

— Não é uma lancha verde de proa larga e com uma listra amarela na linha de água?

— Nada disso. É esguia, como nenhuma outra do rio. Acaba de ser pintada de preto, com duas listras vermelhas.

— Muito obrigado. Espero que o sr. Smith não demore. Vou descer o rio e, se encontrar a “Aurora”, digo ao seu marido que a senhora está inquieta. Chaminé preta, não é?

— Sim, mas com uma listra branca.

— Então, muito bom dia, sra. Smith. Ali está um barqueiro, Watson. Vamos atravessar o rio.

— O melhor a fazer com gente desta espécie — sentenciou Holmes, quando nos sentamos nos bancos da chata — é dar a entender que não temos o menor interesse nas suas informações. Do contrário, fecham-se como ostras. Mas se nos mostramos um pouco desinteressados, acabamos sabendo o que desejamos.

— O nosso trabalho agora parece-me claro — observei.

— O que você faria?

— Alugaria uma lancha e desceria o rio procurando a “Aurora”.

— Meu caro amigo, isso seria perder tempo. A lancha pode ter atracado em qualquer armazém, numa ou noutra margem, daqui até Greenwich. Depois da ponte, há um labirinto de embarcadouros que se estende por vários quilômetros. Levaríamos dias e dias para percorrê-los sozinhos.

— Vai avisar a polícia?

— Não. Provavelmente chamarei Athelney Jones, mas no último instante. Ele no fundo não é mau sujeito e eu não quero prejudicá-lo profissionalmente. Mas creio que posso ir mais além, sozinho, agora que já chegamos até este ponto.

— Não poderíamos pôr um anúncio nos jornais pedindo informações aos armazenistas?

— De maneira alguma! Os homens saberiam que estamos no encalço e logo deixariam o país. Alias é bem provável que o deixem, mas, enquanto se julgarem seguros, não terão pressa. A energia de Jones será útil porque o caso aparecerá na Imprensa diária e os fugitivos pensarão que todos seguem uma pista falsa.

— Que fazemos agora? — perguntei quando desembarcamos na margem oposta, próximo da penitenciária de Millbank.

— Vamos para casa comer e dormir um pouco. É muito provável que esta noite tenhamos trabalho.

Depois de entrarmos num coche, Holmes indicou:

— Pare numa agência telegráfica, cocheiro! Ficaremos com Toby, pois talvez ele ainda possa ser útil.

Paramos na agência da Great Peter Street e Holmes despachou um telegrama.

— Para quem supõe que o enviei? — perguntou, ao reiniciarmos a viagem.

— Não faço a menor idéia.

— Lembra-se do meu destacamento policial irregular da Baker Street, que empreguei no caso de Jefferson Hope?

— Certamente — respondi, rindo.

— Pois este é justamente um caso em que esses garotos vadios podem prestar um serviço inestimável. Se falharem, tenho outros recursos. O telegrama foi para o meu esfarrapado “tenente” Wiggins, e espero que ele e o seu bando estejam à nossa espera.

Eram quase nove horas e eu começava a sentir os efeitos da noite passada em claro. Estava cansado, com a perna doendo, o espírito embrutecido e o corpo fatigado. Não tinha o entusiasmo profissional do meu companheiro, nem podia olhar o assunto como mero problema intelectual. No tocante à morte de Bartholomeu Sholto, não podia sentir uma intensa antipatia pelos seus assassinos. O tesouro, no entanto, era um caso diferente. Pertencia, pelo menos em parte, à srta. Morstan. Enquanto houvesse uma possibilidade de recuperá-los, estava disposto me dedicar a esse objetivo. Holmes se empenhava em encontrar os criminosos. Eu tinha um motivo maior para descobrir o tesouro.

Na Baker Street, um banho e uma nova roupa me deram excelente disposição. Quando voltei à sala, encontrei Holmes tomando o seu café.

— Aqui está — disse, rindo e apontando para um jornal aberto. — O enérgico Jones e um repórter resolveram tudo. Mas é melhor tomar primeiro o seu café.

Peguei o Standard e li a breve notícia que se intitulava: “Crime Misterioso em Upper Norwood”.

Por volta da meia-noite de ontem, sr. Bartholomeu Sholto, de Pondicherry Lodge, em Upper Norwood, foi encontrado morto no seu aposento em circunstâncias que indicam uma ação criminosa. Até onde sabemos, nenhum sinal de violência foi encontrado na pessoa de sr. Sholto, mas uma valiosa coleção de pedras preciosas indianas, que o falecido herdou de seu pai, tinha desaparecido. O fato foi inicialmente verificado por sr. Sherlock Holmes e pelo dr. Watson, que foram visitá-lo, em companhia de sr. Thaddeus Sholto, irmão do falecido. Por feliz acaso, sr. Atleney Jones, conhecido membro da corporação de detetives da cidade, encontrava-se no posto policial de Norwood e compareceu, meia hora depois de ter sido dado o alarme. Sr. Jones demonstrou imediatamente os seus dotes excepcionais no esclarecimento do caso, com o resultado de o irmão, Thaddeus Sholto, já ter sido detido, juntamente com a governanta, sra. Bernstone, um mordomo indiano chamado Lal Rao, e um porteiro, chamado Mac Murdo. Ficou comprovado que os gatunos conheciam bem a casa, pois sr. Jones, com a sua faculdade de observação, provou que os assaltantes não poderiam ter entrado pela porta ou pela janela, mas sim pelo telhado da casa, saltando deste para um alçapão que conduzia à saleta onde foi encontrado o corpo. Esta circunstância, perfeitamente esclarecida, demonstra que o roubo não foi feito ao acaso. A ação, pronta e enérgica das autoridades, acentua a vantagem de poderem contar com um espírito profissional competente.

— Não é magnífico? — comentou Holmes, rindo por trás da sua xícara de café. — O que pensa disso?

— Penso que, por pouco, não fomos presos como cúmplices do crime.

— Eu também. Não garanto muito pela nossa liberdade, se Jones tiver outro dos seus acessos de enérgica lucidez.

Nesse momento a campainha tocou e ouvi a nossa empregada, sra. Hudson, protestando:

— Será a polícia, sr. Holmes? — receou.

— Não! Trata-se da corporação não oficial... dos irregulares da Baker Street.

Uma batida de pés nus ressoava na escada, com uma algazarra de vozes agudas e uma dúzia de garotos sujos e maltrapilhos invadiu a sala. Apesar da entrada tumultuosa, havia certa disciplina entre eles, porque imediatamente se puseram em linha e ficaram nos olhando, atentos. Um deles, mais alto e mais velho do que os outros, ficava à frente com um ar de superioridade que era cômico naquele pequeno espantalho das ruas.

— Recebi o seu telegrama, Chefe — anunciou —, e trouxe o grupo. Três xelins e seis pences de passagem.

— Aqui os tem — disse Holmes, dando-lhes umas moedas de prata. — De futuro, Wiggins, eles que falem com você, e você, diretamente comigo. Não quero a casa invadida desta maneira. Mas, já que estão todos aqui podem ouvir as instruções. Quero saber onde está uma lancha a vapor chamada Aurora: preta, com duas listras vermelhas, chaminé preta com uma risca branca. Pertence a um Mordecai Smith. A lancha anda pelo rio abaixo. Um dos garotos deve ficar no embarcadouro de Mordecai Smith, que é em frente do Millbank, para informar se a lancha já voltou. Vocês podem se dividir em dois grupos, um em cada margem do rio. Avisem-me logo que tiverem notícias. Entenderam?

— Perfeitamente, Chefe — afirmou Wiggins.

— O pagamento é o mesmo e há mais um guinéu para aquele que encontrar a lancha. Aqui está uma diária adiantada. Agora vão!

Holmes deu um xelim a cada um e os garotos partiram escada abaixo.

— Se a lancha está no rio, eles a encontrarão — disse Holmes, levantando-se da mesa e acendendo o cachimbo.

— Podem ir a toda a parte, ver tudo, escutar o que qualquer pessoa diz. Enquanto isso, não podemos fazer nada a não ser esperar pelos resultados. É impossível retomar a pista interrompida antes de encontrarmos a “Aurora” ou sr. Mordecai Smith.

— Acho que Toby pode comer estes restos, não? E você, Holmes, vai se deitar?

— Não. Não estou cansado. Tenho um organismo curioso. Não me lembro de ter ficado cansado pelo trabalho, mas a ociosidade me deixa completamente exausto. Vou fumar um pouco e pensar neste caso. Homens com perna de pau não são muito comuns, mas o outro deve ser um indivíduo raro.

— Aí vem você outra vez com isso!

— Não desejo fazer mistério, mas examine os fatos: pegadas pequenas, dedos que nunca usaram sapatos, pés nus, pedaço de madeira com cabeça de pedra, grande agilidade, pequenos dardos envenenados. Que lhe sugere tudo isso?

— Um selvagem! — exclamei. — Talvez um daqueles indianos que estavam associados a Jonathan Small.

— Não. Logo que vi as estranhas armas também pensei nisso, mas as dimensões das pegadas me levaram a pensar o contrário. Alguns habitantes da Índia são homens pequenos, mas nenhum teria deixado aquelas marcas. O indiano tem pés compridos e finos. Os muçulmanos, que usam sandálias, têm o polegar muito separado dos outros dedos, devido à correia que passa entre eles. Os pequenos dardos, também, só podiam ser arremessados por meio de uma zarabatana. De onde virá o nosso selvagem?

— Da América do Sul — sugeri.

Holmes estendeu a mão e tirou um grosso volume da prateleira.

— Este é o primeiro volume de um dicionário geográfico que está sendo publicado atualmente. Pode ser considerado a mais recente autoridade. Ora vejamos: “ilhas de Andamã, situadas a 340 milhas ao norte de Samatra, no golfo de Bengala”. Clima úmido, recifes de coral, tubarões, Part Blair, penitenciária, ilha de Rutland, algodoais... Aqui está! “Os aborígenes das ilhas de Andamã devem ser a mais pequena etnia da Terra, embora alguns antropologistas se inclinem pelos Pigmeus da África da Sul, pelos índios cavadores da América ou pelos naturais da Terra do Fogo. A sua estatura não excede um metro, não obstante existirem muitos indivíduos inteiramente adultos que são ainda mais baixos. São uma etnia intratável, mas se tornam devotadíssimos quando se lhes ganha a confiança”. Note isto, Watson.

Agora ouça: “São feios, com cabeças muito grandes e deformadas, olhos pequenos e cruéis, feições grosseiras. Os pés e mãos, no entanto, são notavelmente pequenos. Estes aborígenes mostram-se tão ferozes que os oficiais ingleses, apesar de todos os esforços, ainda não conseguiram conquistá-los. Sempre têm sido um terror para as tripulações dos navios naufragados, pois atiram-se aos sobreviventes com clavas de pedra ou matam-nos com pequenas setas envenenadas. Estes massacres culminam invariavelmente num festim antropófago”.

Gente boa e amável, Watson! Se o assaltante tivesse agido por conta própria, talvez o caso tivesse assumido um aspecto ainda mais horrível

— E como teria o perna de pau arranjado um tão estranho companheiro?

— Não sei. Mas uma vez que Small veio das ilhas de Andamã, não é coisa de espantar que esse selvagem tivesse vindo com ele. Ouça, Watson: você está exausto. Sente-se aqui no sofá que eu talvez o faça pegar no sono.

Holmes pegou o violino e, enquanto eu me espreguiçava, começou a tocar algo sonhador e melancólico... sem dúvida, de sua autoria, pois tinha notável talento para a improvisação. Lembro-me, vagamente, das suas mãos delgadas, do rosto grave e do subir e descer do arco. Depois, pareceu-me estar flutuando tranqüilamente num mar de som até chegar à terra dos sonhos, vendo o suave rosto de Mary Morstan que me olhava.

CAPÍTULO 9 – UM LAPSO NA SEQUÊNCIA

Acordei no meio da tarde, revigorado e bem disposto. Holmes encontrava-se exatamente como eu o tinha deixado, com a única diferença de que tinha posto o violino para o lado e mergulhado num livro. Olhou-me de esguelha quando me mexi e notei sua expressão preocupada.

— Você dormiu profundamente — observou. — Cheguei a recear que a nossa conversa o acordasse.

— Não ouvi nada. Teve boas notícias?

— Infelizmente, não. Confesso que estou desapontado. A esta hora eu já esperava ter alguma informação. Wiggins acaba de sair daqui. Disse-me que não descobriu o menor sinal da lancha. É um obstáculo irritante porque cada hora que passa é de grande importância.

— Não poderemos fazer alguma coisa? Estou pronto para outra noite de atividade.

— Nada podemos fazer. Só nos resta esperar. Se sairmos, o recado pode vir na nossa ausência e isso causará atrasos. Você pode ir aonde quiser, mas eu devo ficar de vigília.

— Nesse caso vou a Camberwell para visitar sra. Cecil Forrester. Ontem me pediu que fosse.

— Sra. Cecil Forrester? — perguntou Holmes com um brilho malandro nos olhos.

— E também a srta. Morstan, evidentemente. Estão ambas ansiosas por saber o que aconteceu.

— Eu não diria muita coisa — recomendou Holmes. — Nunca se pode confiar demasiado nas mulheres... nem mesmo nas melhores.

Não parei para discutir aquela opinião maldosa.

— Estarei de volta dentro de uma ou duas horas — avisei.

— Muito bem. Felicidades! Já que vai atravessar o rio, podia devolver Toby porque, daqui por diante, não creio que possa ser útil.

Levei o cão comigo e devolvi-o, juntamente com meia libra, ao velho naturalista de Pinchin Lane. Em Camberwell, encontrei a srta. Morstan um pouco abatida pelas emoções da noite anterior, mas ansiosa por notícias. A sra. Forrester também se mostrava curiosa. Contei-lhes o que tínhamos feito, omitindo os pormenores chocantes da tragédia. Assim, embora tivesse falado sobre a morte de Sholto, nada disse quanto ao método usado pelo assassino. Mas apesar das minhas omissões, ficaram assustadas.

— É um verdadeiro romance! — exclamou a sra. Forrester. — Uma jovem ludibriada, um tesouro de meio milhão, um canibal preto e um vilão de perna de pau. Substituem o dragão das lendas.

— E não esqueça dos dois cavaleiros andantes que correm a salvá-la — acrescentou a srta. Morstan, com um sorriso.

— Mary, a sua fortuna depende desta investigação, mas não me parece muito entusiasmada com isso — comentou a sra. Forrester. — Imagine o que será possuir essa fortuna e ter o mundo a seus pés!

Notei com alegria que a srta. Morstan não manifestava grande entusiasmo perante essa perspectiva. Pelo contrário, meneou a cabeça, como se estivesse pouco interesse por aquele assunto.

— É com sr. Thaddeus Sholto que estou preocupada. Acho que ele procedeu honradamente. É nosso dever livrá-lo dessa injusta acusação.

Anoitecia quando saí de Camberwell, e ao voltar para casa já era noite cerrada. O livro e o cachimbo do meu companheiro estavam em cima da sua cadeira, mas ele tinha desaparecido. Olhei ao redor, procurando um recado, mas nada encontrei.

— Sr. Sherlock Holmes saiu? — perguntei à sra. Hudson quando ela entrou para fechar as janelas interiores.

— Não, senhor. Já está no quarto... Estou um pouco preocupada com a saúde dele.

— Por quê?

— Anda tão esquisito! Depois de o senhor ter saído, começou a andar de um lado para outro, sem parar um instante, a ponto de eu ficar cansada de ouvir as passos. Depois, notei que falava sozinho e, sempre que tocavam à campainha, aparecia no patamar da escada perguntando-me quem era. Agora fechou-se no quarto, mas continua andando. Espero que não adoeça. Arrisquei-me a dizer qualquer coisa sobre um calmanete, mas me olhou de tal modo que saí do quarto o mais rápido possível.

— Não há motivo para se preocupar sra. Hudson. Já ficou assim muitas vezes. Anda preocupado com certo assunto.

Procurei falar despreocupadamente com ela, mas eu próprio senti certa preocupação ao ouvir o seu andar monótono e interminável, irritado com a inatividade involuntária.

Na manhã seguinte, durante o café, achei-o pálido e abatido, com o rosto avermelhado pela febre.

— Está se consumindo, meu velho — observei. — Ouvi você andar durante toda a noite.

— Insônia — respondeu. — Este problema me preocupa. É absurdo ficar detido por um mínimo obstáculo, quando o resto já foi resolvido. Conheço os homens, a lancha, tudo; e apesar disso não tenho notícias deles. Já empreguei todos os meios à minha disposição. Todo o rio foi vasculhado em ambas as margens e até agora nada! A sra. Smith também não recebeu notícias do marido. Devo concluir que afundaram a lancha? Mas há sérias objeções quanto a essa hipótese.

— A sra. Smith não nos terá posto numa pista falsa?

— Não me parece. Mandeí fazer investigações. Há realmente uma lancha, como a que ela nos descreveu.

— Quem sabe se não terão subido o rio?

— Também já considerei essa possibilidade. Tenho um grupo que irá até Richmond. Se hoje não vierem notícias, eu próprio iniciarei as pesquisas e, amanhã, irei atrás dos homens e não da lancha. Mas espero saber hoje alguma coisa.

Contudo nada soubemos de Wiggins nem dos outros investigadores. A maioria dos jornais referia-se à tragédia de Norwood. Todos se mostravam hostis ao desventurado Thaddeus Sholto. À tarde, fui a pé até Camberwell a fim de informar as senhoras do nosso insucesso e, ao voltar, encontrei Holmes de mau humor. Mal respondeu às minhas perguntas e passou a

noite embrenhado numa análise química que exigia o aquecimento de retortas e a destilação de vapores cujo cheiro quase me fez sair de casa. Altas horas da noite, ainda se ouvia o tinir dos seus tubos de ensaio.

De madrugada, acordei sobressaltado com ele ao lado da minha cama, vestido de marinheiro, com um jaquetão grosseiro e uma manta vermelha enrolada ao pescoço.

— Vou para o Tâmis, Watson — anunciou. — Estive examinando o caso e só encontro uma investigação que vale a pena tentar.

— Posso acompanhá-lo?

— Não. Será mais útil para mim se ficar aqui, pois é provável que chegue qualquer mensagem, embora Wiggins, ontem à noite, não tivesse grandes esperanças. Quero que abra todas as cartas ou telegramas e proceda de acordo com o seu critério se chegar alguma notícia. Posso contar com você?

— Sem dúvida.

— Receio que não seja possível me telegrafar, pois nem eu sei dizer onde poderei estar. Mas, se tiver sorte, não demorarei muito.

Quando me sentei à mesa ainda não tinha recebido qualquer notícia. Abrindo o Standard, encontrei, porém, uma nova referência ao caso:

Quanto à tragédia de Upper Norwood, temos razões para acreditar que o assunto promete ser mais complexo e misterioso do que originalmente se supunha. Novas provas demonstram ser impossível que sr. Thaddeu Sholto possa estar envolvido no assunto. Ele e a governanta, sra. Bernstone, foram soltos ontem à tarde. Acredita-se que a polícia tenha uma nova pista quanto aos verdadeiros culpados, e que está sendo seguida por sr. Athelney, da Scotland Yard, com a sua conhecida energia e sagacidade. Esperam-se novas prisões a todo o momento.

Agradou-me saber que Sholto fora posto em liberdade. Existiria uma nova pista ou seria o chavão que a Imprensa costuma empregar quando a polícia comete algum erro?

Ia atirar o jornal em cima da mesa quando um anúncio da coluna dos desaparecimentos chamou minha atenção:

DESAPARECIDOS. Mordecai Smith, barqueiro, e seu filho Jim deixaram o embarcadouro Smith por volta das três horas da manhã de terça-feira última, na lancha a vapor *Aurora* (de casco preto com duas listras vermelhas e chaminé preta com uma risca branca) e não

regressaram nem foram encontrados. Gratifica-se com cinco libras qualquer pessoa que possa informar a sra. Smith no embarcadouro Smith, ou no 221-b da Baker Street, sobre o paradeiro do dito Mordecai e da lancha *Aurora*.

Aquilo era evidentemente obra de Sherlock Holmes. Bastava o endereço da Baker Street para prová-lo. Pareceu-me engenhosamente redigido, pois os fugitivos poderiam lê-lo sem desconfiar, achando mais do que natural a ansiedade de uma esposa perante o desaparecimento do marido...

Foi um dia longo. Todas as vezes que batiam à porta ou se ouviam passos apressados na rua, eu imaginava que era Holmes ou alguém que respondia ao anúncio. Tentei ler, mas os meus pensamentos desviaram-se para a pista desconexa que perseguíamos. Não haveria qualquer erro fundamental no raciocínio do meu companheiro? Não seria possível que o seu espírito especulativo tivesse construído uma teoria com falsas hipóteses? Ocorria-me também a possibilidade de que a sua própria argumentação pudesse induzi-lo ao erro e que, por inclinação natural, tivesse preferido uma explicação complexa quando outra, mais simples, estivesse ao seu alcance. Contudo, ao recordar a longa série de circunstâncias, não me era possível deixar de concluir que, se a explicação de Holmes estava errada, a verdadeira hipótese também não deixaria de ser complexa.

Às três horas da tarde, soou a campainha, ouviu-se uma voz autoritária no corredor e, para minha surpresa, o sr. Athelney Jones em pessoa foi introduzido na sala de estar. Contudo, parecia muito diferente do áspero professor de raciocínio que tão confiadamente se encarregou do caso em Upper Norwood. Estava deprimido, quase humilde.

— Bom dia, doutor — saudou. —, o sr. Sherlock Holmes não está, segundo me disseram?

— Não, nem sei quando voltará. Mas talvez o senhor queira esperar um pouco. Sente-se e sirva-se de um destes charutos.

— Obrigado. Espero, sim — decidiu, enxugando o rosto com um lenço vermelho estampado.

— Aceita um uísque?

— Só meio, por favor. Faz muito calor para esta época do ano e tenho andado numa fadiga. O senhor conhece a minha teoria a respeito do caso de Norwood?

— Lembro-me dela.

— Pois fui obrigado a reconsiderá-la. Já tinha fechado o cerco sobre sr. Sholto, mas ele escapou. Tinha um álibi irrefutável. Desde o momento em que saiu do quarto do irmão até que o prendemos, esteve sempre na presença de alguém e provou-o. Dessa maneira, não podia andar pelo telhado e passar por alçapões. É um caso muito obscuro e o meu nome profissional está em jogo. Preciso de um pequeno auxílio...

— Todos nós precisamos de auxílio em certas ocasiões — animei.

— O seu amigo sr. Sherlock Holmes é um homem notável — proferiu em voz rouca e confidencial. — Já o vi trabalhar num bom número de casos e não sei de um único que não tenha esclarecido. Os seus métodos são irregulares e é, talvez, apressado em formular as suas teorias, mas daria um grande inspetor. Recebi um telegrama dele esta manhã.

Tirou o telegrama do bolso e estendeu-me. Foi emitido de Polar, às doze horas.

Vá imediatamente à Baker Street. Estou no encalço do bando.

Sholto, se quiser, poderá vir conosco esta noite para o final.

— Conseguiu evidentemente reencontrar o rasto — exultei.

— Ah! Então também ele andou investigando! — exclamou Jones, com evidente satisfação. — Às vezes, até os melhores se enganam. É claro que isto também pode ser um alarme falso, mas, como representante da lei, o meu dever é não deixar escapar a mínima possibilidade. Está alguém à porta. Talvez seja ele.

Alguém subia a escada com passos pesados e a respiração ofegante. Depois de duas ou três pausas, dando a impressão de que parava para ganhar fôlego, o homem chegou à porta e entrou. A sua aparência correspondia ao que tínhamos ouvido, pois era um velho curvado, usando um surrado jaquetão abotoado até ao pescoço. Tinha as costas curvadas, os joelhos trêmulos e a respiração difícil dos asmáticos. Ao apoiar-se num grosso bastão de carvalho, os ombros se erguiam no esforço para respirar. Tinha uma manta colorida enrolada até ao queixo, de forma que eu pouco via o rosto, exceto os olhos vivos e escuros, as espessas sobrancelhas brancas e as costeletas grisalhas. No todo, dava-me a impressão de um respeitável marinheiro entrado em anos e na pobreza.

— Que deseja, meu velho? — inquiri.

— Sr. Sherlock Holmes está em casa? — indagou.

— Não, mas eu o substituo. Pode me dar o recado.

— Não. É pessoal.

— Mas estou lhe dizendo que pode tratar comigo. É a respeito do barco de Mordecai Smith?

— Sim. Sei onde está. Sei onde estão os homens que ele procura. E também sei onde se encontra o tesouro.

— Então, diga-me, que eu me comunicarei com ele.

— Não, é mesmo pessoal — repetiu o visitante, com a teimosia insolente dos velhos.

— Nesse caso terá de esperar por ele.

— Não vou perder um dia inteiro. Se o sr. Holmes não está aqui, que se arranje sozinho. Não gosto da vossa cara e não direi coisa alguma.

Encaminhou-se tropegamente para a porta, mas Athelney Jones o deteve.

— Espere um pouco, amigo — pediu. — O senhor tem informações importantes e não deve ir embora. Queira ou não queira, ficará aqui até o nosso amigo voltar.

O velho tentou alcançar a porta, mas quando Athelney Jones o segurou com os seus ombros largos, reconheceu que era inútil insistir.

— Bela maneira de tratar as pessoas! — gritou, batendo com o bastão no assoalho. — Entrei aqui para falar com um cavalheiro e vocês dois, que nunca vi mais gordos, me param deste modo!

— O senhor não perderá nada com isso! — repliquei. — Será recompensado pelo tempo que perder conosco. Sente-se nesse sofá que a espera não será longa.

O velho obedeceu zangado, sentou-se e apoiou o queixo nas mãos. Jones e eu voltamos aos nossos charutos e à nossa conversa.

Depois alguns instantes, uma voz nos interrompeu.

— Acho que bem podiam me oferecer um charuto — sugeriu.

Jones e eu pulamos da cadeira.

— Holmes! — exclamei. — Você aqui? Mas onde está o velho?

— Aqui está o velho — respondeu, mostrando um tufo de cabelos brancos. — Aqui... cabelos, sobrancelhas e suíças. O meu disfarce me parecia bastante bom, mas não pensei que fosse capaz de resistir a esta prova.

— Seu malandro! — exclamou Jones alegremente. — Você poderia ter sido ator, e dos bons. A sua tosse vinha diretamente de um asilo e aquelas pernas trôpegas valiam dez libras por semana. Mas notei qualquer coisa nos seus olhos. Não me iludiu assim tão facilmente.

— Estive trabalhando todo o dia com este disfarce. Acontece que no mundo do crime já começam a me conhecer... principalmente depois de este meu amigo, dr. Watson, ter publicado alguns dos meus casos... de forma que só mascarado posso fazer as minhas expedições. Recebeu o meu telegrama?

— Sim, foi por isso que aqui vim — respondeu Jones.

— Fez algum progresso no caso?

— Tudo se complicou! Tive de soltar os dois presos e não obtive qualquer prova contra os outros dois.

— Não se preocupe com isso. Nós lhe daremos outros dois em troca. Mas deve colocar-se sob as minhas ordens. Oficialmente só os seus esforços aparecerão, mas tem de proceder dentro das linhas que eu lhe indicar. Está de acordo?

— Inteiramente, se me ajudar a encontrar os assassinos.

— Muito bem. Em primeiro lugar, desejo que uma lancha veloz da polícia esteja às sete horas junto à escadaria de Westminster.

— Temos sempre uma lancha atracada nesse cais.

— Preciso também de dois homens robustos para o caso de os bandidos resistirem.

— Haverá dois ou três na lancha. Que mais?

— Quando caçarmos os homens, apanharemos o tesouro. Creio que será um prazer para este nosso amigo levar a caixa à jovem que tem direito à metade. Quero que seja ela a primeira pessoa a abri-la. Que acha, Watson?

— Será um grande prazer para mim.

— É um procedimento bastante irregular — considerou Jones, abanando a cabeça. — Mas, como toda esta história é irregular, suponho que é melhor fechar os olhos. O tesouro deverá ser entregue às autoridades logo em seguida, até que se proceda à investigação oficial.

— Sem dúvida. Não haverá dificuldade nisso. Mais uma coisa. Eu gostaria de ouvir alguns pormenores sobre este caso do próprio Jonathan Small. Haverá alguma objeção, quanto a eu ter uma pequena entrevista com ele, aqui ou em qualquer outro lugar, desde que ele esteja bem vigiado?

— Você está muito confiante. Nem sequer tenho provas da existência desse Jonathan Small. Mas, se você o apanhar, não vejo como lhe recusar uma entrevista com ele.

— Então está combinado?

— Perfeitamente. Há mais alguma coisa?

— Sim, insisto em que jante conosco. Seremos servidos, dentro de meia hora. Tenho ostras e um par de faisões, com alguns vinhos brancos, não muitos, a escolher. Watson, nos seus escritos, você ainda não comentou os meus méritos como dona de casa.

CAPÍTULO 10 – O FIM DO ILHÉU

Jantamos animadamente. Holmes, quando bem disposto, era um excelente conversador. Parecia estar num estado de exaltação nervosa. Nunca o vi tão brilhante, falando sobre dramas sacros, cerâmica medieval, o budismo de Ceilão, violinos Stradivarius, navios de guerra do futuro... tratando de tudo como se tivesse estudado a fundo essas matérias. O seu bom humor indicava uma reação contra a depressão dos dias anteriores.

Athelney Jones revelou-se sociável nas suas horas de folga, e atirou-se ao jantar com ar de *bon vivant*. Quanto a mim, sentia-me feliz com a idéia de que nossa tarefa estava chegando ao fim. A alegria de Holmes contagiou-me e durante o jantar, ninguém mencionou a causa que nos havia reunido.

Quando tiraram a toalha, Holmes olhou para o relógio e encheu três cálices de vinho do Porto.

— Saúde — propôs —, pelo êxito da nossa próxima expedição. Vamos lá! Tem revólver, Watson?

— Levarei a minha velha pistola de serviço, que está na escrivaninha.

— Convém estar prevenido. Vejo que o coche está à porta. Mande-o vir às seis e meia.

Passava das sete horas quando chegamos ao cais de Westminster e ali encontramos uma lancha à nossa espera. Holmes examinou-a com um olhar crítico.

— Há alguma coisa que a identifique como uma lancha da polícia?

— Este farol verde.

— Então tire-o.

Feita esta alteração, embarcamos e soltamos as amarras. Jones, Holmes e eu fâmos sentados à popa. Estava um homem no leme, outro na máquina, e dois vigorosos inspetores da polícia na proa.

— Qual o rumo? — perguntou Jones.

— Para as lados da Torre. Mande-os parar diante do estaleiro “Jacobson”.

A lancha era rápida. Passamos pelas fileiras de chatas carregadas, com a ilusão de que estariam ancoradas. Holmes sorriu satisfeito, quando ultrapassamos um vapor fluvial.

— Acho que estamos aptos a alcançar tudo o que flutue — exultou.

— Não há muitas lanchas que possam nos bater — replicou Jones.

— Teremos que alcançar a *Aurora*, e ela tem fama de ser veloz. Vou dizer em que pé estão as coisas, Watson. Lembra-se de como eu estava preocupado?

— Sim.

— Pois acalmei o espírito, mergulhado numa análise química. Já um dos nossos grandes estadistas reconheceu que o melhor repouso é mudar de atividade. Quando consegui dissolver o hidrocarbonato com que estava trabalhando, voltei ao problema dos Sholto e refleti novamente sobre o caso. Os meus garotos tinham andado rio acima e rio abaixo, sem o menor resultado. A lancha não se encontrava em nenhum embarcadouro, nem armazém, e tampouco tinha regressado. Também não devia ter sido afundada para ocultar o rasto, apesar de haver sempre essa hipótese, se falhassem todas as demais. Eu sabia que esse tal Small era astuto, mas não o achava capaz de um plano requintado. Isso é produto de uma instrução superior. Então me lembrei que ele, estando em Londres já há algum tempo, conforme estava provado pela sua contínua vigilância na Pondicherry Lodge, dificilmente poderia partir de um momento para o outro; precisaria de alguns dias para pôr em ordem os negócios.

— Esse argumento me parece fraco — critiquei. — É mais provável que tivesse feito esses preparativos, antes de ir à Pondicherry Lodge.

— Não. Aquele esconderijo era valioso demais para que o abandonasse antes de estar certo de que não precisava mais dele. Jonathan Small deve ter pensado que o estranho aspecto do seu companheiro, por mais que o cobrisse de roupas, daria o que falar e até era provável que o relacionassem com a tragédia de Norwood. Era bastante esperto para saber disso. Tinham deixado o esconderijo sob a proteção da noite e Small desejaria regressar antes que fosse dia claro. Ora, segundo a sra. Smith, já passava das três da madrugada quando tomaram a lancha. Já devia estar bastante claro e, dentro de uma hora ou pouco mais, haveria gente por todos os lados. Conseqüentemente, calculei que não teriam ido muito longe. Devem ter pago a Smith para que

se calasse, escondido a lancha para a fuga definitiva e corrido ao esconderijo com a caixa do tesouro. Depois de terem tido tempo para ver o que os jornais diziam e saber se havia alguma suspeita, sairiam protegidos pelas trevas e iriam até algum navio em Gravesend ou em Downs, no qual sem dúvida já teriam obtido passagem para a América ou para as colônias.

— E a lancha? Não poderiam tê-la levado para o esconderijo?

— Exatamente. Não devia estar muito longe. Imaginei-me no lugar de Small e raciocinei como faria um homem com a sua capacidade. Provavelmente acharia que mandar a lancha de volta ou guardá-la num embarcadouro facilitaria as buscas da polícia se esta por acaso andasse no seu encalço. Como poderia ele esconder a lancha e ao mesmo tempo tê-la à mão, quando precisasse dela?

Só poderia pensar uma coisa: entregar a lancha a algum estaleiro da ribeira para um reparo qualquer. Nesse caso, a embarcação seria içada para uma rampa, ficando perfeitamente escondida e à disposição dentro de poucas horas.

Pois são justamente as coisas simples que freqüentemente nos escapam. Iniciei imediatamente a pesquisa disfarçado de marinheiro e andei investigando em todos os estaleiros. Em quinze deles não encontrei nada, mas no décimo sexto, no “Jacobson”, soube que a *Aurora* tinha sido deixada ali havia dois dias por um homem de perna de pau, para que fizessem um conserto no leme. “Mas o leme estava em perfeitas condições”, disse-me o capataz. “La está ela: é aquela de listras vermelhas”. Nesse momento, vi Mordecai Smith, o patrão desaparecido? Era evidente que tinha bebido demais. Eu não o teria reconhecido se ele não tivesse berrado o próprio nome e o da lancha. “Quero-a na água, hoje à noite, às oito em ponto”, repetiu, “porque tenho dois passageiros que não podem esperar”. Era óbvio que tinham pago muito bem, pois estava cheio de dinheiro que fazia barulho no bolso. Segui-o a certa distância, mas ele se meteu numa cervejaria. Voltei ao estaleiro e, tendo encontrado um dos meus garotos vadios, fiquei de sentinela nas proximidades da lancha. O meu garoto deverá ficar à beira da água e agitar um lenço, quando eles partirem. Estaremos ancorados próximos e será muito estranho se não apanharmos os patifes e o tesouro.

— Você planejou tudo, sejam ou não os homens que procuramos — criticou Jones. — Mas se o assunto estivesse nas minhas mãos, eu teria colocado meia dúzia de policiais no estaleiro “Jacobson” e os prendia no momento em que aparecessem.

— E esse momento nunca chegaria. Small é um sujeito esperto. Não deixaria de ter alguém de sentinela e, se desconfiasse de alguma coisa, se esconderia por outra semana.

— Mas você podia ter continuado a seguir Mordecai para descobrir o esconderijo — objetei.

— Nesse caso teria perdido o dia. Smith não deve saber onde eles moram. Enquanto tiver dinheiro e bebida não fará perguntas. Refleti em todas as ações possíveis e esta é a melhor.

Enquanto falávamos, íamos passando sob a longa série de pontes que atravessam o Tâmis. Ao defrontarmos a cidade, os últimos raios de sol douravam a cúpula da catedral de St. Paul e o crepúsculo já envolvia tudo quando alcançamos a Torre.

— Aquele é a estaleiro “Jacobson” — disse Holmes, apontando para uma floresta de mastros da lado de Surrey. — Reduzam a velocidade e ancorem aqui; ficaremos ocultos por esta fila de barcos.

Tirando do bolso um binóculo noturno, olhou para a costa durante algum tempo.

— Estou vendo a minha sentinela no seu posto — apontou ele —, mas não avisto nenhum sinal de lenço.

— E se descêssemos o rio e ficássemos à espera deles? — sugeriu Jones, ansiosamente.

Já estávamos todos preparados. Os policiais e marinheiros tinham uma idéia muito vaga do que estava acontecendo.

— É pouco provável — respondeu Holmes — que eles desçam o rio, mas não podemos estar certos. Deste ponto enxergamos a entrada do estaleiro e eles dificilmente nos verão. A noite será clara e haverá bastante luz. Devemos ficar onde estamos. Vejam toda aquela gente à luz do gás.

— Estão saindo do trabalho do estaleiro.

— Parecem vagabundos mas, em cada um deles, há uma pequena centelha imortal. Olhando-os, ninguém pensaria nisso. Que estranho enigma é o homem!

— Alguém já o definiu como “alma escondida num animal” — lembrei.

— Winwood Reade equaciona bem esse problema social — citou Holmes. — Diz que, embora o homem individual seja um enigma insolúvel, o agregado humano representa uma certeza matemática. Nunca se pode predizer, por exemplo, o que fará um homem, mas é possível prever as

atitudes do grupo humano. Os indivíduos variam, mas as percentagens permanecem constantes. Assim falam as estatísticas. Mas... estarei vendo um lenço? Distingo uma coisa branca se agitando.

— Sim, é o nosso garoto — exclamei. — Vejo-o nitidamente.

— E lá vai a *Aurora* — apontou Holmes. — Zarpando como o diabo! Para frente, a todo o vapor, maquinista! Siga aquela lancha com uma luz amarela. Nunca me perdoarei, se ela nos deixar ficar para trás!

A lancha tinha saído do estaleiro sem ser vista, passando por trás de duas ou três pequenas embarcações. Agora descia rapidamente o rio, não muito longe da costa. Jones olhou seriamente e abanou a cabeça.

— É muito veloz. Duvido que possamos alcançá-la.

— Temos de alcançá-la — exclamou Holmes, por entre dentes. — Mexa essa pá, fogueiro! Dêem o máximo de pressão! Precisamos alcançá-los, nem que isto vá pelos ares!

Íamos agora a todo o vapor. A fornalha roncava e a poderosa máquina pulsava como um grande coração de metal. A proa alta e aguda cortava a água serena do rio, lançando uma onda para cada lado. A cada vibração da máquina, a embarcação tremia como um ser vivo. Uma grande lanterna amarela, à nossa proa, lançava um trêmulo facho de luz e, no mesmo rumo, um vulto escuro indicava onde ia a *Aurora*, ao passo que uma esteira branca de espuma nos permitia avaliar a sua espantosa velocidade. Passávamos como flechas por navios mercantes e barças, ziguezagueando por detrás deste e pela frente daquele outro. Vozes gritavam da escuridão, mas a “*Aurora*” continuava a todo o vapor e nós, no seu encalço.

— Mais carvão, mais carvão! — gritou Holmes, olhando pela escotilha da casa das máquinas, com o rosto ansioso, iluminado pelo vivo clarão da fornalha. — Dêem-lhe o máximo de pressão.

— Creio que estamos um pouco mais perto — avaliou Jones, que não tirava os olhos da “*Aurora*”.

— Não há dúvida — confirmei. — Estaremos ao lado dela dentro de poucos minutos.

Nesse momento, porém, quis a má sorte que um rebocador com três chatas cortasse a nossa rota. Se não fosse um golpe violento do leme, teríamos batido. Quando contornamos esse obstáculo, a “*Aurora*” tinha ganho uns bons duzentos metros. Continuava, no entanto, bem à vista.

O lusco-fusco incerto do crepúsculo ia se transformando numa noite clara e estrelada. As nossas caldeiras sofriam um esforço brutal e o frágil

casco vibrava com a intensa energia que nos impulsionava. Tínhamos passado velozmente pelo “Pool”, pelas “West Índia Docks”, entrando pelo Braço de Deptford e seguindo por trás da ilha dos Cães.

A mancha escura à nossa frente foi se transformando nas linhas esbeltas da “Aurora”. Jones iluminou-a com o nosso projetor de bordo, de maneira que podíamos ver distintamente as figuras no convés. Um homem ia sentado à popa, com um volume preto entre os joelhos, sobre o qual se inclinava. A seu lado havia uma massa escura, que parecia um cão terra-nova. O rapaz manobrava o leme e, ao clarão da fornalha, vi o velho Smith de dorso nu, jogando carvão como um demônio.

A princípio, podiam duvidar que estivessemos realmente os perseguindo, mas, agora que os acompanhávamos em todas as guinadas da sua rota, já não podiam ter dúvidas a esse respeito. Em Greenwich estávamos cem braços atrás deles. Em Blackwall não seriam mais do que oitenta. Tenho perseguido muitos animais em muitos países nesta minha múltipla existência, mas nunca tive uma emoção tão forte como essa doida caçada humana, pelo rio Tâmis.

Metro a metro, íamos nos aproximando deles. No silêncio da noite, ouvíamos o esforço e a trepidação das suas máquinas. O homem da popa continuava abaixado no convés, movendo os braços ocupado em qualquer coisa e, de vez em quando, media com os olhos a distância que ainda nos separavam. Estávamos mais perto, cada vez mais perto.

Jones gritou que parassem. Estávamos num trecho desimpedido do rio, entre a margem de Barking e Level e a dos melancólicos pântanos de Plumstead. Ao nos ouvir, o homem da popa ergueu-se bruscamente e mostrou-nos os punhos fechados, praguejando a plenos pulmões. Era um tipo vigoroso, de estatura avantajada e, como olhava para nós de pernas abertas, pude ver abaixo da coxa direita o coto de pau. Ao som dos seus gritos raivosos, um vulto agitou-se no convés. Levantou-se e vi um homúnculo preto, com uma cabeça enorme e as cabeleiras em pé. Holmes já tinha sacado o revólver e eu saquei o meu, vendo daquela criatura horrível e selvagem. Estava enrolado num cobertor que só lhe deixava à mostra o rosto, e eu nunca tinha visto feições tão acentuadamente bestiais e cruéis. Os seus olhos cintilavam com um brilho sinistro e os lábios grossos mostravam os dentes que rilhavam com fúria animal.

— Atire, se o vir levantar a mão — recomendou Holmes, calmamente.

Desta vez, estávamos a vinte metros de distância, quase tocando na nossa presa.

Felizmente, víamos o selvagem com nitidez, porque nesse instante ele tirou de baixo do cobertor um tubo de madeira curto do tamanho de uma régua escolar e levou-o à boca. As nossas pistolas dispararam ao mesmo tempo. O selvagem ergueu os braços para o ar e, com uma espécie de tosse sufocante, mergulhou na correnteza. No mesmo instante, o homem da perna de pau agarrou o leme e guinou-o para que a lancha virasse bruscamente para a margem sul.

Passamos rente à popa, quase tocando no “Aurora”. Em poucos momentos completávamos a curva e íamos novamente no encalço, mas já estavam perto da costa. Era um lugar solitário e inóspito, onde a Lua brilhava sobre uma vasta charneca com poças de água estagnada e brejos lodosos.

A lancha, com um baque surdo, encalhou sobre o barranco mole, ficando de proa alta no ar e com a popa inundada. O fugitivo saltou, mas a sua perna de pau se enterrou no lodo. Em vão se esforçava para se soltar, mas não podia avançar nem recuar. Gritava de raiva, mas os seus esforços só o faziam enterrar ainda mais a perna de pau. Quando atracamos a nossa lancha, estava tão firmemente atolado que só passando-lhe uma corda sob os braços conseguimos arrancá-lo e içá-lo para bordo. Os dois Smith, pai e filho, permaneceram sentados na lancha, silenciosos e vieram para a nossa, humildemente, quando ordenamos. A “Aurora” foi arrastada e amarrada à nossa popa. Uma sólida arca de ferro lavrado à maneira indiana achava-se sobre o convés. Era, sem dúvida alguma, a mesma que guardava o funesto tesouro dos Sholtos. Não tinha chave e pesava bastante. Foi transferida cuidadosamente para o nosso pequeno camarote. Ao voltarmos rio acima, lentamente, viramos o projetor de bordo em todas as direções, mas não havia o menor sinal do selvagem. Em algum lugar no leito negro do Tâmis, jazem para sempre os seus ossos.

— Veja isto — indicou Holmes, apontando para a escotilha de madeira. — Não fomos muito rápidos com as pistolas.

Com efeito, exatamente atrás do lugar onde estávamos quando disparamos, achava-se cravado um daqueles dardos assassinos. Devia ter passado entre nós no momento em que atiramos. Holmes sorriu e encolheu os ombros, com a sua maneira despreocupada, mas confesso que sinto náuseas ao pensar na morte horrível que naquela noite passou tão perto de nós.

CAPÍTULO 11 – O SEGREDO DE AGRA

Nosso prisioneiro ia sentado no camarote, diante do cofre que tanto esforço fez para obter. Era um tipo de olhos inquietos, queimado do sol, com uma rede de rugas que lhe traçavam as feições morenas, denunciando uma vida dura ao ar livre. O queixo forte indicava tratar-se de um homem que não desiste facilmente dos seus intentos. Andaria pelos cinquenta anos, pois o cabelo preto e crespo estava entremeado de fios grisalhos. O rosto não era desagradável, embora as sobrancelhas cerradas e o queixo agressivo lhe dessem uma expressão terrível nos momentos de cólera. Estava sentado agora com as mãos algemadas sobre os joelhos, observando o cofre que tinha sido a causa dos seus crimes. Parecia sentir mais tristeza do que raiva.

— Teve pouca sorte, Jonathan Small — comentou Holmes, acendendo um charuto.

— Não há dúvida — respondeu. — Não acredito que consiga me livrar desta. Mas juro que nunca levantei a mão contra sr. Sholto. Foi aquele diabo, o Tonga, que lhe soprou um dos seus malditos dardos. Não tive culpa disso. Fiquei tão aborrecido como se ele fosse meu parente. Chicoteei o patife com a ponta da corda, mas já não havia remédio.

— Tome um charuto — ofereceu Holmes. — E aceite um gole do meu frasco, porque você está todo molhado. Como podia esperar que um homem tão fraco e pequeno como o seu selvagem pudesse dominar sr. Sholto e segurá-lo, enquanto você subia pela corda?

— O senhor parece saber de tudo como se lá estivesse. A verdade é que eu não esperava encontrar ninguém na sala. Conhecia os hábitos da casa e, àquela hora, sr. Sholto costumava descer para o jantar. A melhor defesa que posso apresentar é dizer a verdade. Se ele fosse o velho major, o teria matado com a maior satisfação. Mas é duro ter de ir para a prisão por causa daquele jovem Sholto com quem eu não tinha desentendimento algum.

— Você fica entregue a sr. Athelney Jones, da Scotland Yard. Ele vai levá-lo a minha casa e você vai fazer um relato completo sobre o caso. Se não me esconder nada, é possível que ainda o ajude. Creio que posso provar que o veneno age tão rapidamente, que Sholto já estava morto antes de você ter entrado na sala.

— E estava mesmo, cavalheiro. Nunca tive um susto tão grande na minha vida como quando o vi rindo para mim, com a cabeça caída sobre o ombro, no

momento em que entrei pela janela. Quase matei o Tonga por ter feito aquilo. Foi por isso que ele deixou cair a carteira com alguns dos seus dardos feitos de espinhos. Mas o destino não deixa de ser cômico — acrescentou, com um sorriso amarelo. — Eu, com todo o direito a meio milhão de libras, passei metade da vida construindo um quebra-mar em Andamã, e agora, muito provavelmente, passarei a outra metade cavando esgotos em Dartmoor. Maldito o dia em que pus os olhos no mercador Achmet e me meti com o tesouro de Agra, que nunca trouxe outra coisa senão desgraça para o homem que o possuísse.

Nesse instante Athelney Jones enfiou a cabeça e os ombros na escotilha do pequeno camarote.

— Uma festazinha em família, hem? — ironizou. — Acho que também preciso de um gole dessa garrafa, Holmes. Creio que todos podem se alegrar. Pena é que não tivéssemos apanhado o outro vivo, mas não havia alternativa. Você, Holmes, tem de confessar que brincou com a sorte. A sua lancha ia ficando para trás.

— Realmente, ignorava que a “Aurora” corria tanto.

— Smith diz que é uma das mais rápidas do Tâmis e que, se ele tivesse outro homem para ajudá-lo na máquina, nunca a teríamos alcançado. Jura que nada sabia deste assunto de Norwood.

— Não sabia — confirmou Small. — Nem uma palavra! Escolhi a lancha dele porque me disseram ser rápida. Smith foi apenas bem pago e receberia uma bela quantia se alcançássemos o nosso navio, o “Esmeralda”, em Gravesend, que estava de partida para o Brasil.

— Se ele nada fez de mal, trataremos de evitar que algum mal lhe aconteça. Apanhamos os homens em flagrante, mas não temos pressa em condená-los.

Era divertido observar como o importante Jones já começava a se vangloriar, agora que a captura estava feita. Vendo o sorriso nos lábios de Sherlock Holmes, observei que aquela tirada não lhe escapou.

— Estamos chegando à ponte de Vauxhall — anunciou Jones —, e lá o desembarcaremos com o tesouro, dr. Watson. Não preciso lhe dizer que estou assumindo uma grande responsabilidade ao fazer isto. Está completamente fora das normas, mas é evidente que um acordo é um acordo. Porém, o inspetor terá de acompanhá-lo, já que o senhor leva uma carga tão preciosa. Irá de coche?

— Sim.

— É uma pena não termos a chave para fazermos um prévio inventário.

Terá de arrombar o cofre. Onde está a chave, Small?

— No fundo do rio — respondeu este, secamente.

— Hum! Não havia necessidade de nos dar mais este trabalho. Você já nos deu muito que fazer. De qualquer maneira, Doutor, tenha cuidado. Leve o cofre com você quando voltar para a Baker Street. Lá nos encontrará de passagem para o posto da polícia.

Desembarcaram-me em Vauxhall, com a pesada caixa de ferro e um inspetor que era um simpático brutamontes. Quinze minutos depois, estávamos na casa de sra. Cecil Forrester. A criada pareceu surpresa com aquela visita tardia. Explicou que sra. Cecil Forrester tinha saído e só voltaria muito tarde. A srta. Morstan estava na sala de estar. Deixei o gentil inspetor no carro e entrei na sala de estar com a caixa na mão.

Ela estava sentada junto da janela aberta, com um vestido de tecido branco e transparente e uma nota escarlata no pescoço e na cintura. A luz suave de um candeeiro de mesa, no momento em que se inclinava para trás na cadeira de balanço, iluminava seu rosto grave e doce, dando tons metálicos aos belos caracóis do seu opulento cabelo. A mão branca repousava num braço da cadeira e a sua postura e fisionomia manifestavam melancolia. Mas, ao som dos meus passos, ergueu-se rapidamente e um leve rubor de surpresa e satisfação coloriu suas faces pálidas.

— Ouvi um coche parar à porta — declarou. — Julguei que sra. Forrester tivesse voltado mais cedo, mas não imaginei que pudesse ser o senhor. Que notícias me traz?

— Trouxe algo melhor que notícias — anunciei, pondo o cofre sobre a mesa e falando jovialmente, embora me sentisse constrangido. — Trouxe-lhe uma coisa que vale por todas as notícias do mundo. Trouxe-lhe uma fortuna.

Ela olhou para o cofre.

— É o tesouro? — perguntou-me com certa frieza.

— Sim, é o grande tesouro de Agra. Metade é sua, a outra metade é de Thaddeus Sholto. Cada um ficará com duzentos e cinquenta mil. Pense nisso! Uma renda anual de dez mil libras. Haverá poucas moças tão ricas na Inglaterra. Não é magnífico?

Creio que exagerava a minha satisfação, pois ergueu as sobrancelhas e me olhou de um modo curioso.

— Se o tenho — disse —, o devo a você.

Apressei-me a corrigir:

— Não a mim, mas ao meu amigo Sherlock Holmes. Nem que eu tivesse a maior boa vontade do mundo, jamais poderia ter encontrado uma pista que, a certa altura, até chegou a desafiar o seu gênio analítico.

— Por favor, sente-se e me conte tudo, dr. Watson.

Narrei resumidamente o que tinha ocorrido desde que eu a vi pela última vez. O método de investigação aplicado por Holmes, a descoberta da Aurora, o aparecimento de Athelney Jones, a nossa expedição noturna e a movimentada caçada pelo Tâmis. Ela ouvia o relato das nossas aventuras como lábios entreabertos e os olhos brilhantes. Quando falei no dardo que, por pouco não nos atingiu, ficou muito pálida.

— Desculpe — murmurou, quando me apressei a lhe servir um copo de água. — Já estou bem. Levei um susto ao pensar no terrível perigo a que expus os meus amigos.

— Agora tudo está acabado — tranqüilizei-a. — Não lhe contarei outros pormenores sinistros. Tratemos de algo mais alegre. Aqui está o tesouro. Consegui autorização para lhe trazer, pois julguei que interessaria ser a primeira pessoa a vê-lo.

— Realmente, tenho o maior interesse — respondeu sem a menor ansiedade na voz.

Pensei que, sem dúvida, poderia parecer indelicadeza da sua parte mostrar-se indiferente a algo que tanto nos custou ganhar.

— Que linda arca! — apreciou, inclinando-se para o cofre. — É um trabalho indiano?

— Sim. Serralheria de Benares.

— E tão pesada! — exclamou, tentando erguê-la.

— A caixa deve ser valiosa. Onde está a chave?

— Small a jogou no rio Tâmis — respondi. — Precisarei usar o atizador de sra. Forrester.

O cadeado, grande e pesado, era trabalhado em baixo-relevo, com a forma de um Buda sentado. Enfiei-lhe a ponta do atizador e torci-o como uma alavanca. O cadeado se abriu com um forte estalo. De mãos trêmulas, levantei a tampa. Ambos ficamos olhando, atônitos. A caixa estava vazia!

Não admirava que fosse tão pesada. Os desenhos de metal que a cobriam tinham mais de um centímetro de espessura. Era uma arca maciça, sólida,

construída para conter objetos de grande valor, mas dentro dela não havia ouro nem jóias. Estava absoluta e inteiramente vazia.

— Perdeu-se o tesouro — observou a srta. Morstan calmamente.

Ouvindo estas palavras e compreendendo o que significavam, pareceu-me que uma grande sombra sumia da minha alma. Eu só descobri quanto aquele tesouro de Agra me pesava, quando o tiraram dos meus ombros. Era egoísmo, sem dúvida. Estava sendo injusto e desleal, mas só pensava no desabamento daquela muralha de ouro que se ergueu entre nós.

— Graças a Deus! — exclamei.

A srta. Morstan me olhou com um sorriso de interrogação.

— Por que diz isso? — sondou.

— Porque você está novamente ao meu alcance — respondi, pegando sua mão, que ela não retirou. — Porque a amo, Mary, como nunca um homem amou uma mulher. Porque esse tesouro, essa riqueza, selava os meus lábios. Agora que ele desapareceu, posso dizer quanto a amo. Foi por isso que disse “Graças a Deus!”

— Eu também digo “Graças a Deus” — sussurrou, quando a puxei para mim.

Se alguém, naquela noite, perdeu um tesouro, eu acabava de ganhar um bem maior.

CAPÍTULO 12 – A ESTRANHA HISTÓRIA DE JONATHAN SMALL

O inspetor que me esperava no coche era um homem muito paciente, pois levei muito tempo para voltar para junto dele. Quando mostrei a caixa vazia, se assustou.

— Lá se vai a gratificação! — suspirou melancolicamente. — Onde não há dinheiro, não há recompensa. Esta noite de trabalho valia bem uma nota de dez para mim, e outra para Sam Brown, se o tesouro estivesse aqui.

— Sr. Thaddeus Sholto é um homem rico — lembrei. — Ele o gratificará.

Mas o inspetor sacudiu a cabeça.

— Não — repetiu. — Isto é péssimo. E sr. Athelney Jones será da mesma opinião.

A previsão estava certa, porque o detetive ficou desconsolado quando

cheguei à Baker Street e lhe mostrei a caixa vazia. Holmes, ele e o preso tinham acabado de chegar, pois mudaram os planos e passaram em primeiro lugar pelo posto da polícia. O meu companheiro reclinava-se na poltrona, com a expressão desatenta que lhe era habitual, e tinha sentado diante dele o impassível Small, com a perna de pau cruzada sobre a sã. Quando exhibi a caixa vazia, o perneto atirou-se para trás e desatou a rir.

— Isso é coisa sua, Small — disse Athelney Jones furioso.

— É, sim. Guardei-o onde o senhor nunca o encontrará — exclamou ele exultante. — O tesouro me pertence e, se não posso ficar com ele, ninguém mais ficará. Afirmo que nenhum homem vivo tem direito ao tesouro, exceto três condenados que estão no presídio de Andamã e eu. Sei agora que não podemos dispor dele. Tudo o que fiz foi tanto por mim como por eles. Sempre agi sob o signo dos quatro. Pois bem, sei que eles esperavam de mim exatamente o que fiz: atirei o tesouro ao Tâmis, antes que fosse parar nas mãos dos parentes de Sholto ou de Morstan. Não foi para enriquecê-los que fizemos o que fizemos a Achmet. O senhor encontrará o tesouro no mesmo lugar onde está a chave e o pequeno Tonga. Quando vi que a sua lancha ia nos alcançar, me desfiz do cofre. Não há recompensa para você, nesta viagem.

— Você tenta nos enganar — objetou Athelney Jones gravemente. — Se quisesse jogar o tesouro no Tâmis, seria mais fácil jogá-lo com caixa e tudo.

— Era mais fácil para eu o jogar e mais fácil para os senhores o encontrarem — respondeu, com um olhar astuto. — O homem que foi bastante esperto para me descobrir também o deve ser para tirar uma caixa de ferro do fundo do rio. Mas valores dispersos, por cinco ou seis milhas, já é mais difícil. Podem acreditar que me custou fazer aquilo. Fiquei quase louco ao ver que me alcançavam. De qualquer maneira, já passei por muitos altos e baixos nesta vida e aprendi a não chorar sobre o leite derramado.

— Isto é um caso muito sério, Small — censurou o detetive da Scotland Yard. — Se você auxiliasse a Justiça, teria melhores probabilidades no seu julgamento.

— Justiça! — escarneceu o sentenciado. — De quem seria o tesouro, senão nosso? Que justiça é essa que me obriga a cedê-lo aos que nunca fizeram nada para ganhá-lo? Quer saber como o ganhei? Com vinte longos anos passados num pântano cheio de febres, trabalhando o dia inteiro debaixo das mangueiras, passando as noites acorrentado numa cabana imunda, picado pelos mosquitos, consumido pela doença, maltratado pelos guardas pretos que gostavam de se vingar dos brancos. Foi assim que ganhei o tesouro de

Agra, e o senhor me fala em justiça porque não posso deixar que outro aproveite aquilo que me custou tão alto preço! Prefiro ser enforcado dez vezes ou fincar na pele um daqueles espinhos do Tonga, a viver na cela de um sentenciado, sabendo que outro homem mora num palácio com o dinheiro que devia ser meu.

Small tirou sua máscara de impassividade e tudo isto lhe saíra aos borbotões, ao passo que os seus olhos fuzilavam e as algemas retiniam com os seus gestos violentos. Perante a fúria daquele homem, compreendi que não foi infundado o medo que tomou conta do major Sholto ao saber que aquele presidiário ludibriado estava no seu encalço.

— Você se esquece de que não sabemos de nada — interveio Holmes tranqüilamente. — Ainda não ouvimos a sua história e, por isso, não podemos dizer até que ponto a justiça estava inicialmente do seu lado.

— Bem, o senhor tem falado comigo com delicadeza, apesar de eu ver muito bem que só a você devo agradecer a estes “braceletes” que tenho nos pulsos. Mas não lhe guardo rancor por isso. Se quer ouvir a minha história, não tenho motivo para ocultá-la.

Sou do Worcestershire, nascido perto de Pershore. Aposto que encontrará um bando de Smalls se for por lá. Sempre tive vontade de fazer uma visita ao meu condado, mas a verdade é que nunca fui uma honra para a família e duvido que se alegrassem com a minha presença. Todos eles eram gente séria, pequenos fazendeiros indo sempre à igreja, conhecidos e respeitados pelas redondezas, ao passo que eu sempre fui meio rebelde. Quando estava com meus dezoito anos, não lhes dei mais trabalho porque arranjei um problema com uma ronda e só pude escapar me alistando no 3º Grupo de Infantaria que estava de partida para a Índia.

Mas o meu destino não era ficar muito tempo na vida de soldado. Mal tinha aprendido a manejar um mosquete, tive a loucura de ir me banhar no rio Ganges. Por sorte o sargento da minha companhia, John Holder, também estava dentro de água e era um dos melhores nadadores do exército. Um crocodilo me atacou quando eu estava no meio do rio, abocanhando a perna direita e cortando-a com mais destreza que um cirurgião, logo acima do joelho. Com o susto, a dor e a perda de sangue, desmaiei e teria morrido afogado, se Holder me não levasse para a praia. Estive cinco meses no hospital e, quando pude sair, mancando, com este pedaço de pau amarrado à perna, estava fora do exército, inválido para o serviço militar e para qualquer ocupação ativa.

Como podem imaginar, a sorte não me ajudava nessa época, pois ainda não tinha feito vinte anos e já era um aleijado inútil. Mas a minha desventura não era mais do que uma bênção disfarçada. Um homem chamado Abel White, que foi para lá como plantador de índigo, queria um feitor para cuidar dos seus homens e fazê-los trabalhar. Aconteceu que era amigo do nosso coronel e que este se tinha interessado por mim desde o acidente. Recomendou-me para esse emprego e, como a maior parte do serviço tinha que ser feita a cavalo, a minha perna não era um grande obstáculo, porque me sobrou joelho suficiente para me manter firme na sela.

O meu serviço era passear a cavalo pela plantação, manter os homens sob vigilância e apontar os que não trabalhavam. O pagamento era bom, tinha um alojamento confortável e estava disposto a passar o resto da minha vida na plantação de índigo. Sr. Abel White era um homem bondoso e, de vez em quando, aparecia na minha casinha e fumava uma cachimbada comigo, porque lá os brancos se tratavam melhor do que aqui.

Mas a sorte nunca durou muito. De repente, eclodiu o Grande Motim. Num mês a Índia parecia tão pacífica e tranqüila como Kent ou Surrey e, no mês seguinte, duzentos mil diabos negros andavam à solta e o país transformou-se num inferno.

Naturalmente, os senhores sabem o que aconteceu... e muito melhor do que eu, pois a leitura não é o meu forte. Só sei o que vi com os meus olhos. A nossa plantação ficava num lugar chamado Muttra, perto da fronteira das províncias do Noroeste. Todas as noites o céu ficava vermelho com o incêndio dos bangalôs e, todos os dias, pequenos grupos de europeus passavam pelas nossas terras com as suas mulheres e filhos a caminho de Agra, onde estavam as nossas tropas mais próximas. Sr. Abel White era um homem teimoso. Enfiou na cabeça que as notícias eram exageradas e que a revolta acabaria tão subitamente como tinha começado. Ficava sentado na varanda, bebendo uísque e fumando charutos, enquanto ao redor dele todo o país estava em chamas. É claro que Dawson e eu não o abandonamos. Este, juntamente com a mulher, fazia a escrita e administrava a plantação.

Certo dia, eu tinha ido a uma plantação distante e voltava a trote para casa, descansado, quando notei um vulto no fundo de um barranco. Meti o cavalo devagar para ver o que era e o sangue me gelou nas veias quando reconheci a mulher de Dawson, toda golpeada nas costelas e meio comida pelos cães nativos e chacais. Um pouco mais adiante, na estrada, estava o cadáver de Dawson, de bruços, com um revólver vazio na mão e quatro soldados hindus caídos uns sobre os outros, na frente dele. Esporeei o cavalo

sem saber para onde ir, mas nesse momento avistei um rolo de fumaça na direção do bangalô de Abel White e em seguida as chamas que começavam a destruir o telhado.

Compreendi que já não podia ajudar o meu patrão e que perderia a minha vida se me metesse naquilo. De onde estava, podia ver centenas de indianos ainda com a túnica vermelha nas costas, dançando e berrando em volta da casa incendiada. Dois ou três deles atiraram em mim e duas balas passaram assobiando acima da minha cabeça. Fugi a galope pelos arrozais e, altas horas da noite, estava em segurança dentro dos muros de Agra.

Como se viu depois, esta também não era grande. Todo o país estava em guerra. Onde quer que os Ingleses se reunissem, em pequenos bandos, defendiam o terreno de armas na mão. Nos outros lugares, eram fugitivos desamparados. Era uma luta de milhões contra centenas; e a parte mais cruel era aqueles homens contra os quais lutávamos: infantes, cavaleiros e artilheiros. As nossas tropas, que tínhamos ensinado e treinado a manejarem as nossas armas e a darem os nossos toques de clarim.

Em Agra, tínhamos o 3º Regimento de Fuzileiros de Bengala, alguns *sikhs*, duas companhias de cavalaria e uma bateria de artilharia. Um corpo de voluntários de caixeiros e comerciantes tinha sido organizado e nele me alistei com a minha perna de pau e tudo. Saímos para fazer frente aos rebeldes em Shahgunge, no início de julho, e conseguimos espantá-los durante algum tempo, mas a nossa pólvora acabou e tivemos de recuar para a cidade.

De todos os lados, só nos chegavam as piores notícias... o que não era para admirar, pois, se olharem para o mapa, verão que estávamos no centro do país. Lucknow está a umas boas cem milhas para leste e Cawnpore outro tanto para o sul. Em todos os pontos cardeais só havia tortura, assassinato e violência.

A cidade de Agra fervilhava de fanáticos e ferozes adoradores do diabo de todas as marcas. O nosso punhado de homens estava perdido nas ruas estreitas e tortuosas. Por isso, o comandante atravessou o rio e tomou posição no antigo forte de Agra. Não sei se algum dos senhores já leu ou ouviu alguma coisa a respeito desse velho forte. É um lugar muito estranho... o pior em que já estive, e olhem que tenho andado por lugares bem estranhos. Em primeiro lugar, é enorme. A sua área deve ter muitos hectares. Há uma parte moderna, que permitiu alojar a nossa guarnição, as mulheres, crianças, munições, víveres e tudo. Mas essa parte moderna não tem o tamanho da antiga, onde ninguém ia e ficava entregue aos escorpiões e lacraias. É toda

cheia de salas imensas e desertas, de passagens tortuosas e compridos corredores labirínticos, onde era muito fácil a gente se perder. Por esse motivo quase ninguém se aventurava a ir até lá, embora, de vez em quando, um ou outro grupo saísse a explorá-la com tochas.

O rio passava ao longo do forte, protegendo-o pela frente, mas atrás e dos lados tinha muitas portas que se tornava necessário guardar, tal como as da parte nova, onde estavam as tropas. A nossa gente era escassa e mal tínhamos soldados suficientes para guarnecer os ângulos da construção e manobrar os canhões. Por isso, não era possível destacar uma forte guarda para cada uma das portas. O que fizemos foi organizar uma casa da guarda central no meio do forte e deixar cada porta sob a vigilância de um branco e de dois ou três nativos.

Coube-me guardar, durante certas horas da noite, uma pequena porta isolada que dava para a ala sudoeste do edifício. Dois soldados *sikhs* foram postos sob o meu comando e recebi ordens para disparar o mosquete se houvesse qualquer ocorrência anormal, para poder contar com o auxílio imediato da guarda central. Mas, como esta ficava a uns bons duzentos passos através de um labirinto de passagens e corredores, eu duvidava que pudesse chegar a tempo de nos ajudar, caso houvesse um ataque.

Sentia-me orgulhoso por me terem confiado aquele pequeno comando, uma vez que era um recruta recente e, ainda por cima, aleijado de uma perna. Durante duas noites, montei guarda com os meus homens. Eram dois homens fortes e mal encarados, chamados Maomé Singh e Abdullah Khan, ambos guerreiros veteranos, que tinham lutado contra nós em Chilian Wallah. Falavam muito bem inglês, mas eu pouco podia conversar com eles, porque preferiam passar a noite conversando em *sikh*.

Quanto a mim, costumava ficar do lado de fora da porta, olhando para o rio largo e sinuoso e para as luzes tremulantes da grande cidade. A batida dos tambores, o matraquear dos tantãs e os berros e guinchos dos rebeldes, bêbados de ópio e haxixe, eram suficientes para nos lembrar, durante a noite, dos perigos vizinhos da outra margem do rio. De duas em duas horas, o oficial de serviço rondava os postos para se certificar de que tudo ia bem.

A terceira noite da minha guarda estava escura e feia, com uma chuvinha miúda e penetrante. Era tedioso ficar de sentinela do lado de fora da porta, horas a fio, com um tempo daqueles. Tentei várias vezes falar com os *sikhs*, mas não consegui. Às duas da manhã, passou a ronda, interrompendo um pouco a monotonia da noite. Vendo que os meus companheiros não queriam

conversar, tirei o cachimbo e larguei o mosquete para riscar um fósforo. Num lance, os dois *sikhs* saltaram em cima de mim. Um deles apanhou a minha arma e apontou para minha cabeça, enquanto o outro me metia uma faca no pescoço e jurava, por entre dentes, que me mataria se eu desse um passo.

O meu primeiro pensamento foi de que aqueles sujeitos estavam do lado dos rebeldes e que aquilo era o começo de um assalto. Se a nossa porta caísse nas mãos deles, o forte não resistiria e as mulheres e crianças seriam tratadas como o foram em Cawnpore. Talvez os senhores pensem que procuro impressioná-los a meu favor, mas dou a minha palavra de honra que, quando pensei nisso, apesar de sentir a ponta da faca no pescoço, abri a boca com a intenção de dar um grito, ainda que fosse o último, para avisar a guarda principal.

Mas o homem que me subjugava pareceu adivinhar meu pensamento, pois cochichou antes mesmo de eu conseguir gritar: “Não grite, o forte não corre perigo. Não há nenhum rebelde nesta margem do rio”. Havia um tom de verdade no que dizia e, se eu erguesse a voz, seria um homem morto. Esperei por isso em silêncio, para ver o que pretendiam de mim.

— Escute, *sahib* — disse o mais alto e de pior aspecto, que chamavam de Abdullah —, você fica do nosso lado ou lhe fechamos a boca para sempre. Não podemos hesitar. Ou fica de corpo e alma conosco, jurando-o sobre a cruz dos Cristãos ou esta noite o seu cadáver será lançado ao poço e passaremos para os nossos irmãos do exército rebelde. Não há meio caminho. Então? Vida ou morte? Só podemos dar três minutos para resolver, porque o tempo passa e tudo tem de ser feito antes de a ronda aparecer outra vez.

— Como posso resolver? — perguntei. — Vocês não me disseram o que querem de mim. Mas se for qualquer coisa contra a segurança do forte: é melhor cravarem essa faca, de uma vez para sempre.

— Não é nada contra o forte. Só lhe pedimos que faça aquilo que os seus compatriotas estão fazendo na nossa terra. Pedimos que enriqueça. Se ficar conosco esta noite, juramos pelo “triplo juramento” que até hoje nenhum *sikh* quebrou, que você terá uma justa parte. Um quarto do tesouro será seu. Melhor, não podemos oferecer.

Mas que tesouro é esse? perguntei. — Tenho tanta vontade de enriquecer como vocês, mas digam o que devo fazer.

— Jura, então — disse ele —, pelos ossos do seu pai, pela honra da sua mãe, pela cruz da sua fé, não levantar a mão nem dizer uma palavra contra nós, agora ou depois?

— Juro — respondi —, desde que o forte não fique em perigo.

— Então, o meu companheiro e eu juraremos que você terá um quarto do tesouro, que será dividido igualmente entre nós quatro.

— Mas somos três — observei.

— Não. Dost Akbar também deve ter a sua parte.

Podemos lhe contar esta história, enquanto os aguardamos. Fique à porta, Maomé Singh, e avise quando eles chegarem. A coisa é a seguinte, *sahib*, e vou contar porque sei que um juramento também é sagrado para os europeus e posso confiar em você. Se fosse um hindu mentiroso, embora tivesse jurado por todos os falsos deuses dos seus templos, o sangue dele já estaria nesta faca e o seu corpo na água. Mas o *sikh* conhece o inglês e o inglês conhece o *sikh*. Escute o que tenho a dizer.

— Há um rajá⁽⁹⁾ nas províncias do Norte que é muito rico, apesar de serem poucas as suas terras. Herdou muito por parte do pai e juntou mais ainda, porque é avarento e guarda o seu ouro em vez de gastá-lo. Quando rebentou a revolta, quis ficar bem com o leão e com o tigre... com as tropas da Rainha e com os soldados hindus. Mas, pouco depois, achou que o fim dos brancos tinha chegado porque, de toda a parte, só vinham notícias da morte e derrota deles. Então fez os seus planos para salvar, ao menos, metade da sua fortuna.

O que era ouro e prata guardou-o nos subterrâneos do palácio, mas as gemas mais preciosas, as pérolas mais raras que possuía, guardou-as numa caixa de ferro e entregou-a a um fiel criado para que este, disfarçado de mercador, a depositasse no forte de Agra, onde ficaria até que a paz voltasse. Assim, se os rebeldes triunfassem, ele ficaria com o dinheiro; mas, se as tropas da Rainha vencessem, as suas jóias estariam salvas. Depois de dividir a fortuna, passou para os soldados hindus, já que nas suas fronteiras eles eram os mais fortes. Ora, procedendo dessa maneira, a sua propriedade passa a pertencer aos que souberam defender a sua bandeira.

Esse falso mercador, que viaja sob o nome de Achmet, está agora na cidade de Agra e deseja chegar ao forte. Tem por companheiro de viagem o meu irmão de leite, Dost Akbar, que conhece o segredo. Dost Akbar prometeu conduzi-lo, esta noite, a uma porta lateral do forte e escolheu precisamente a nossa. Chegará dentro em pouco e aqui encontrará a mim e a Maomé Singh à espera dele. O lugar é solitário e ninguém o verá chegar.

O mundo nada mais saberá do mercador Achmet, mas o grande tesouro do rajá será dividido entre nós. Que diz a isto, *sahib*?

⁽⁹⁾ Príncipe ou soberano de Estado Indiano.

No Worcestershire a vida de um homem é uma coisa sagrada e importante, mas é muito diferente quando nos encontramos num mar de sangue e fogo e nos habituamos a ver a morte a cada instante. Que Achmet, o mercador, continuasse vivo ou morto, pouco me importava, mas a história do tesouro me entusiasmou e pensei no que faria com ele na minha terra e como a minha gente ficaria extasiada quando me visse voltar com os bolsos cheios de ouro. Estava, portanto, inteiramente decidido àquilo. Abdullah Khan pensando que eu hesitava, insistia:

— Lembre-se, *sahib* — sublinhou —, de que se esse homem for apanhado pelo comandante, será enforcado ou fuzilado e as suas jóias confiscadas pelo governador, de maneira que ninguém verá uma jóia a mais no seu bolso. Ora, já que seremos nós a apanhá-lo, por que não tratamos do resto? As jóias ficarão tão bem conosco como nos cofres do regimento. Ficaremos ricos. Ninguém saberá nada, porque estamos longe do mundo. Diga, *sahib*, se continua do nosso lado, ou se o devemos considerá-lo inimigo.

— Estou com vocês, de corpo e alma.

— Muito bem — respondeu —, devolvendo-me o mosquete. — Confiamos em você, porque tal como nós, não faltará à sua palavra. Agora só nos resta esperar pelo meu irmão e pelo mercador.

— O seu irmão sabe o que tencionamos fazer?

— O plano é dele.

A chuva continuava a cair insistentemente, pois estávamos no começo da estação chuvosa. Nuvens pesadas e escuras encobriam o céu; era difícil avistar alguém a mais de dez metros. Havia um profundo fosso diante da nossa porta mas, em certos lugares, a água tinha secado permitindo a passagem. Era estranho eu estar ali com aqueles dois ferozes, à espera de um homem que vinha para morrer em nossas mãos.

De repente, vi o clarão de uma lanterna do outro lado do fosso. Sumiu atrás de uns montes de terra para logo reaparecer, avançando lentamente na nossa direção.

— Aí vem eles! — exclamei.

— Brade alerta, *sahib*, como é da ordem — murmurou Abdullah. — Não os assuste. Mande-os ter conosco e nós faremos o resto, enquanto se mantêm de guarda.

A luz continuava a se aproximar, ora parando, ora avançando, até que pude ver dois vultos à beira do fosso. Deixei-os escorregar pelo declive e subir até meio caminho da nossa porta. Então gritei:

— Quem vem lá?

— Amigos — responderam.

Apontei a lanterna e iluminei-os. O primeiro era um enorme *sikh* com uma barba negra que quase lhe chegava ao cinto. A não ser no circo, eu nunca tinha visto um homem tão alto. O outro era gorducho e baixo, com um grande turbante amarelo e um volume na mão enrolado num xale. Parecia muito assustado, pois as mãos tremiam e virava a cabeça para a esquerda e para a direita, com olhos piscos, como um rato que se apresta a sair do seu refúgio. Incomodava-me a idéia de matá-lo, mas pensei no tesouro e senti o coração endurecer. Quando viu que eu era branco, soltou um grito de alegria e correu para mim.

— Proteção, *sahib* — arfou —, a sua proteção para o pobre mercador Achmet. Atravessei todo o Rajput em busca do abrigo do forte de Agra. Fui roubado, espancado e insultado porque sou amigo do governo. Abençoada seja esta noite em que me encontro novamente em segurança... eu e as minhas míseras coisas.

— Que tens aí? — perguntei.

— Uma caixa de ferro — respondeu —, que contém alguns objetos de família, sem qualquer valor para os outros, mas eu sentiria muito se os perdesse. Porém, não sou um mendigo e poderei recompensá-lo, assim como ao seu comandante, se ele me der o abrigo que venho pedir.

Quanto mais eu olhava para a sua cara gorda e assustada, mais cruel me parecia matá-lo a sangue-frio.

— Levem-no à casa da guarda — ordenei.

Os dois *sikhs* aproximaram-se dele, um de cada lado, e o gigante colocou-se à retaguarda. Assim entraram em direção ao corredor escuro. Nunca um homem se viu tão cercado pela morte. Eu fiquei à porta com a lanterna.

Os seus passos cadenciados ressoavam nos corredores solitários. De repente cessaram e ouvi vozes e o ruído de golpes. Um momento depois soou um rumor de passos precipitados na minha direção e o ruído de um homem correndo. Ergui a lanterna para iluminar o corredor e vi o gordo, correndo, com uma mancha de sangue no rosto. Atrás dele, como um tigre, vinha o gigantesco *sikh* barbudo com um punhal reluzindo na mão. O fugitivo já levava dianteira ao *sikh* e era evidente que, se passasse por mim e alcançasse o descampado, ainda conseguiria salvar a pele.

Tive pena dele, mas meti o mosquete entre as pernas e o homem caiu. Antes que pudesse se erguer, levou duas punhaladas nas costas. O homem não gritou nem moveu um músculo, ficando onde tinha caído. Como vêem, estou relatando tudo quanto aconteceu, seja ou não a meu favor.

O preso se calou e estendeu as mãos algemadas para o copo de uísque que Holmes lhe serviu. Confesso que, nessa altura, já não sentia pena daquele homem que participou de um crime a sangue-frio. Fosse qual fosse o castigo que lhe estivesse reservado, não podia sentir compaixão por ele.

Sherlock Holmes e Jones continuavam sentados com as mãos nos joelhos, profundamente interessados na história, mas com a mesma expressão de repulsa.

Small prosseguiu:

— Gostaria de saber quantos sujeitos no meu lugar teriam recusado uma parte do tesouro, sabendo que lhe cortariam o pescoço se mostrasse escrúpulos. Além disso, depois de o gordo ter entrado no forte, era a minha vida ou a dele. Se ele tivesse escapado, em pouco tempo saberiam de tudo e eu seria submetido a conselho de guerra e, provavelmente, fuzilado porque numa época como aquela não havia muita contemplação.

— Continue — incitou Holmes.

— Depois, Abdullah, Akbar e eu carregamos o corpo dele. Apesar de baixo, não era nada leve. Maomé Singh ficou de guarda à porta. Levamos o cadáver para um lugar que os *sikhs* já tinham preparado. Ficava a certa distância, através de uma passagem tortuosa, numa sala vazia, cujas paredes de tijolos estavam caindo aos pedaços. O chão afundou num ponto, formando uma sepultura natural, de modo que ali deixamos o mercador Achmet depois de cobri-lo com tijolos soltos. Feito isto, voltamos ao tesouro.

A caixa estava onde ele a tinha deixado cair, quando foi atacado pela primeira vez. É a mesma que está aberta na sua frente. Tinha uma chave suspensa por um cordão de seda. Abrimos e, à luz da lanterna, resplandeceu uma coleção de gemas como as das histórias que, quando garoto, eu lia em Pershore.

Depois de deliciarmos os nossos olhos, tiramos tudo para fora e fizemos um inventário. Continha cento e quarenta e três diamantes, inclusive um a que chamavam, se bem me lembro, “Grão-Mongol”, e diziam que era a segunda maior pedra existente no Mundo. Havia mais noventa e sete esmeraldas belíssimas e cento e setenta rubis, mas alguns deles eram muito pequenos; também quarenta carbúnculos, duzentos e dez safiras, sessenta e uma ágatas e uma grande quantidade de berilos, ônix, olhos-de-gato, turquesas e outras pedras cujos nomes eu naquela época nem sabia, mas que agora conheço melhor. Além disso, quase trezentas pérolas finíssimas, doze das quais estavam presas numa grinalda de ouro.

A propósito, estas últimas não estavam no cofre quando o recuperei.

Depois de contar essa riqueza, tornamos a colocá-la na caixa e a levamos à porta para mostrá-la a Maomé Singh. Então repetimos o nosso juramento de confiar uns nos outros e guardar o segredo. Combinamos esconder a caixa num lugar seguro até que a situação do país melhorasse e pudéssemos dividi-la igualmente entre nós. Não era conveniente reparti-la na ocasião porque, se um de nós fosse encontrado com pedras preciosas, causaria suspeitas e no forte não tínhamos lugar onde guardá-las. Levamos a caixa para a mesma sala onde tínhamos enterrado o corpo e, na parede mais bem conservada, fizemos um buraco, onde guardamos o tesouro.

No dia seguinte, desenhei quatro plantas, uma para cada um de nós, e firmamos em todas elas o nosso signo: o signo dos quatro, porque tínhamos jurado que nenhum ficaria com mais do que os outros. Quanto a esse juramento, nunca faltei a ele.

É desnecessário relatar como terminou o Grande Motim. Depois que Wilson tomou Delhi e *sir* Colin aliviou Lucknow, a espinha da revolta estava quebrada. Tropas novas começaram a chegar e o próprio Nana Sahib fugiu pela fronteira. Uma coluna avançada, sob o comando do coronel Greathed, entrou em Agra e eliminou os soldados hindus. A paz parecia voltar ao país e nós quatro já tínhamos esperanças de que estaria próximo o momento de sairmos em segurança com a nossa caixa. Mas essas esperanças foram frustradas pela nossa inesperada prisão como assassinos de Achmet.

Eis o que aconteceu: quando o rajá entregou as jóias nas mãos de Achmet, considerava-o um homem de confiança. Mas os orientais são desconfiados, de forma que não hesitou em enviar um segundo criado, ainda mais fiel, para espiar o primeiro. Este segundo homem tinha ordens para não perder Achmet de vista. Naquela noite vinha atrás dele e viu-o entrar pela nossa porta. Naturalmente, pensou que Achmet se refugiou no forte e no dia seguinte foi lá pedir abrigo, mas não o encontrou. Isto lhe pareceu estranho, falou ao sargento da guarda e a história foi parar nos ouvidos do comandante. Fizeram imediatamente uma busca rigorosa e o corpo foi descoberto. Assim, quando já nos julgávamos seguros, fomos todos presos e julgados por crime de morte: três, porque guardávamos a porta naquela noite, e o quarto, por ter sido visto na companhia da vítima.

Durante o julgamento ninguém falou das jóias, pois o rajá tinha sido deposto e exilado. Mas ficou bem claro que o homem foi assassinado e era evidente que devia ter sido obra nossa. Os três *sikhs* apanharam uma sentença de trabalhos forçados por toda a vida e eu fui condenado à morte, mas depois mudaram a minha pena e tive a mesma sorte dos outros.

Estávamos os quatro amarrados por uma perna, com pouquíssimas chances de escapar, e cada um de nós possuindo um segredo que nos daria a fortuna. Por fim, pareceu chegar a minha oportunidade. Fomos transferidos de Agra para Madras e, de lá, para Blair, que é uma das ilhas de Andamã. Havia poucos sentenciados brancos nesse estabelecimento e, como desde o princípio eu sempre me comportei bem, fiquei sendo uma pessoa privilegiada. Deram-me um casebre em Hope Town, que é um lugarejo no sopé do monte Harriet, e me deixavam quase que entregue a mim mesmo. É um lugar terrível, com malária por toda a parte e rodeado de tribos canibais. Tínhamos de cavar valas e plantar inhame, de maneira que trabalhávamos o dia inteiro. Mas à noite sobrava-nos algum tempo. Entre outras coisas, aprendi a preparar remédios para o cirurgião e também alguma coisa do seu ofício. Andei sempre à procura de uma oportunidade para fugir, mas a ilha fica a centenas de quilômetros de qualquer outra terra e naqueles mares o vento é escasso, sendo quase impossível escapar.

O cirurgião, dr. Somerton, era um rapaz alegre e brincalhão, e os outros oficiais jovens se reuniram à noite no alojamento dele para jogar cartas. A farmácia, onde eu manipulava as minhas drogas, ficava ao lado da sala dele, separada por uma janelinha. Muitas vezes, quando me sentia muito só, apagava a luz da farmácia e ficava ouvindo as conversas e olhando para o jogo. Não participava das partidas de cartas, e ver os outros jogarem era quase tão bom como estar com o baralho na mão. Eram o major Sholto, o capitão Morstan e o tenente Bromley Brown, que comandavam a guarnição de soldados nativos e, além do cirurgião, havia dois guardas graduados do presídio, que eram muito hábeis com as cartas. Formavam uma roda discreta e matavam o tempo.

Logo de início, notei que os soldados perdiam sempre e só os civis ganhavam. Não estou dizendo que fizessem trapaça, mas só se entretinham jogando cartas. Desde que estavam nas ilhas, cada qual conhecia o jogo do parceiro de cor e salteado, ao passo que os outros só jogavam por passatempo e deitavam as cartas a esmo. Cada noite os soldados ficavam mais pobres e quanto mais perdiam, mais queriam jogar. O major Sholto era quem estava com maior prejuízo. A princípio, pagava em notas e moedas de ouro, mas em breve começou a assinar letras e as somas não eram pequenas. Às vezes ganhava umas paradas, que só serviam para entusiasamá-lo e depois a sorte virava-se contra ele. Começou então a beber mais do que convinha.

Certa noite, perdeu uma quantia muito maior do que costumava. Eu estava sentado à porta do meu casebre quando ele e o capitão Morstan passaram cabisbaixos, a caminho dos seus alojamentos. Eram amigos inseparáveis. O major lamentava as suas perdas.

— Está tudo acabado, Morstan. Tenho de deixar o Exército. Estou arruinado.

— Não sejas tolo, meu velho! — animou Morstan, dando-lhe uma palmada no ombro. — A minha sorte também anda negra, mas eu... — foi tudo o que ouvi, suficiente para me fazer pensar.

Dois ou três dias mais tarde, o major Sholto passeava pela praia e aproveitei a oportunidade para falar com ele.

— Precisa dos seus conselhos, Major — preambulei.

— Que há, Small? — perguntou, tirando o charuto da boca.

— Queria perguntar, Major, quem é a pessoa indicada para eu entregar um tesouro escondido. Sei onde está um que vale meio milhão e, como não posso fazer nada com ele, pensei que seria melhor entregá-lo às autoridades competentes, pois assim talvez me reduzissem a pena.

— Meio milhão, Small! — exclamou, me observando para ver se eu estava falando a sério.

— É verdade, Major... em jóias e pérolas. Está à espera de quem o vá buscar. O verdadeiro dono está exilado, de modo que o tesouro pertence a quem chegar primeiro.

— Pertence ao governo, Small — balbuciou.

Mas disse com muita hesitação e tive a certeza de que o apanhara.

— O senhor acha que devo informar o governador-geral? — perguntei tranqüilamente.

— Bem... não deve fazer nada precipitado para depois não se arrepender. Conte-me isso primeiro, Small, exponha-me os fatos.

Contei-lhe toda a história, com pequenas alterações, para que ele não pudesse identificar os lugares. Quando terminei, ficou pensativo, lutando consigo próprio.

— Isso é um assunto muito importante, Small. Não diga uma palavra a ninguém, até que eu venha falar com você.

Dois dias depois ele e o capitão Morstan vieram me ver na calada da noite.

— Quero que seja você a contar aquela história ao Capitão Morstan — propôs Sholto.

Repeti-a pelas mesmas palavras.

— Parece ser verdade — acrescentou.

O capitão Morstan concordou com um aceno.

— Escute, Small — disse o major. — Estivemos falando a esse respeito e chegamos à conclusão de que o assunto não é da conta do governo, mas do seu interesse particular, de maneira que você pode dispor dele como bem

entender. Agora a questão é esta: que preço pede por ele? Talvez possamos ir buscá-lo, se nos entendermos quanto às condições.

Tentava falar desinteressadamente, mas os seus olhos brilhavam de cobiça.

— Quanto a isso, Major — respondi, querendo mostrar a mesma indiferença —, só há um contrato que na minha situação um homem possa fazer. Quero que me ajudem a recuperar a liberdade e a dos meus três companheiros. Daremos sociedade no tesouro, com direito a um quinto para dividirem entre os dois.

— Isso não é muito tentador.

— Umas cinqüenta mil libras para cada um — especifiquei.

— Mas como o ajudaríamos a recuperar a liberdade? Você sabe muito bem que está pedindo o impossível.

— Já pensei em tudo com todos os pormenores. A única coisa que impede a nossa fuga é não termos um barco apropriado para a viagem, nem provisões para tanto tempo. Há muitas embarcações em Calcutá ou Madras, pequenos iates ou chalupas que nos serviriam muito bem. Tragam uma para cá. Entraremos a bordo de noite e, se nos deixarem em qualquer ponto da costa indiana, terão cumprido a sua parte no negócio.

— Se ao menos fosse um só... — sugeriu.

— Ou todos ou nenhum — respondi. — Fizemos um juramento. Os quatro devem estar sempre juntos.

— Como vê, Morstan? — disse Sholto. — Small é um homem de palavra. Não quer trair os amigos. Acho que podemos confiar nele.

— É um negócio sujo — respondeu o outro. — Mas como você diz, o dinheiro salvará os nossos pescoços.

— Muito bem, Small — decidiu o major. — Acho que podemos aceitar as suas condições. Mas temos, primeiro, de comprovar a veracidade da sua história.

Diga-me onde está escondido o cofre, que eu pedirei licença e irei à Índia no barco deste mês para averiguar o assunto.

— Não pode ser assim tão depressa — contrariei mais indiferente, à medida que ele se entusiasmava. — Preciso do consentimento dos meus três camaradas.

— Que disparate! — exclamou. — Que têm três indianos a ver com o nosso acordo?

— Pretos ou azuis — retorqui —, estão comigo e nós vamos todos juntos.

O acordo foi fechado numa segunda entrevista com a presença de Maomé Singh, Abdullah Khan e Dost Akbar. Ficamos de fornecer aos oficiais dois mapas daquela parte do forte de Agra e marcar o lugar da parede onde o tesouro estava escondido. O major Sholto iria à Índia para comprovar a

nossa história. Se encontrasse a caixa, devia deixá-la no mesmo lugar, mandar-nos um pequeno iate abastecido para a viagem, o qual ficaria no largo da ilha Rutland, onde o tomaríamos e depois voltaria para o seu posto. O capitão Morstan pediria, então, uma licença para se encontrar conosco em Agra e aí dividiríamos o tesouro, dando-lhe também a parte do major. Tudo isto foi selado com um juramento solene. Passei toda a noite desenhando e, de manhã, tinha dois mapas prontos e marcados como signo dos quatro, de Abdullah, Akbar, Maomé e meu.

Bem, cavalheiros, estou cansando vocês com esta história e sei que sr. Jones está ansioso por me ver balançar na ponta da corda. Vou terminar. O patife do Sholto embarcou para a Índia, mas não voltou. Pouco tempo depois, o capitão Morstan me mostrou o nome dele numa lista de passageiros de um vapor. Um tio dele havia morrido e lhe deixou uma fortuna. Ele pediu demissão do Exército, mas mesmo assim teve a baixeza de trair cinco homens. Morstan foi pouco depois a Agra e verificou que o tesouro tinha desaparecido. O canalha o tinha roubado sem cumprir uma só das condições do nosso contrato. Desde esse dia só vivi para a vingança. Pensava nisso todo o dia e ainda mais de noite. Tornou-se a minha obsessão. Pouco me importava a Lei... ou a forca. Fugir, encontrar Sholto e estrangulá-lo era esse o meu único pensamento. Até o tesouro de Agra já não tinha o mesmo valor.

Mas se passaram muitos anos antes que chegasse a minha oportunidade. Já lhes disse que tinha aprendido alguma coisa de medicina. Um dia, quando o dr. Somerton estava doente, um pequeno selvagem da ilha foi encontrado no mato por um grupo de sentenciados. Estava morrendo e tinha escolhido um lugar solitário para morrer. Dei-lhe a mão, embora ele fosse tão venenoso como uma serpente, e, após dois meses, salvei-o. Por isso se afeiçãoou a mim e nem quis voltar para o mato. Aprendi um pouco da língua nativa, o que ainda aumentou a sua afeição por mim.

Tonga era um excelente barqueiro e possuía uma canoa grande. Quando percebi que me era dedicado e faria qualquer coisa que eu quisesse, vi a oportunidade para fugir. Tonga devia trazer a canoa até um lugar abandonado onde não havia sentinela e ir ali me buscar de noite. Dei instruções para arranjar várias cabaças com água e uma boa quantidade de cocos, inhame e batatas.

Tonga era fiel a mim. Na noite combinada, encostou a canoa, mas aconteceu que um dos guardas do presídio estava lá... um malvado que nunca perdia a oportunidade de me maltratar. Eu tinha jurado me vingar dele e agora a sorte me favorecia. Era como se o destino o tivesse posto no meu caminho antes de deixar a ilha. Ele estava na praia com a carabina a tiracolo,

de costas para mim. Procurei uma pedra para esmagar-lhe a cabeça, mas não encontrei nenhuma.

Então me lembrei de utilizar outra arma. Sentei-me no escuro e desamarrei a minha perna de pau. Com três pulos, estava em cima dele. Ainda levou a arma ao ombro, mas atingi-o em cheio e fraturei a testa dele. Caímos juntos porque não pude manter o equilíbrio, mas quando me levantei ele já estava estendido na areia. Tonga tinha trazido consigo todos os seus bens. Entre outras coisas, tinha uma comprida lança de bambu e algumas esteiras de palha de coqueiro com a que armei uma espécie de vela. Durante dez dias andamos vagando à sorte. No décimo primeiro, fomos recolhidos por um cargueiro que ia de Singapura para Jiddah, com uma leva de peregrinos malaios. Era uma gente estranha, mas Tonga e eu nos demos bem com eles, pois ninguém fazia perguntas.

Andamos vagueando pelo mundo e sempre surgia qualquer obstáculo que nos impedia de vir para Londres. Durante todo esse tempo chegava a sonhar com Sholto. Matei-o mais de cem vezes! Finalmente, depois de três anos, chegamos à Inglaterra. Não tive dificuldade em descobrir onde Sholto morava e tratei de saber se tinha vendido o tesouro ou se ainda o conservava. Fiz amizade com alguém que podia me ajudar, cujo nome não revelo, e descobri que ainda tinha as jóias. Então procurei chegar até ele, mas o homem tinha dois guarda-costas, mais os filhos e o seu *khitmutgar* para protegê-lo.

Certo dia fui informado de que estava moribundo. Corri para lá imediatamente, pulei o muro e cheguei ao jardim, furioso por ver que escapava das minhas garras. Olhando pela janela, vi-o na cama com um filho de cada lado e assisti à sua morte. Nessa mesma noite, revirei os seus papéis para ver se havia alguma indicação a respeito do lugar onde tinha escondido as jóias.

Não encontrei um só indício, mas antes de sair pensei que se algum dia encontrasse os meus amigos *sikhs*, poderia lhes dizer que tinha deixado um sinal do nosso ódio. Assim, rabisquei o signo dos quatro num pedaço de papel, como o que estava nos mapas e pendurei ao peito de Sholto.

Nessa época, ganhávamos a vida nas feiras e noutros lugares onde eu exibia o pobre Tonga como um canibal feroz. Ele comia carne crua e dançava a sua dança de guerra, de maneira que ao fim do dia tínhamos sempre um punhado de vinténs. Eu continuava sabendo o que se passava em Pondicherry Lodge, e soube que estavam à procura do tesouro. Finalmente o encontraram. Estava na teto da casa, por cima do laboratório químico de sr. Bartholomeu Sholto.

Fui lá imediatamente, mas compreendi que nunca poderia subir até àquela janela com a minha perna de pau. Fiquei sabendo que havia um alcapão no telhado e a que hora sr. Sholto descia para o jantar. Pareceu-me, então, que poderia

utilizar Tonga. Trouxe-o comigo e enrolei uma comprida corda na cintura dele. Subiu como um macaco e, logo que chegou ao telhado, entrou pelo alçapão; mas quis a má sorte que Bartholomeu Sholto ainda estivesse na sala.

Tonga pensava que tinha feito bem em matá-lo, pois quando subi pela corda, encontrei-o muito orgulhoso. Ficou espantado quando comecei a chicoteá-lo. Apanhei o cofre do tesouro e amarrei-o na corda. Depois, escorreguei por ela, tendo deixado o signo dos quatro em cima da mesa, para mostrar que as jóias haviam regressado às mãos de quem tinha mais direito a elas. Tonga puxou a corda, fechou a janela e saiu por onde tinha entrado.

Ouvi um marinheiro falar da velocidade da lancha de Smith, a Aurora, e pensei que seria uma ótima embarcação para a nossa fuga. Contratei o serviço e prometi a Smith que lhe daria uma grossa quantia se chegássemos sãos e salvos ao navio. Nunca foi informado do nosso segredo. Tudo isto é a pura verdade e, se estou contando, é por acreditar que a minha melhor defesa é nada esconder para que saibam o crime do major Sholto e que estou inocente da morte do seu filho.

— É um relato notável — considerou Sherlock Holmes. — Não há nada de novo para mim na última parte da sua narrativa, exceto que trouxe a corda com você. A propósito, pensei que Tonga tivesse perdido todos os seus dardos, mas consegui nos atirar um da lancha.

— Perdeu sim, menos um que ainda estava na sua zarabatana.

— Também não tinha pensado nisso.

— Há mais alguma coisa que deseja saber? — perguntou Small, afavelmente.

— Não, obrigado — respondeu o meu companheiro.

— Bem, Holmes — concluiu Athelney Jones —, você é um homem a quem temos de fazer a vontade e todos sabemos que é um perito em criminologia, mas já fui um pouco longe demais em atender ao que você e o seu amigo me pediram. Ficarei mais descansado depois de prender este sujeito. O coche ainda está à nossa espera e temos dois inspetores lá embaixo. Estou muito agradecido a ambos pelo auxílio. Naturalmente, serão chamados para depor durante o julgamento. Boa noite.

— Boa noite, cavalheiros — despediu-se Jonathan Small.

— Saia você à frente, Small — mandou o prudente Jones. — Não quero que me esmague a cabeça com a sua perna de pau.

— Aqui termina o nosso pequeno drama — comentei, depois de ficarmos fumando em silêncio. — Receio que esta seja a última investigação em que tive a oportunidade de estudar os seus métodos. A srta. Morstan me deu a honra de me aceitar como marido.

Holmes emitiu um som triste.

— Eu temia isso — resmungou. — Francamente, não posso felicitá-lo. Fiquei magoado.

— Tem alguma razão para não concordar com a minha escolha?

— Nenhuma. Acho que a srta. Morstan é uma das jovens mais encantadoras que jamais encontrei e que nos foi útil no nosso trabalho, por ter conservado o plano de Agra entre todos os papéis do pai. Mas o amor é um sentimento emotivo e prejudica o raciocínio frio e correto que coloco acima de tudo. Nunca me casarei, para evitar que isso perturbe o meu raciocínio.

— Acredito — declarei, rindo — que o meu possa sobreviver a esta prova. Mas você parece muito cansado.

— Sim, é a reação. Ficarei incapaz por uma semana.

— É estranho — observei — como aquilo a que noutro homem eu chamaria preguiça se alterna em você com acessos de esplêndida energia.

— Sim — respondeu —, tenho suficiente propensão para ser um grande preguiçoso e não menor tendência para me tornar num sujeito dos mais ativos. Frequentemente me ocorrem estas linhas de Goethe:

Schade, dass die Natur nur einen Menscha'us dir schuf, Denn
zum würdigen Mann war und zum Schelmen der Stoff⁽¹⁰⁾.

— Ainda a propósito do caso Norwood, viu como ele tinha um aliado dentro da casa? Só pode ter sido Lal Rao, o mordomo, de maneira que Jones teve realmente o mérito de apanhar um peixe nesta grande rede.

— Esta divisão não me parece justa — observei. — Você fez todo o trabalho neste caso. Eu arranjei uma esposa, Jones fica com o mérito, e você... o que lhe resta?

— Resta-me sempre a expectativa de, a cada momento, recomeçar um novo caso...

FIM

⁽¹⁰⁾ *Pena é que a Natureza tivesse feito de ti um só indivíduo, pois havia matéria para um homem digno e para um patife.*

ÍNDICE

O SIGNO DOS QUATRO

CAPÍTULO 1 – A CIÊNCIA DA DEDUÇÃO	7
CAPÍTULO 2 – A EXPOSIÇÃO DO CASO	12
CAPÍTULO 3 – EM BUSCA DE UMA SOLUÇÃO	17
CAPÍTULO 4 – A HISTÓRIA DO HOMEM CALVO	21
CAPÍTULO 5 – A TRAGÉDIA DE PONDICHERRY LODGE	29
CAPÍTULO 6 – SHERLOCK HOLMES FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO	34
CAPÍTULO 7 – O EPISÓDIO DO BARRIL	41
CAPÍTULO 8 – OS IRREGULARES DA BAKER STREET	51
CAPÍTULO 9 – UM LAPSO NA SEQUÊNCIA	58
CAPÍTULO 10 – O FIM DO ILHÉU	66
CAPÍTULO 11 – O SEGREDO DE AGRA	73
CAPÍTULO 12 – A ESTRANHA HISTÓRIA DE JONATHAN SMALL	77